

**CRISTINA CAIXETA BORGES**

**ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA: O CASO DA AVENIDA  
GETÚLIO VARGAS EM PATOS DE MINAS – MG.**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciência Florestal, para obtenção do  
título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2008

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

B732a  
2008

Borges, Cristina Caixeta, 1980-

Análise da paisagem urbana : o caso da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas-MG / Cristina Caixeta Borges. – Viçosa, MG, 2008.

xiv, 113f.: il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexo.

Orientador: Wantuelfer Gonçalves.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 109-111.

1. Arquitetura paisagística urbana - Patos de Minas (MG). 2. Espaços públicos - Aspectos sociais - Patos de Minas (MG). 3. Planejamento urbano - Participação do cidadão. 4. Arquitetura e sociedade. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDO adapt. CDD 634.99072

**CRISTINA CAIXETA BORGES**

**ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA: O CASO DA AVENIDA  
GETÚLIO VARGAS EM PATOS DE MINAS – MG.**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Ciência Florestal, para obtenção do  
título de *Magister Scientiae*.

**Aprovada: 17 de abril de 2008.**

---

**Profª. Dra. Aline Werneck Barbosa de Carvalho**  
(Co-orientadora)

---

**Prof. Dra. Regina Esteves Lustoza**  
(Co-orientadora)

---

**Prof. Dr. Elias Silva**

---

**Prof. Dr. James Jackson Griffith**

---

**Prof. Dr. Wantuelfer Gonçalves**  
(Orientador)

## EPÍGRAFE

### AVENIDA LIBERDADE

(Na minha cidade há uma avenida que se chamava liberdade)

Artéria por onde circula o sangue da cidade,  
essa avenida realça a vida que por ela passa:  
meninos brincando nas suas largas praças,  
donzelas colegiais, devotas beatas que vão à missa,  
na igreja matriz, mulheres fiéis e submissas,  
o namorado feliz fazendo serenata.  
Suas estátuas contam procissões e passeatas,  
comícios e posses, desfiles e quermesses,  
casamentos e batizados, folias e novenas.  
Velhos de bengalas em curtos passos  
demorando a tarde, sombras lentas que se ausentaram.  
A torre alta da igreja branca deságua na hora santa  
sinos, cantos e preces que correm no vento,  
no tempo que envelhece janelas e alpendres.  
Avenida passarela: passar por ela é desfilar-se  
e deixá-la espaçada, é abrir alas  
para que outros venham e passem.  
A avenida é livre caminho do por-vir  
e mesmo que lhe mudem o Nome,  
e lhe apaguem antigos rastos, ela permanece  
como uma janela que sempre amanhece  
quarada de luar, estendida ao sol, lavada de claridade.  
Os homens passam, mas a avenida segue  
atravessando idades com seus rumos largos  
de liberdade.

**Wilson Pereira**

## **DEDICATÓRIA**

**Aos patenses e paturebas  
amantes desta cidade...**

## AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa pela qualificação e aprimoramento profissional;

Ao meu orientador Wantuelfer Gonçalves (Departamento de Engenharia Florestal) pela confiança, pelo auxílio e estímulo constante durante todo o trabalho;

Às minhas co-orientadoras do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, Aline Werneck Barbosa de Carvalho e Regina Esteves Lustoza, pela dedicação, amizade e sincera orientação;

Aos professores do Departamento de Engenharia Florestal, Elias Silva e James Griffith, pelos conhecimentos lecionados durante o curso de pós-graduação e por terem aceitado o convite de participarem da banca;

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro durante a pesquisa;

Ao arquiteto e secretário de Planejamento, Marcelo Rodrigues, da Prefeitura Municipal de Patos de Minas pela rica entrevista graças ao seu vasto conhecimento da história de nossa cidade;

Ao arquiteto Alex Borges da Divisão de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de Patos de Minas pela amizade e auxílio no levantamento histórico da cidade;

Ao arquiteto Ocimar da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Patos de Minas pelas informações prestadas durante a pesquisa;

Ao fotógrafo Saulo Alves pelas fotografias cedidas para este trabalho;

Ao Altamir Fernandes pelo apoio e pelos livros e materiais disponibilizados;

Aos estudantes Saulo, Daniela e Renata, do curso de Ciências Biológicas da UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas), pelo suporte e auxílio nas pesquisas de campo (identificação das espécies e questionários);

Aos freqüentadores e usuários da Avenida Getúlio Vargas de Patos de Minas-MG, pela boa vontade em responder os questionários;

Aos colegas e amigos do Programa de Pós-graduação em Ciência Florestal, em especial ao Ricardo Teixeira, Clarissa Albrecht e Patrícia Bhering;

Aos meus amigos queridos que estão presentes em todos os momentos;

À minha família, em especial ao meu esposo Gustavo Gattás, pela eterna paciência, carinho e amor...

aos meus pais e irmãos por estarem sempre presentes mesmo quando ausentes, ao meu afilhado, Arthur, por trazer mais felicidade em minha vida, E, à Deus...que por sua força e luz não me deixa desistir nunca...

## BIOGRAFIA

**Cristina Caixeta Borges**, filha de Gilmar José Borges e Celma Maria Caixeta Borges, natural de Patos de Minas-MG, nasceu em 26 de maio de 1980.

Em março de 1998, ingressou no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, concluindo-o em agosto de 2003.

Em maio de 2006, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Ciência Florestal, em nível de Mestrado, do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa.

## SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	viii
Lista de Gráficos.....	x
Lista de Mapas.....	xii
Lista de Tabelas.....	xiii
Resumo.....	xv
<i>Abstract</i> .....	xv
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
Considerações Iniciais.....	1
O Objeto de Estudo.....	3
Objetivos.....	5
<b>Capítulo 1 – Considerações sobre o Urbanismo Moderno.....</b>	<b>6</b>
1.1. Considerações Iniciais.....	6
1.2. O Urbanismo Modernista na Europa.....	7
1.2.1 O caso de Paris.....	8
1.3. O Urbanismo Modernista no Brasil.....	9
1.3.1 O caso de Belo Horizonte.....	10
1.3.2 O caso do Rio de Janeiro.....	11
<b>Capítulo 2 – A Paisagem Urbana.....</b>	<b>13</b>
2.1. A Paisagem e o Espaço Livre.....	13
2.2. O Espaço e o Lugar.....	17
2.3. A praça como Lugar Público.....	19
2.4. A questão da Centralidade e do Zoneamento.....	21
<b>Capítulo 3 – Metodologia: as categorias de análise.....</b>	<b>24</b>
3.1. Morfologia Urbana.....	25
3.2. Percepção Ambiental.....	27
3.3. Paisagismo.....	30
3.3.1 Inventário das espécies.....	30
3.3.2 Mapa de sombra.....	31

<b>Capítulo 4 – Caracterização da Área de Estudo.....</b>	<b>33</b>
4.1. Breve Histórico de Patos de Minas.....	33
4.2. Dados Importantes sobre Patos de Minas.....	35
4.3. A evolução urbana da Avenida Getúlio Vargas.....	36
4.4. A arquitetura na Avenida Getúlio Vargas.....	54
<b>Capítulo 5 – Resultados e Discussão.....</b>	<b>56</b>
5.1. Análise da Morfologia Urbana.....	60
5.2. Análise da Percepção Ambiental.....	71
5.3. Análise Paisagística.....	92
5.3.1 Inventário das espécies.....	92
5.3.2 Mapa de sombra.....	101
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>105</b>
<b>Recomendações.....</b>	<b>108</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>109</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>112</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea da Avenida Getúlio Vargas.....	4
Figura 2 – Mapa do Estado de Minas Gerais.....	35
Figura 3 – Casario em torno da antiga Matriz (década de 30).....	36
Figura 4 – Avenida Getúlio Vargas (década de 30).....	36
Figura 5 – Vista frontal da antiga Matriz (década de 50).....	37
Figura 6 – Vista lateral da antiga Matriz (década de 50).....	37
Figura 7 – Monumento do Centenário.....	38
Figura 8 – Vista parcial da Praça Cívica.....	38
Figura 9 – Altar da Pátria.....	38
Figura 10 – Vista frontal do Cruzeiro.....	39
Figura 11 – Vista lateral do Cruzeiro.....	39
Figura 12 – Catedral.....	39
Figura 13 – Levantamento de Patos (década de 30).....	40
Figura 14 – Vista da portaria do PTC.....	41
Figura 15 – Vista do PTC.....	41
Figura 16 – Busto do Olegário Maciel.....	42
Figura 17 – Casa de Olegário Maciel.....	42
Figura 18 – Escola Normal.....	42
Figura 19 – Coreto.....	43
Figura 20 – Vista dos banheiros do Coreto.....	43
Figura 21 – Vista dos bancos.....	43
Figura 22 – Palácio dos Cristais.....	44
Figura 23 – Rádio Clube de Patos.....	44
Figura 24 – Palacete Amadeu Maciel.....	44
Figura 25 – Residência Astrogilda.....	44
Figura 26 – Vista do largo e do Fórum (ao fundo).....	44
Figura 27 – Escola Marcolino.....	45
Figura 28 – Paineira Barriguda.....	45
Figura 29 – Monumento Homem do Balaio.....	45
Figura 30 – Vista parcial da Igreja Presbiteriana.....	46
Figura 31 – Casa de Saúde Imaculada.....	46
Figura 32 – Monumento do Escorregador.....	46
Figura 33 – Vista da Avenida (década de 60).....	47

Figura 34 – Vista parcial da Praça conservada pela CTBC.....	48
Figura 35 – Vista parcial da Praça conservada pelo Café Cristal.....	48
Figura 36 – Vista parcial da Praça conservada pelo Posto Elmo.....	48
Figura 37 – Residência de Zama Alves (1907).....	54
Figura 38 – Residência de Dr. Itagyba (1921).....	54
Figura 39 – Catedral (1934 - 1954).....	54
Figura 40 – Residência de Astrogilda (1950).....	55
Figura 41 – Antiga residência do Prefeito Camundinho (1940).....	55
Figura 42 – Residência de José Jorge Gomes (1940).....	55
Figura 43 – Palácio dos Cristais (1970).....	55
Figura 44 – Vista do desfile da Festa do Milho.....	61
Figura 45 – Vista do desfile da Festa do Milho.....	61
Figura 46 – Vista aérea da Avenida e as vias adjacentes.....	63
Figura 47 – Mapa Mental (desenho 1).....	88
Figura 48 – Mapa Mental (desenho 2).....	88
Figura 49 – Mapa Mental (desenho 3).....	89
Figura 50 – Mapa Mental (desenho 4).....	90
Figura 51 – Mapa Mental (desenho 5).....	91
Figura 52 – Mapa Mental (desenho 6).....	91
Figura 53 – Uvinha.....	99
Figura 54 – Palmeira Imperial.....	99
Figura 55 – Ipê.....	99
Figura 56 – Palmeira Areca-Bambu.....	100
Figura 57 – Sibipiruna.....	100
Figura 58 – Falsa-Murta.....	100
Figura 59 – Ficus.....	100
Figura 60 – Palmeirinha Chinês.....	100
Figura 61 – Oiti.....	100
Figura 62 – Coeleutéria.....	100

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de entrevistados por trecho da área de estudo.....	71
Gráfico 2 – Percentual de entrevistados por dia da semana.....	71
Gráfico 3 – Percentual de entrevistados por turno.....	72
Gráfico 4 – Percentual de entrevistados por gênero.....	72
Gráfico 5 – Percentual de entrevistados por idade.....	73
Gráfico 6 – Origem dos entrevistados.....	73
Gráfico 7 – Região de origem dos entrevistados.....	73
Gráfico 8 – Percentual dos entrevistados que residem em Patos de Minas.....	74
Gráfico 9 – Tempo de residência dos entrevistados em Patos de Minas.....	74
Gráfico 10 – Local de trabalho dos entrevistados.....	75
Gráfico 11 – Local de moradia dos entrevistados.....	75
Gráfico 12 – Escolaridade dos entrevistados.....	76
Gráfico 13 – Renda familiar dos entrevistados.....	76
Gráfico 14 – Profissão dos entrevistados.....	77
Gráfico 15 – Primeira coisa que vem a cabeça dos entrevistados.....	77
quando pensam na Avenida	
Gráfico 16 – O que os entrevistados mudariam na Avenida.....	78
Gráfico 17 – Tipo de atividade que deveria funcionar na atual sede da Prefeitura.....	79
Gráfico 18 – Freqüência de passagem dos entrevistados na Avenida.....	79
Gráfico 19 – Tempo de permanência dos entrevistados na Avenida.....	80
Gráfico 20 – O que os entrevistados fazem na Avenida.....	80
Gráfico 21 – Do que os entrevistados mais gostam na Avenida.....	81
Gráfico 22 – Classificação da Paisagem Natural segundo os entrevistados.....	81
Gráfico 23 – Classificação das Edificações antigas preservadas.....	82
segundo os entrevistados	
Gráfico 24 – Classificação da Arquitetura existente segundo os entrevistados.....	82
Gráfico 25 – Classificação do Mobiliário Urbano segundo os entrevistados.....	82
Gráfico 26 – Classificação da Iluminação noturna segundo os entrevistados.....	83
Gráfico 27 – Classificação da Conservação e Manutenção.....	83
segundo os entrevistados	
Gráfico 28 – Classificação da Segurança segundo os entrevistados.....	83
Gráfico 29 – Percentual dos entrevistados que consideram a Avenida.....	84
em local agradável para a permanência durante o dia	

Gráfico 30 – Percentual dos entrevistados que consideram a Avenida.....	84
em local agradável para a permanência durante a noite	
Gráfico 31 – Percentual dos entrevistados que gostariam da existência de.....	85
estabelecimento comercial (tipo barzinhos e restaurantes) na Avenida	
Gráfico 32 – Percentual dos entrevistados que acreditam que a Avenida.....	85
possibilita encontro entre as pessoas e manifestações populares	
Gráfico 33 – Eventos e atividades que mais agradam os entrevistados.....	86
Gráfico 34 – Existência de outros atrativos na Avenida além dos citados.....	87
segundo os entrevistados	

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Geral Área de Estudo.....	49
Mapa 2 – Mapa da Avenida em 1934 e 2007.....	50
Mapa 3 – Trecho I.....	51
Mapa 3 – Trecho II.....	52
Mapa 3 – Trecho III.....	53
Mapa 4 – Morfologia Urbana (Trecho I – Qs 1,2,3).....	64
Mapa 4 – Morfologia Urbana (Trecho II – Qs 4 e 5).....	65
Mapa 4 – Morfologia Urbana (Trechos II – Q 6 e III – Q 7).....	66
Mapa 4 – Morfologia Urbana (Trecho III - Qs 8 e 9).....	67
Mapa 4 – Morfologia Urbana (Trecho III – Q 10).....	68
Mapa 5 – Uso Público x Uso Privado.....	69
Mapa 6 – Fluxo de Veículos.....	70
Mapa 7 – Espécies Arbóreas (Trecho I – Qs 1,2,3).....	93
Mapa 7 – Espécies Arbóreas (Trecho II – Qs 4 e 5).....	94
Mapa 7 – Espécies Arbóreas (Trechos II – Q 6 e III – Q 7).....	95
Mapa 7 – Espécies Arbóreas (Trecho III - Qs 8 e 9).....	96
Mapa 7 – Espécies Arbóreas (Trecho III – Q 10).....	97
Mapa 8 – Mapa de Sombra (Trecho I).....	102
Mapa 8 – Mapa de Sombra (Trecho II).....	103
Mapa 8 – Mapa de Sombra (Trecho III).....	104

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência de espécies arbóreas amostradas na.....	98
Avenida Getúlio Vargas/Praça Dom Eduardo em Patos de Minas-MG	
Tabela 2 – Espécies arbóreas de maior ocorrência na.....	99
Avenida Getúlio Vargas/Praça Dom Eduardo em Patos de Minas-MG	

## RESUMO

BORGES, Cristina Caixeta, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2008. **Análise da Paisagem Urbana: o caso da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas-MG.** Orientador: Wantuelfer Gonçalves. Co-orientadoras: Aline Werneck Barbosa de Carvalho e Regina Esteves Lustoza.

A temática interação homem-espaço, considerada uma área de “trânsito interdisciplinar”, mostra-se complexa, na medida em que as atuações humanas produzem diferentes processos e fenômenos no espaço urbano. Desta forma, percebe-se a importância da elaboração de novas abordagens sobre as consequências da maneira de estar, viver e trabalhar em ambientes urbanos. A paisagem urbana caracterizada pelos espaços públicos muda constantemente sua forma e função por constituírem locais nos quais se realizam as relações entre homem e ambiente cotidianamente. Esses espaços possuem, também, alguns aspectos que levaram à sua decadência ou não-preservação, devido, em grande parte, à expansão urbana, especialmente quando seguem um modelo de sociedade e de cidade importado, o qual cada vez mais vem construindo espaços individualizados e segmentados. Desse modo, os estudos de percepção ambiental e de uso dos espaços públicos que já foram tomados pelo ritmo acelerado da modernidade visam promover o embasamento para intervenções espaciais que buscam restabelecer uma maior humanização e valorização da vida na cidade. No caso específico desta pesquisa referente à análise da paisagem urbana, abrangendo características urbanísticas, paisagísticas e de percepção ambiental da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas-MG, teve-se, dentre outros, o objetivo de fornecer o embasamento para futuras intervenções paisagísticas e urbanísticas na avenida, fundamentadas nos anseios e necessidades da população. O estudo de percepção ambiental consistiu na aplicação de questionários à população (300 entrevistados) e na execução de mapas mentais (10% dos entrevistados). O estudo da morfologia urbana propiciou a geração dos mapas do inventário das tipologias edíficas e do mobiliário urbano, do fluxo de veículos e da relação uso público x uso privado. O estudo paisagístico consistiu no inventário das espécies arbóreas encontradas na Avenida (CAP  $\geq$  60 cm) e nos mapas de sombra. Pretende-se, com os resultados obtidos, contribuir para os projetos municipais a serem implantados nesse espaço e para a sua preservação, como uma clareira no meio do concreto das construções da cidade, visando uma melhor qualidade de vida, não somente para as pessoas de hoje, mas, também, para as gerações futuras.

## ABSTRACT

BORGES, Cristina Caixeta, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, april of 2008. **Urban landscape analysis: the case of Getúlio Vargas Avenue in Patos de Minas-MG.** Adviser: Wantuelfer Gonçalves. Co-advisers: Aline Werneck Barbosa de Carvalho and Regina Esteves Lustoza.

Considering man-space interaction as an interdisciplinary area proves a complex task because human acts produce different processes and phenomena in urban space. Thus, one perceives the importance of seeking of different approaches of for being, living and working in urban environments. Public places in which the relationship between man and environment happens daily present aspects of decadence or depreciation due in great part to urban expansion, specially when has followed an imported model of society and city in which individualized and segmented spaces have been built. Studies on environmental perception and of use public spaces already influenced by the intense rhythm of modernity need to promote a basis for space intervention that seeks to reestablish humanization and life values in the city. This research related to urban landscape analysis, involving the urban characteristics of "Getúlio Vargas Avenue", in Patos de Minas, MG, intends guide future urban interventions for such avenues, focused on population needs. The environment perception study applied questionnaires three hundred people and executed mental maps for ten per cent of the interviewed people. The urban morphology study constructed inventory maps of building typologies, urban real estate vehicles flow and the relationship between public and private use. The landscape study inventoried trees found in the avenue ( $CAP \geq 60$  cm) and constructed shadow maps. The objective is to contribute to municipal projects to be implanted in such spaces and to their preservation, as a glade in the middle of concrete city buildings, providing higher life quality, not only for today's population but for the future generations as well.

## INTRODUÇÃO

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Algumas cidades brasileiras a partir do final do século XX passaram por modificações intensas em consequência do crescente índice de urbanização provocado pelo acelerado processo industrial e pela modernização da agricultura. Esses fatores trouxeram uma significativa expansão dos centros urbanos, despreparados para absorver o contingente de pessoas em busca de melhores condições de vida.

As cidades que se transformaram em alvo de investimentos governamentais, pelas políticas de habitação e industrialização, sofreram um processo de crescimento e expansão urbanos desordenados. O ambiente urbano como resultado dessa forma de uso e ocupação, gera um contraste, na medida em que a vegetação é substituída pelas massas construídas atuando de forma opressiva na paisagem, com influências psicológicas para a maioria da população.

Rossini (1983) afirma que o espaço é organizado e transformado de acordo com os interesses do homem, permanecendo o lugar sem demonstrar, de forma mais visível e rápida essa transformação.

Entretanto, se o processo de urbanização é inevitável, o que se deve buscar é tornar o ambiente urbano o mais próximo possível do ambiente natural<sup>1</sup>, compatibilizando o desenvolvimento com a conservação ambiental e proporcionando melhoria na qualidade ambiental urbana.

Saber interpretar problemas reais em termos dos processos ecológicos e sociais afetados pela degradação urbana é um desafio complexo, pois envolve questões naturais, sociais e políticas (Coelho, 2001).

Desse modo, a arborização urbana, a implantação de praças e parques urbanos e, também, a manutenção de espaços públicos verdes, são medidas que podem atenuar os efeitos da degradação ambiental, uma vez que proporcionam uma série de vantagens, como: melhoria na qualidade do ar; efeito quebra-vento; absorção de poeira; aumento do prazer contemplativo, por meio da melhoria do aspecto estético e visual; estabilidade microclimática e, por conseguinte, conforto térmico; redução de poluição sonora; valorização de espaços; abrigo e alimento para pássaros (Rezende, 1997).

De modo geral, a manutenção desses espaços públicos nas cidades brasileiras não tem planejamento e passam por problemas de manejo. A intervenção em um ambiente natural requer um planejamento adequado, pois os problemas urbanos a serem

---

<sup>1</sup> O conceito de "ambiente natural" citado neste trabalho trata-se do ambiente não construído, das áreas livres verdes.

mitigados envolvem avaliações estéticas, ecológicas, psicológicas, sociais, econômicas e políticas.

Os espaços públicos, principalmente as praças e os parques urbanos, atualmente, estão perdendo sua função social, no sentido de possibilitar o encontro das pessoas, pois estas estão cada vez mais em busca dos espaços individualizados e segmentados.

Como afirma Tuan (1980), o surgimento de espaços individualizados é uma forma de afastamento do que é considerado velho, antigo, ultrapassado, quando diz que o espaço público é uma realização que agora tendemos a denegrir.

Como perceber e dar significado a um espaço que vem desaparecendo à medida que o tempo passa e as transformações ocorrem rapidamente? Desloca-se o lugar de reunião e passeio para outros como *shoppings*, *playgrounds*, condomínios, ou nem isso, pois devido à violência de hoje, as pessoas ficam encarceradas em suas casas sem sair, a não ser de carro, às ruas, calçadas, parques e jardins.

Os espaços públicos mudaram suas formas de uso e função, mas continuam sendo espaços abertos no meio do concreto da cidade para se poder respirar um ar melhor. Desta forma, para reverter o quadro de degradação e promover uma maior humanização dos espaços urbanos, é de suma importância investigar as problemáticas provindas das modificações do meio urbano por meio de estudos em espaços públicos em busca da qualidade ambiental nas cidades.

Nesse sentido, a fim de compreender a percepção das pessoas que freqüentam esse tipo de espaços públicos de uma cidade, optou-se pelo estudo da Avenida Getúlio Vargas, em Patos de Minas-MG, cidade localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. O referido espaço público, com suas quadras centrais arborizadas e delineadas de forma a proporcionar passagem e convívio, foi escolhido pela sua importância histórica, cultural e política para a vida na cidade.

## O OBJETO DE ESTUDO

Com traçado peculiar, a Avenida Getúlio Vargas representa os primórdios da ocupação e formação do Arraial de Santo Antônio da Beira do Paranaíba, atual cidade de Patos de Minas-MG.

A Avenida Getúlio Vargas estende-se ao longo de sete quadras, além da Praça Dom Eduardo composta por mais três quadras. As quadras centrais, de formato retangular, se dispõem em formato de canteiros diferenciados entre si, compondo “praças” com arborização, paisagismo e mobiliário urbano (ver figura 1).

Considerada cartão postal da cidade, palco de comemorações, atrações, manifestações festivas, cívicas e religiosas, além de abrigar edifícios de interesse arquitetônico e histórico, a Avenida é testemunha da história da população patense.

O interesse pelo referido espaço público, além do seu caráter histórico, deve-se, dentre outras razões, por ter um tratamento diferenciado na legislação urbanística municipal, por ser um bem tombado pelo município e por possuir restrições específicas quanto ao uso e ocupação do solo.

Cada quadra possui características próprias, seja pelo seu projeto paisagístico, pelos seus monumentos, pelo seu entorno, ocorrendo um uso diferenciado desse espaço pelas pessoas que o freqüentam.

Cotidianamente, grande parte do movimento na Avenida Getúlio Vargas é motivado pelo funcionamento da Prefeitura, localizada num ponto central da referida avenida. Contudo, com o projeto do novo Centro Administrativo, daqui a algum tempo, os serviços prestados pela prefeitura não funcionarão mais no local, podendo ser reduzido parte desse movimento.

A manutenção da vitalidade desse espaço público é de suma importância para conservar não somente a história da população, mas a qualidade ambiental urbana, na medida em que proporciona um encontro com o ambiente natural e com as pessoas em geral.

O estudo da percepção ambiental através da resposta dos sentidos das pessoas aos estímulos externos emitidos pelo espaço irá caracterizar as expectativas e idéias que essas pessoas fazem do ambiente que constantemente freqüentam. A partir desse estudo, será possível desenvolver propostas de intervenções para a Avenida Getúlio Vargas, vendo-a como um espaço que se transforma em lugar (Tuan, 1980), pela sua percepção, uso, apropriação, criação de territórios, pelo vínculo que se pode criar com

este lugar de forma mais afetiva, com sensibilidade para sua importância histórica, sua localização central, pelo seu valor estético e, inclusive, ambiental.

Desta forma, a importância de se realizar uma pesquisa de percepção ambiental na Avenida Getúlio Vargas está relacionada à possibilidade de fornecer embasamento aos projetos da gestão municipal em espaços públicos que são de interesse de toda a sociedade. Este estudo auxiliará na execução do Projeto de Reformulação da Avenida Getúlio Vargas, a ser realizado pela Divisão de Patrimônio Histórico e pela Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, que buscará recursos do Ministério do Turismo. Além disto, a pesquisa poderá oferecer suporte às futuras reformulações no Plano Diretor do município, às reestruturações urbanísticas e paisagísticas na área e também à proposta de reformulação do novo uso da atual sede da Prefeitura.

Vale ressaltar que o método utilizado neste trabalho pode ser aplicado em estudos de outras cidades, podendo contribuir em trabalhos de espaços urbanos e de percepção ambiental.



Figura 1 – Vista aérea da Avenida Getúlio Vargas.  
Fonte: Saulo Alves, 2002

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

- Analisar o processo urbanístico, paisagístico e social da Avenida Getúlio Vargas em Patos de Minas-MG, através da percepção ambiental e do estudo do uso do espaço público pelos usuários;

### **Objetivos Específicos**

- Estudar a temática sobre urbanismo, espaço urbano e espaços públicos;
- Estudar as características físico-morfológicas, ambientais e sociais da Avenida Getúlio Vargas;
- Identificar e analisar de que forma o desenho urbano e a paisagem natural interferem na percepção e no uso do espaço pelo usuário.
- Nortear futuras intervenções paisagísticas e urbanísticas na Avenida baseado nos anseios e necessidades da população.

## **CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O URBANISMO MODERNO**

Este capítulo busca compreender as conseqüências do Urbanismo Moderno, assim como várias questões co-relacionadas, para as transformações no espaço urbano, tendo em vista que as intervenções urbanísticas que ocorreram em cidades européias e capitais brasileiras influenciaram o traçado urbanístico da cidade de Patos de Minas.

### **1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O Urbanismo é um campo do conhecimento onde se aplica a investigação sobre a realidade do espaço urbano e suas manifestações concretas, tendo a cidade como principal objeto de estudo.

Considerado como uma ciência que nasceu no final do século XIX, o Urbanismo surgiu como prática das transformações necessárias à realidade caótica das condições de habitação e salubridade em que viviam os habitantes de grandes cidades européias, na época da Revolução Industrial.

Segundo Sampaio (2001), houve grandes discussões técnico-científicas sobre o Urbanismo nos CIAM's (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna). Em 1933, em Atenas, foram estabelecidos os princípios do Urbanismo Moderno, que podem ser encontrados no documento denominado "Carta de Atenas". Neste documento o Urbanismo ainda é considerado uma ciência que busca novas técnicas de construção para atender às necessidades do homem do século XX (habitar, circular, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito). Esses princípios influenciaram a forma de pensar a cidade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, quando se fez a reconstrução de muitas cidades européias.

A partir de então se desenvolveu um caráter mais crítico e analítico sobre os problemas urbanos, com grande contribuição teórica de várias áreas de conhecimento (Choay, 1992).

Agache (1930, p.12), conceitua o Urbanismo como:

Uma ciência, e uma arte e, sobretudo uma filosofia social. Entende-se por urbanismo, o conjunto de regras aplicadas ao melhoramento das edificações, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, a extensão e o embelezamento de uma cidade, levados a efeito, mediante um estudo metódico da geografia humana e da topografia urbana sem descurar as soluções financeiras.

Segundo esta concepção, o Urbanismo confunde-se com o embelezamento da cidade e a com as preocupações de natureza higienista.

Outros autores tentam definir o Urbanismo como algo que não é ciência, nem arte, mas que compreende tudo que diz respeito à vida social do homem, como indivíduo isolado e como parte da coletividade, sendo, portanto, considerado um campo multidisciplinar.

Visto a partir desse prisma, o Urbanismo ultrapassa largamente a esfera do ordenamento morfológico, não se limitando a uma simples técnica. Ele passaria a abarcar o campo da comunidade, da planificação social, pois a cidade reflete o estado da sociedade e nela é expressa também uma determinada concepção do mundo, devendo basear-se sempre, em primeiro plano, na melhoria das condições de vida dos habitantes da cidade (Bonet Correa, 1989).

Desta forma, deve-se buscar entender o Urbanismo como o conjunto de ações voltadas ao planejamento, à gestão da cidade e ao ordenamento do uso e ocupação do solo urbano em várias escalas, porém com uma abordagem multidisciplinar acerca do território (sob seus aspectos históricos, culturais, econômicos), envolvendo várias áreas do conhecimento, sobretudo as questões políticas, de maneira que se possa alcançar a sustentabilidade sócio-ambiental urbana.

## **1.2. O URBANISMO MODERNISTA NA EUROPA**

Com o desenvolvimento da era industrial, a Europa Ocidental vivenciou um processo novo no seu contexto social: o crescimento das cidades e o conseqüente caos urbano. A invasão da trama urbana pelas fábricas e o adensamento excessivo aumentaram o grau de insalubridade das moradias, pois a cidade não possuía estrutura física, fazendo as pessoas se amontoarem em pequenos cômodos sem ventilação natural, em espaços onde o esgoto corria a céu aberto e o lixo amontoava-se nas ruas estreitas. Com toda essa desordem foi crescendo também o número de epidemias e desastres como incêndios que destruíam bairros inteiros, tornando as cidades ambientes desumanos e inabitáveis.

Neste contexto político, econômico e social surge o Urbanismo Moderno com várias correntes de pensamentos, idéias e conceitos pautados na qualidade de vida ambiental no meio urbano, primando por exigências sanitaristas e traçando novos conceitos do que seria a cidade ideal em termos de moradia, circulação, desenho urbano, entre outros.

O processo de desenvolvimento do urbanismo moderno foi sendo constituído por um discurso de apelo à ciência e à técnica, que tinha por objetivo legitimar as intervenções na cidade, povoando a mente de diversas gerações de engenheiros, arquitetos e urbanistas.

O urbanismo progressista é obcecado pela modernidade. A cidade do século XX deve ser de seu tempo, afirmar a contemporaneidade de tudo àquilo que se traduz como o avanço da técnica: a indústria, o automóvel, o avião. A estética modernista à base de racionalidade e austeridade é acompanhada pelo desprezo à cidade antiga (Harouel, 1990, p.8).

Esse novo conceito baseava-se numa nova modernidade que primava por um urbanismo mais racionalista e de avanço técnico, optando por uma cidade mais limpa pautada em zonas específicas, com funções distintas, habitações, trabalho e lazer, com zonas de circulação concebidas com distanciamento das áreas construídas e classificadas por diferentes vias e velocidades. As grandes possibilidades trazidas pela industrialização e pela técnica no século XIX possibilitaram ao urbanismo da modernidade ir além dos meros projetos arquitetônicos ou das intervenções isoladas.

Os elementos de referência urbana deste período estão ligados à noção de movimento. A Revolução Industrial dinamizou a cidade tradicional, transformando sua estrutura. A ordem do dia era mobilidade, circulação, tanto de pessoas quanto de mercadorias e de capital. A mudança se materializou e se fez visível através das grandes reformas da época, como as de Paris, Barcelona e Viena, por exemplo, que rasgaram o tecido tradicional com largas avenidas, *bulevares*, linhas de trem e metrô.

### 1.2.1 O CASO DE PARIS

As intervenções urbanísticas de Haussmann em Paris, consideradas como modelo do urbanismo moderno, influenciaram várias reformas em cidades do mundo inteiro no final do século XIX e início do século XX.

Diante das epidemias que atingiram Paris em meados do século XIX, os projetos dos engenheiros de Haussmann utilizaram recursos como parques, *squares* e avenidas arborizadas, para resolver os problemas da higienização urbana, tendo como base o pensamento de criar uma cidade de interligações, através de um sistema viário com uma geometria rígida.

(...) Cidade de movimentos e de fluxos, a Paris de Haussmann é também uma cidade de redes, rede viária realizada pelo Serviço Municipal de Obras de Paris, rede de água e esgotos (...) (Salgueiro, 2001, p.86).

A cidade pensada pelos engenheiros de Haussmann foi equipada em seus mínimos detalhes, fundamentada em ideais de regulação dos seus grandes traçados e de suas áreas de lazer. As transformações, principalmente na parte mais antiga da cidade, além de prever novos traçados, teve grandes construções de infra-estrutura (equipamentos e espaços livres), reestruturação fundiária e a articulação setorial dos monumentos, a fim de estabelecer uma imagem geral de modernidade.

De acordo com Lamas (2004), Haussmann recorta a cidade segundo traçados que partem em feixes de praças ou cruzamentos, utilizando os seguintes elementos:

- traçado em avenida – o *boulevard* que une pontos da cidade;
- a praça como lugar de confluência de vias e placa giratória das circulações, quase sempre em rotunda, que organiza o cruzamento de vários traçados;
- o quarteirão, que é determinado como produto residual de vários traçados, e não como módulo da composição urbana. Tem forma irregular, poligonal, retangular, triangular ou se aproxima da forma de “bloco”, sendo compacto.

Para Lamas (2004), o quarteirão foi uma evolução no projeto dos engenheiros de Haussmann, na medida em que estes propõem o fim do quarteirão como unidade impenetrável, pois é cortado por galerias comerciais, mostrando a evolução da morfologia que surgirá no século XX.

Segundo Salgueiro (2001), talvez seja a distância entre arquitetura e técnica um dos fatores que contribuíram para a difusão nacional e internacional da Paris de Haussmann e seus engenheiros.

### **1.3. O URBANISMO MODERNISTA NO BRASIL**

No caso do urbanismo brasileiro, no fim do século XIX e início do XX, percebe-se a influência da corrente progressista, em moda por parte de urbanistas e planejadores de todo o mundo. Seus princípios eram, entre outros, transformar a cidade em um espaço funcional onde viver, trabalhar, recrear-se e circular deveriam estar presentes em todos os planos de ordenação. Condenava-se a rua antiga porque a mesma simbolizava a desordem, de modo que as referências estéticas eram geométricas e ortogonais (Choay, 1992). Além disso, a questão da higiene deveria estar vinculada à circulação. No momento em que as epidemias estavam assolando também as cidades brasileiras, nesse período (1895 – 1930), a questão do saneamento era central para os engenheiros, que eram chamados para implantar projetos de redes de água e esgoto.

A referência da reforma de Haussmann em Paris também se ateve à circulação, cuja transformação das estruturas urbanas herdadas de uma economia colonial dava lugar a ruas alargadas que estabeleciam ligação entre o centro e os bairros, iniciando a expansão das cidades.

Na época dos engenheiros positivistas que vislumbravam a reordenação espacial e a “higienização” social, a intervenção em Paris, conduzida pelo Barão de Haussmann, teve repercussão política no espaço capitalista ocidental. Ao lado das ações urbanísticas pelas quais Paris passou, as cidades, de um modo geral, gradativamente instituíam-se definitivamente como objetos de investigação e reflexão. As análises pairavam sobre os pontos de vista descritivo, humanitário e político, os quais rapidamente alcançaram a América, já em plena consolidação do regime republicano (Lemos, 1998, p.80).

### 1.3.1 O CASO DE BELO HORIZONTE

A proposta de mudança da capital de Minas Gerais surgiu ainda no século XIX, na época em que o “belo” e o “útil” deveriam caminhar lado a lado. As questões referentes à localização e à topografia foram encontradas na proposta, assim como a referência negativa à cidade “anárquica”, de ruas estreitas, casas amontoadas e sem aeração da cidade de Ouro Preto, a antiga capital de Minas.

Saneamento e embelezamento são evocados juntos no discurso racionalista sobre as cidades capitais. No relatório da escolha da localidade para a capital de Minas, ressaltam-se, como prioridade, as melhorias de higiene e de conforto da vida urbana, trazidas pela ciência e pela indústria moderna (Salgueiro, 2001, p.145).

A cidade de Belo Horizonte, antigo Curral d'El-Rei, inaugurada em 1897 para abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais, já surgiu moderna, com princípios relacionados à higiene, estética e fluidez.

O projeto de responsabilidade do engenheiro Aarão Reis, era baseado na integração da malha ortogonal, definida pelas ruas, e da malha diagonal, definida pelas avenidas. A criação de eixos monumentais, hierarquizados topograficamente, remete o traçado ao plano urbanístico de remodelação de Paris, feito por Haussmann.

Da experiência francesa, Reis aproveitará principalmente a idéia dos extensos *bulevares* arborizados e a importância concedida aos parques e às praças ajardinadas (Leme, 2005, p.121).

Além disso, percebe-se a preocupação de Aarão Reis com o conhecimento do meio físico, das condições naturais de salubridade – a existência de água potável, a

drenagem e o declive dos solos permitindo o escoamento das águas pluviais, assim como as condições climáticas e meteorológicas.

De acordo com Leme (2005), o plano de Belo Horizonte estabelecia uma nítida divisão da cidade em três zonas: a urbana, a suburbana e a de sítios.

Para a zona urbana adotava-se um traçado conjugando duas tramas ortogonais deslocadas a 45 graus, circundado por uma avenida de contorno (limite entre a área urbana e suburbana). As avenidas diagonais foram projetadas para serem extensos *bulevares*, sendo a mais imponente, a Avenida Afonso Pena que marca o eixo norte-sul da cidade, em um percurso de aproximadamente três quilômetros. A zona urbana propriamente dita articulava-se em torno de um centro administrativo formado pelo Palácio do Governo e pelas Secretarias, fazendo parte ainda o bairro comercial, conjugando as praças do Mercado e da Estação, os palácios do Congresso e da Justiça, e um grande parque tangenciando em um de seus lados a grande avenida norte-sul.

A zona suburbana foi concebida com um parcelamento em lotes de proporções maiores e traçado mais flexível.

A terceira zona de sítios foi prevista como uma transição entre as zonas urbanas/suburbanas e a zona rural, tendo como finalidade assegurar o abastecimento da cidade em gêneros alimentícios.

Atualmente pode-se perceber que esta cidade foi projetada de forma fragmentada: do traçado central, do final do século XIX, ainda encontram-se casas isoladas e edifícios públicos; de meados do século XX, o modernismo da Pampulha e hoje, a mistura e a justaposição dos seus fragmentos.

### **1.3.2 O CASO DO RIO DE JANEIRO**

Segundo Rezende (2005), o primeiro plano para a cidade do Rio de Janeiro data de 1875 e foi orientado pela questão do saneamento básico, com obras de canalização, drenagem, alargamento e pavimentação de ruas. Estabeleceu-se também a obrigação de moradias saneadas, substituindo as moradias existentes no centro. Na gestão do prefeito Pereira Passos (1902 – 1906), várias obras foram realizadas nesse sentido, fortalecendo o poder público como indutor da expansão da cidade.

Ainda segundo a autora, as principais intervenções viárias contempladas na Reforma Pereira Passos são as ligações entre a zona portuária e o centro, e, entre o centro e os bairros vizinhos das zonas norte e sul. Foi aberta a Avenida Central, eliminando boa parte das antigas construções do velho centro para dar espaço a novas e

mais “nobres” funções, como grandes companhias, o comércio de luxo e prédios públicos. As edificações inspiradas na arquitetura historicista francesa revelavam a intenção de “europeizar” a cidade. O velho labirinto de ruelas foi substituído por uma ampla via que permitia a iluminação e circulação do ar.

Em 1927, com o crescimento da área central da cidade e os vários problemas trazidos pelo processo de adensamento e de verticalização das construções, o urbanista francês Donat Alfred Agache, é convidado para elaborar o plano diretor da cidade. O Plano Agache contemplou várias questões, entre elas o saneamento e propôs a transformação do Rio de Janeiro em uma capital monumental, com grandes avenidas arborizadas e áreas com jardins. Quanto à questão viária, Agache propôs a implantação do sistema metroviário. Para resolver a questão habitacional, propôs a criação de áreas para deslocar a população de baixa renda para os subúrbios de maneira ordenada com moradias baratas, destinando os bairros da Zona Sul para o grupo de mais alta renda, transformados em cidades-jardins.

A maioria das suas propostas não chegou a ser implementada, porém inspirou vários decretos e projetos urbanísticos posteriormente, como o decreto de 1935 que dividiu a cidade em áreas adequadas a funções específicas, detalhando o zoneamento.

Percebe-se a influência direta das intervenções do prefeito Haussmann feitas em Paris, principalmente na administração de Pereira Passos nas obras de abertura e alargamento de vias, nas desapropriações e afastamento da população de baixa renda do centro. Por todos esses motivos, as reformas urbanas no Rio de Janeiro se tornaram um verdadeiro marco na história das intervenções urbanas no Brasil, servindo de exemplo para diversas outras capitais brasileiras.

No caso específico dessa pesquisa, as intervenções urbanísticas ocorridas em Patos de Minas apresentam em comum às cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, a disciplinarização do cotidiano, a higienização pública, as avenidas centrais largas e arborizadas, a evidência dos marcos e monumentos e a intenção do progresso através da modernização do espaço urbano.

## **CAPÍTULO 2 – A PAISAGEM URBANA**

Um avanço do debate sobre a paisagem urbana é a inclusão de aspectos sociais/culturais na construção e organização dos lugares. O espaço urbano não pode ser compreendido como uma simples entidade física, separado do tempo histórico e, conseqüentemente, de aspectos sociais de comunidades locais e da sociedade como um todo.

As transformações das cidades podem ser observadas por meio de suas áreas livres públicas, pois nestas reside o sentido imediato da paisagem e do espaço urbano. A análise do espaço urbano busca respostas para certas expectativas das pessoas, estabelecendo correlações entre estas e determinadas características espaciais. Além disso, permite abordar um mesmo lugar sob diferentes aspectos.

A escolha de algum desses aspectos implica estabelecer uma relação entre espaço e sociedade e avaliar o desempenho dos lugares. Da mesma maneira podem ser consideradas as transformações que ocorrem nas áreas livres públicas: mudanças de atividades, substituições de edifícios, aberturas de novas vias ou transferências de centralidades que afetam diferentemente o desempenho do espaço urbano, alterando sua resposta para expectativas de orientação espacial, conforto ambiental, funcionalidade, economia, sustentabilidade etc.

Desta forma todas as abordagens que correlacionam as interações entre homem e natureza são essenciais para a compreensão das transformações da paisagem urbana e a percepção dos seus usuários.

### **2.1. A PAISAGEM E O ESPAÇO LIVRE**

A paisagem é um retrato do presente, de tudo que está relacionado a ele, mas também um testemunho do passado e nos permite pensar no futuro, já que nela podemos antever ameaças e potencialidades. Por isso é importante a incorporação de sua análise e planejamento na construção das cidades.

A paisagem urbana é composta da massa construída e dos espaços livres de edificação. A qualidade paisagística de uma cidade está diretamente relacionada ao equilíbrio entre estes dois componentes e a qualidade individual de cada um deles. Em muitos casos a qualidade de vida urbana é prejudicada pelo descaso com os espaços livres, gerando cidades de paisagem monótona e com problemas ambientais como: as

cheias – pela impermeabilização excessiva do solo -, a poluição visual, a extinção total da fauna e da flora, a falta de ventilação e o conseqüente aumento da temperatura, entre outros (Souza, 2003).

O planejamento da paisagem passa, portanto, pela possibilidade da preservação de redes de espaços livres. Estes são também capazes de estruturar a paisagem de uma cidade influenciando em aspectos importantes como a identidade visual e a legibilidade dos espaços.

Os componentes da paisagem: espaço físico natural e construído, movimentos, relações humanas e fenômenos naturais estão sujeitos à percepção de cada indivíduo. Para Santos (1997), a percepção é sempre um processo seletivo de informações. A apreensão da paisagem vai variar de acordo com a disponibilidade perceptiva de cada indivíduo, que está sujeita à sua história pessoal. Pessoas diferentes terão interpretações distintas para uma mesma paisagem, variando segundo seus sentidos.

Segundo Lynch (1990), cada pessoa constrói uma imagem própria das partes da cidade, que se complementam, levando à formação de um quadro mental coletivo da realidade físico urbana. Cada ser humano também acrescenta um juízo de valor sobre as condições de qualidade ambiental urbana que ela oferece, de acordo com seus interesses, objetivos e expectativas de vida. Neste sentido, o conceito de qualidade ambiental urbana vai além dos conceitos de salubridade, saúde, segurança, bem como das características morfológicas do sítio ou do desenho urbano. Incorpora também os conceitos de funcionamento da cidade, fazendo referência ao desempenho das diversas atividades urbanas e às possibilidades de atendimento aos anseios dos indivíduos que a procuram.

Lynch (1990), quando aborda a construção da imagem da cidade, na qual a paisagem é um dos elementos fundamentais à sua realização, menciona que as imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado ao que vê.

Santos (1997, p.26) acrescenta:

o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas; deve ser considerado um conjunto de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais com a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

O movimento da sociedade e da natureza no espaço é que produz as distintas paisagens. A paisagem não é estática, pois todos os seus elementos constituintes são passíveis de transformações próprias, como também se alteram mutuamente (Burle Marx, 1987). Um mesmo espaço pode comportar diferentes paisagens, pois a variação de movimentos é que determina momentos e percepções distintas.

De uma maneira específica, os espaços livres, ou seja, os espaços não edificados, sejam eles áreas verdes ou não, cumprem na cidade um importante papel formal e funcional. São os espaços de lazer e encontro, muito importantes também nos aspectos referentes à salubridade das habitações humanas, organização das redes de infraestrutura e melhoria do micro-clima urbano.

Coelho Neto (1993) trata da dicotomia entre os espaços construídos e os não-construídos, definidos como espaços livres. O autor considera que a expressão “espaço livre” traz aos espaços construídos a conotação de prisão ou proteção. Ainda argumenta que é preciso entender que estes são espaços livres de edificações e não espaços livres de ocupação, referindo-se a uma série de usos e à valorização e apropriação destes espaços ao longo de toda história das cidades.

Os espaços livres são também espaços projetáveis e, além de caracterizarem espaços não-construídos na cidade, podem ser considerados públicos como as ruas, os largos, as praças, os parques e, também, privados como os terrenos baldios, os pátios, os quintais das residências.

Os espaços livres públicos possuem também a função de tornar os espaços privados em patrimônio coletivo, dar caráter urbano, público, aos edifícios e lugares que seriam somente privados. Assim, os espaços coletivos são os espaços públicos absorvidos pelos usos particulares e os espaços privados que adquirem uma utilização coletiva.

Segundo Solà-Morales (1997) a riqueza civil, arquitetônica, urbanística e morfológica de uma cidade, são seus espaços coletivos, todos os lugares onde a vida coletiva se desenvolve, representa e recorda.

Na morfologia urbana, os espaços livres possuem diversas funções primordiais à qualidade ambiental urbana.

Quando tratamos dos espaços livres verdes essa importância fica evidente. As árvores, especificamente, são elementos importantes no desenho urbano por sua capacidade de criar e definir espaços, possibilitando as relações e definições de uma escala desejável em um determinado espaço urbano. A arborização urbana é estratégica, se considerarmos o seu valor estético na paisagem e como resposta às condições ambientais adversas.

Neste sentido, para Souza (2003), os espaços livres desempenham as seguintes funções:

- A melhoria da qualidade ambiental na cidade, uma vez que, em geral, o solo não é impermeabilizado. A presença da vegetação também ajuda a reter a poeira urbana, proporciona sombra melhorando a temperatura na cidade e atrai a fauna.
- A ampliação da sua função ecológica, quando pensamos que podemos ter dentro das cidades áreas de proteção ambiental, como reservas e parques, que asseguram pela lei a proteção de partes de ecossistemas completos.
- A ordenação por meio da arborização, podendo contribuir na orientação e hierarquização das vias nos bairros através da criação de distintos padrões e combinações entre elementos vegetais, pavimentação, iluminação, estacionamentos, mobiliário etc.
- A função social ajudando a promover encontros, quando estão relacionados aos usos de lazer.
- A contribuição para o fortalecimento da identidade local, enfatizando as características do sítio físico ou delimitando as áreas urbanizáveis, criando fragmentos diferenciados na paisagem. Dessa forma, potencializam pontos fortes da paisagem contribuindo significativamente para seu embelezamento.
- E, como já citado anteriormente, a influência psicológica quando se trata da troca de energias vitais com o meio natural.

Desta forma, pode-se perceber que o planejamento paisagístico pode melhorar a vida nas cidades, evitando processos de desgaste excessivo em lugares de paisagem notável. Assim, a importância da análise da paisagem consiste no fornecimento de informações de caráter específico, como a relação tridimensional entre os elementos componentes da paisagem natural e os elementos da paisagem construída, entre os espaços edificados e os espaços livres de edificação nas áreas urbanas.

Lynch (1990) refere-se constantemente às particularidades de diferentes apreensões de um espaço. Segundo o autor, a paisagem é uma experiência pessoal, determinada pela história de cada indivíduo e nos transmite muito mais do que características físicas, isto é, contém também relações sociais, econômicas e afetivas, e nos permite perceber relações complexas em vários níveis.

Se a paisagem é um conjunto de elementos físicos e sociais animados pela dinâmica da vida, o espaço é onde a paisagem acontece. O espaço é uma realidade permanente e não momentânea; modifica-se com o passar do tempo, mas não deixa de existir.

Segundo Santos (1997), para desmistificar o espaço, deve-se levar em consideração dois lados: a paisagem, funcionalização da estrutura técnico-produtiva e lugar da fetichização, e a sociedade total, a formação social que anima o espaço. Segundo o autor, devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, que possa unir os homens para e por seu trabalho; um espaço matéria-inerte que seja trabalhado pelo homem e que não se volte contra ele; um espaço “natureza social” aberto à contemplação direta dos seres humanos; um espaço instrumento de reprodução da vida e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria.

Precisamos de um meio ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico, que fale dos indivíduos e da sua sociedade, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural, das funções e dos movimentos complexos do mundo citadino. Aparecendo como um local notável, a cidade pode constituir uma razão para a associação e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as atividades humanas aí desenvolvidas, encoraja a retenção na memória deste traço particular (Lynch, 1990).

## **2.2. O ESPAÇO E O LUGAR**

O espaço que contempla simbolizações e signos, ao adquirir identidade passa à condição de lugar (Tuan, 1980). À medida que este lugar é vivido pelo homem, as imagens são, gradativamente, construídas a partir das experiências. Essas imagens espaciais vividas ao serem analisadas e interpretadas permitem revelar as percepções do espaço.

Para Tuan (1980), a compreensão e a apreensão dos espaços e dos lugares podem ser feitas por meio dos sentidos comuns, ou seja, visão, audição, olfato, tato e paladar, ou especiais, como o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço e de lugar. Assim, cada imagem e idéia sobre o mundo são compostas de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Significa que os lugares vividos contribuem para as nossas imagens sobre a natureza, sobre o que o homem constrói e sobre ele mesmo.

Segundo Machado (1999), as experiências diárias vêm compor o nosso quadro individual sobre a realidade. A autora salienta ainda que todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens e, por meio de lentes culturais e pessoais, de costumes e

fantasias, criamos e organizamos espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções.

Para Tuan (1980), o espaço e o lugar são analisados a partir das experiências do homem. O autor sugere que o lugar é segurança e espaço é liberdade e ressalta que, ao mesmo tempo em que somos apegados ao lugar, desejamos também a liberdade sugerida pela idéia do espaço. Nesse sentido, o autor acredita que, na experiência, o significado de espaço freqüentemente funde-se com o de lugar, no qual o espaço é mais abstrato. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. O espaço, sem introduzir os objetos e os lugares que o definem, transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

Tuan (1980) enfatiza que cada lugar significa uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos sobre um espaço reduzido. O lugar é visualizado como uma forma que se integra à paisagem local e regional. O que ele representa deve ser decodificado mais ou menos como uma linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como meio de expressão. Ressalta que a análise da ordem simbólica passa pelo estudo de tudo o que pode estar carregado de sentido ou pelo estudo de tudo aquilo por onde as significações transitam.

Segundo Machado (1999), a pesquisa convencional não fornece descrições adequadas da experiência do lugar, porque separa pessoa e mundo. A pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e o mundo estão engajados em um só processo, que implica o fenômeno perceptivo e não pode ser estudado como um evento isolado, nem mesmo isolado do cotidiano das pessoas, pois é o homem que percebe e vivencia as paisagens e atribui a elas significados e valores. A interpretação da experiência humana, com sua ambigüidade e complexidade, pode ser sistematicamente explorada para esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, no que dizem respeito ao espaço, ao lugar e às suas paisagens, mostrando como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados tanto como localização como também meio ambiente físico.

Dentro desse contexto, a leitura dos espaços e dos lugares, por meio das experiências evidencia a valorização do homem enquanto sujeito, buscando a relação do espaço e do comportamento humano no ambiente. Dessa maneira, desvenda um mundo verdadeiramente percebido, construído sob os fundamentos cognitivos, afetivos e simbólicos do lugar.

### 2.3. A PRAÇA COMO LUGAR PÚBLICO

Uma cidade tem por espinha dorsal de sua estrutura as vias públicas, sendo que, de toda infra-estrutura urbana, é essa a primeira a se fazer presente (Zmitrowicz e Angelis Neto, 1997). Seus cruzamentos e interseções determinam não somente o fluxo de automóveis pela cidade, mas também o surgimento de logradouros públicos, o canteiro central das avenidas e as praças.

As vias formam uma teia a unir pontos distantes, ora largas, ora estreitas, ora em desnível ou planas, os espaços públicos conformados por elas formam um conjunto espaçado, quebrando sua monotonia. A inserção do espaço público na trama urbana caracteriza, em seus contornos definidos pelas vias públicas, não somente sua forma, mas também sua função.

Reis Filho (1968) registra que no Brasil a presença de espaços públicos, praças e largos vem de longa data, remontando aos primeiros séculos da colonização e ocupando a posição de valorizadores do espaço com função organizacional. Sobre esses espaços recaíam as atenções principais dos administradores, pois constituíam pontos de atenção e focalização urbanística, localizando-se ao seu redor a arquitetura de maior apuro, já que eram pontos de concentração da população.

Um dos primeiros jardins públicos construídos no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro. Suas obras foram iniciadas em 1779 por ordem do vice-rei D. Luís de Vasconcelos, que incumbiu Valentim da Fonseca e Silva - o Mestre Valentim - de projetar um "jardim de prazer", isto é, um jardim público, para servir à população da cidade. Pelos registros existentes constata-se que ele foi traçado nos moldes de um jardim francês, pois a idéia de perspectiva infinita, proporcionada pelo mar que chegava até seus limites, dava-lhe um ar de grandiosidade (Terra, 1995).

De acordo com Segawa (1996), o Passeio Público do Rio de Janeiro foi contemporâneo ao surgimento dos primeiros jardins públicos europeus na segunda metade do século XVIII, símbolos do pensamento iluminista a invocar algumas formas de sociabilidade nas quais a aristocracia e a burguesia encontravam um lugar comum. Até o ajardinamento do Campo de Santana (a partir de 1880), o Passeio Público foi, por quase um século, o único recinto com as características de local "para ver e para ser visto", no Brasil.

Para Franco (1997), é no período barroco que surgem algumas tipologias espaciais caracterizadas como espaços livres verdes, como por exemplo, o parque, a alameda, o jardim e o passeio arborizado. É neste período que o paisagismo torna-se

disciplina pertinente ao planejamento urbano. Até mesmo as praças passam a ter vegetação ao contrário das da Idade Média, que eram praças secas – espaços livres abertos com revestimento de piso semelhante ao das ruas, sem qualquer vegetação.

Hoje, incontáveis são as praças existentes no Brasil, as quais, com características próprias, confundem-se com áreas públicas ajardinadas ou canteiros centrais gramados em avenidas, diferentemente das praças renascentistas e medievais que permeiam as cidades européias (Segawa, 1996).

Segundo Gomes (2002), fisicamente, o espaço público, seja ele uma praça, um jardim público, um largo, é o lugar onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem. Poder-se-ia dizer que o espaço público é o lugar das indiferenças, ou seja, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras da civilidade.

Segundo o mesmo autor, o espaço público deve ser visto como o lugar da possibilidade do encontro, onde se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo.

Okamoto (2002) afirma que o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que preenche e os anima.

Portanto, preocupante é perceber que esses espaços estão sendo progressivamente objetos de processos que os desfiguram: apropriações indevidas, invasões, ocupações clandestinas, etc. A fragmentação social crescente é acompanhada de uma fragmentação territorial, e os espaços comuns, públicos, transformam-se em objeto de disputa ou simplesmente são vistos como espaços instrumentais para o deslocamento. Desaparecendo o terreno da vida em comum, desaparecem também as formas de sociabilidade que unem os diferentes segmentos sociais.

## 2.4. A QUESTÃO DA CENTRALIDADE E DO ZONEAMENTO

As relações entre paisagem/espço/lugar e a percepção do homem demonstram vários aspectos indutores das transformações do espaço urbano. Além disso, outras questões afetam diretamente o desempenho do espaço urbano: a intervenção urbana através do zoneamento e das transferências das centralidades.

Para Lefebvre (1972)<sup>2</sup> citado por Villaça (1998), toda aglomeração sócio-espacial humana – da taba indígena à metrópole contemporânea, passando pelas cidades medievais e as pré-colombianas – desenvolve um centro. Para Villaça (1998), não existe realidade urbana sem um centro: comercial, simbólico, de informações de decisão, etc.

Contudo, o processo de expansão urbana, promovido pela industrialização fez com que a cidade - e seu centro – ganhasse novos contornos. O lugar da moradia, do trabalho, do lazer e também o tempo do trajeto para se realizar cada um destes momentos se dá pela ação política cuja estratégia é permitir a produção de mercadorias, a reprodução ampliada do capital. O poder político redefine os investimentos na construção de infra-estruturas que visem dinamizar a realização da mercadoria.

Percebe-se que a sociedade capitalista redefine os conteúdos reais existentes. A própria relação entre a sociedade e a natureza se abstrai na forma de tempo de trabalho visto que a finalidade do mesmo é redimensionar cada vez mais o privado em detrimento de uma socialização mais direta.

Desta forma, o desenvolvimento da cidade, seguindo os moldes capitalistas, realiza-se como um elemento dispersor/aglutinador. A cidade extrapola seus limites fragmentando sua centralidade, pois segrega suas unções de acordo com a própria divisão do trabalho. Por outro lado, a cidade reúne em seu espaço a segmentação necessária à produção capitalista através da acessibilidade e da velocidade, ou seja, a concretização das esferas sociais separadas, fragmentadas, cuja reunião se define pelo sentido do produtivo.

Segundo Alfredo (2006), a lógica produtiva redireciona a forma da cidade. A imposição das necessidades do capital redefine a centralidade, fragmentado-a em diversos setores e reunindo a mesma através dos interesses e sentidos da produção capitalista.

De acordo com este ponto de vista, a centralidade hoje está descentralizada. Há uma separação das atividades, uma descentralização da forma da cidade que tem como nova centralidade a lógica da produtividade, do trabalho e do consumo (Alfredo, 2006).

---

<sup>2</sup> LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1972.

Como parte integrante e de suma importância à totalidade do espaço urbano, a discussão em relação à centralidade/descentralidade juntamente com a questão da ordenação e ocupação urbana caracterizada pelo zoneamento urbano, é que auxiliará na elaboração de novas abordagens que buscam restabelecer uma maior humanização e valorização da vida na cidade.

Segundo Jacobs (2003)<sup>3</sup>, quanto mais uma cidade consegue misturar em suas ruas funções diversas e cotidianas, mais ela aumenta suas probabilidades de poder, deixando assim, de ser lugares vazios e aborrecidos.

A ordenação espacial reflete a dinâmica das representações sociais e de seus valores e significados simbólicos, explicitando os diferentes usos, funções e apropriações sociais dos espaços urbanos por diferentes grupos e comunidades.

A questão da mistura de usos, encarada pelo Urbanismo Modernista como nociva às cidades, ajudou a moldar as diretrizes do zoneamento urbano e a racionalizar a reurbanização.

Para Jacobs (2003), o planejamento urbano, que poderia encorajar deliberadamente a diversidade espontânea, propiciando as condições necessárias para seu crescimento, está continuamente a destruindo. Para a autora, as combinações de usos diversos nas cidades não são uma forma de caos, mas a representação de uma forma de organização complexa e altamente desenvolvida.

A diversidade urbana emergente pela associação de usos principais combinados, ruas bastante freqüentadas, mistura de prédios de várias épocas e forte concentração de usuários, não acarreta as desvantagens da diversidade comumente presumida pela ciência do urbanismo modernista (Jacobs, 2003).

Segundo Jacobs (2003), as diferenças genuínas no panorama arquitetônico urbano expressam com muita propriedade o entrelaçamento de manifestações humanas. Há muita gente fazendo coisas diferentes, com motivos diferentes e com fins diferentes, e a arquitetura reflete e expressa essa diferença, que é mais de conteúdo que de forma. Na arquitetura, tanto quanto na literatura e no teatro, é a riqueza da diversidade humana que dá vitalidade e colorido ao meio urbano. E, com relação ao risco de monotonia, a maior falha das nossas leis de zoneamento encontra-se no fato de permitirem que uma área seja reservada para um único uso.

A existência de todos os tipos de diversidade, intrincadamente combinadas e mutuamente sustentadas, é necessária para que a vida urbana funcione adequada e construtivamente. Os espaços públicos – como praças, parques, museus, escolas - são

---

<sup>3</sup> As idéias de Jane Jacobs foram originalmente escritas no ano de 1961, com o título “The Death and Life of Great American Cities”, traduzido por Carlos Mendes S. Rosa, citado neste trabalho.

lugares que contribuem à construção da diversidade urbana. Desta forma, a importância de se rever as leis de zoneamento se baseia também, na manutenção da vitalidade desses espaços.

Com isso, a principal responsabilidade do urbanismo e do planejamento urbano é desenvolver – na medida em que a política e a ação pública o permitam – cidades que sejam um lugar para que a variedade de planos, idéias e oportunidades floresça, juntamente com o florescimento dos empreendimentos públicos.

### **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

A complexidade do fenômeno urbano induz a categorias de análise de caráter interdisciplinar, as quais se concentram em compreender as complexidades do processo de desenvolvimento urbano, para subsidiar a elaboração de intervenções em relação à qualidade físico-ambiental. Desta forma, são utilizados teorias, procedimentos e técnicas de Arquitetura, Psicologia, Planejamento Ambiental, Geografia, História, Paisagismo, Planejamento Territorial, Ciência Política, Engenharia, Transportes, Administração de Imóveis, Micro-Economia e outras.

Algumas temáticas de desenvolvimento interdisciplinar são importantes para o estudo do espaço urbano, como:

- técnicas e instrumentos de controle do desenvolvimento do ambiente construído;
- interpretação de valores e necessidades comportamentais individuais e de grupo;
- identificação de qualidades físico-espaciais;
- desenvolvimento de técnicas operacionais do ambiente urbano;
- resolução de problemas interdisciplinares;
- desenvolvimento de meios de implementação.

Como ponto de partida para uma melhor compreensão dos diferentes aspectos estudados no espaço urbano foi necessário o conhecimento prévio da temática e do objeto de estudo.

Desta forma, a etapa inicial desta pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico que constituiu o referencial teórico. Concomitantemente a esse levantamento foram realizadas pesquisas históricas, documentais e cadastrais na Divisão de Patrimônio Histórico, na Divisão de Parques e Jardins e na Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, através do auxílio dos arquitetos Alex Borges, Ocimar e Marcelo Rodrigues, respectivamente.

O levantamento da área foi desenvolvido a partir de técnicas que serão descritas a seguir.

### 3.1. MORFOLOGIA URBANA

O termo “Morfologia” é utilizado na área de Urbanismo para designar o estudo da configuração e da estrutura exterior de um objeto. Estuda as formas, interligando-as aos fenômenos que lhes deram origem (Lamas, 2004).

Segundo Lamas (2004), a Morfologia Urbana estuda essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura.

A importância do conhecimento do meio urbano implica na existência de instrumentos de leitura que organizam e estruturam elementos apreendidos através da relação objeto-observador. Neste aspecto, as questões da objetividade dependem de fenômenos culturais.

As transformações do espaço urbano, no que se refere a suas possibilidades co-presenciais e de revelação de identidade cultural, podem ser conduzidas pelas unidades morfológicas. Estas significam o repertório utilizado para compor as cidades e suas partes, como ruas, avenidas, vias, praças, parques etc., e se caracterizam tanto pela geometria de sua percepção pelos indivíduos nelas inseridos, quanto por seu desenho expresso em representações projetuais (Kohlsdorf, 1996).

Segundo Kohlsdorf (1996), a interação social possibilitada por certos tipos de configurações espaciais é de grande importância na análise do bem-estar físico das pessoas e do desenho urbano. Pode-se dizer que existem atributos morfológicos que incentivam, possibilitam ou restringem a presença corpórea no espaço, promovendo interações sociais.

De acordo com Lamas (2004), a morfologia urbana supõe a convergência e a utilização de dados habitualmente recolhidos por diferentes disciplinas, tais como a economia, sociologia, história, geografia, arquitetura, etc., a fim de explicar a cidade como fenômeno físico e construído.

Estuda, portanto, o tecido urbano e seus elementos construídos formadores através de sua evolução, transformações, inter-relações e dos processos sociais que os geraram.

Segundo Del Rio (1990), há alguns temas e elementos para a pesquisa da Morfologia Urbana, capazes de expor as lógicas evolutivas e estruturadoras da cidade:

- **Crescimento:** inclui os modos, as intensidades e direções do crescimento; elementos geradores e reguladores, limites e superação de limites, modificação de estruturas, pontos de cristalização etc.;

- **Traçado e Parcelamento:** abrange os elementos ordenadores do espaço, estrutura fundiária, relações, distâncias, circulação e acessibilidade etc.;
- **Tipologias dos elementos urbanos:** inclui o inventário e categorização de tipologias edilícias (residências, comércio etc.), de lotes e sua ocupação, de quarteirões e sua ocupação, de praças, esquinas etc.;
- **Articulações:** referem-se às relações entre elementos, hierarquias, domínios do público e privado, densidades, relações entre cheios e vazios etc.

Segundo Del Rio (1992), outros autores como Roseti (1985)<sup>4</sup> e Aymonino (1988)<sup>5</sup>, também desenvolveram suas pesquisas e interesses projetuais no campo da Morfologia Urbana concentrando-se em elementos formadores, como as praças, espaço coletivo por excelência onde o monumental se encontra com o cotidiano. Roseti apresenta um repertório básico de características das praças e as conseqüentes implicações de projeto: relações urbanas, funções, condições de uso, organização, características físico-formais, mobiliário e paisagismo.

Pode-se dizer que a importância da categoria de análise de Morfologia Urbana está em compreender a lógica da formação, evolução e transformação dos elementos urbanos, e de suas inter-relações, a fim de possibilitar-nos a identificação de formas mais apropriadas, cultural e socialmente, para a intervenção na cidade existente e o desenho de novas áreas.

No caso específico dessa pesquisa, pelo estudo da morfologia urbana identificou-se o traçado e o parcelamento do perímetro total da Avenida Getúlio Vargas, assim como o inventário e a caracterização das tipologias dos edifícios do seu entorno. Por não haver mapas digitalizados da área, foi necessária a digitalização no programa Auto Cad, propiciando a geração dos mapas de morfologia urbana, de fluxo de veículos e da relação uso público versus uso privado.

---

<sup>4</sup> ROSETI, Claudio. **Il Progetto della Piazza**. Roma: Gangemi Editore, 1985.

<sup>5</sup> AYMONINO, Carlo. **Piazze d'Italia: Progettare gli Spazi Aperti**. Milão: Electa, 1988.

### 3.2. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

De acordo com uma nova visão holística, por volta de meados do século XIX, começou-se a estudar a interação espacial entre o homem e seu meio ambiente, assim como a relação inter-pessoal entre os homens no espaço social.

Segundo Okamoto (2002), pesquisadores como o antropólogo Hall, o psicólogo do meio ambiente Sommer, o geógrafo Yi-fu Tuan, dentre outros, estudaram as interações espaciais entre pessoas, suas proximidades e distâncias, suas posições, sua linguagem corporal, o comportamento na interpretação cultural dos espaços entre as pessoas, seus territórios e sua privacidade.

Conforme o mesmo autor, hoje não é suficiente apenas a discussão sobre o espaço euclidiano<sup>6</sup> dos ambientes, de seus acabamentos, mas também, a existência de qualidades que venham a atrair e a tocar a sensação de conforto, de acolhimento, atendendo às dimensões psicológicas do ser humano, propiciando o sentimento de prazer nos locais de atividades de sua existência, desenvolvendo o sentido afetivo ou a ligação prazerosa que enseje a permanência no local.

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando como os outros num mesmo palco. Na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles (Lynch, 1990, p.12).

Esse enfoque metodológico não se concentra em nenhuma teoria específica, mas vai buscar em várias delas a complementaridade necessária para a compreensão dos fenômenos urbanos. O que permeia essa teoria é a tentativa de buscar sempre dimensões de análise e atuação sob a ótica do usuário, ou seja, as formas com que ele vê, sente, compreende, utiliza e se apropria da cidade, de sua forma, seus elementos e suas atividades sociais.

O estudo da Percepção Ambiental interessa-nos enquanto compreensão das unidades selecionadas para compor a experiência visual. Para o Urbanismo, os objetivos principais deste estudo se tornam claros: a identificação de imagens públicas e da memória coletiva. A partir do estudo do que os usuários percebem, como e com que intensidade, podem-se apontar diretrizes para a organização físico-ambiental.

---

<sup>6</sup> Na geometria euclidiana e na física clássica, o espaço euclidiano é definido como o conjunto de posições que possa ser descrito atribuindo-se a cada posição três coordenadas.

Conforme Kohlsdorf (1985)<sup>7</sup> citada por Del Rio (1990), a categoria de análise Percepção Ambiental se desenvolveu a partir de conceitos e métodos da Psicologia. A percepção é um instrumento mediador importante entre o homem e o meio ambiente urbano e reformula o enfoque até então em prática: as qualidades e as necessidades não são mais consideradas absolutamente concensuais, mas variáveis entre grupos, culturas e épocas.

A percepção é um processo seletivo, pois nós só percebemos aquilo que nossos objetivos mentais nos preparam para perceber. Além disto, é reconhecidamente um processo visual, pois dentre todos os nossos sentidos é a visão o que mais prevalece.

Segundo Del Rio (1990), a linha de pesquisa mais influente nessa área surgiu através dos estudos de Lynch. Foi a primeira vez que alguém se perguntou qual seria o significado da cidade para seus usuários, identificando suas qualidades e elementos estruturadores. Sua teoria gira em torno de qualidades urbanas, como conceitos de referência:

- **Legibilidade:** é a facilidade com que as partes podem ser reconhecidas e organizadas em um padrão coerente. Decorre da riqueza de detalhes e significado, no entanto, o perigo da confusão visual de uma quantidade muito elevada de apelos pode interferir na sua coerência. Para Lynch (1990), a legibilidade concentra-se na qualidade visual particular da paisagem citadina, ou seja, a imagem mental que os cidadãos têm da cidade. Com isso pretende-se designar as partes que podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Uma parte constituinte da cidade, sendo legível, pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis, cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais.
- **Identidade/Estrutura/Significado:** uma imagem ambiental pode ser vista contendo estes três componentes. A identificação de uma área, sua diferenciação de outra, sua personalidade e individualidade são chamadas por Lynch (1990) de **identidade**, que deve ser vista no sentido de ser individual, particular. Quanto à **estrutura**, é uma categoria que todas as imagens compostas devem ter, para coerência do todo e relações internas definidas, uma imagem tem que incluir a relação estrutural ou espacial do objeto com o observador e com os outros objetos. E o **significado**, é no sentido em que o objeto tem de ter para o

---

<sup>7</sup> KOHLSDORF, Maria E. Breve histórico do urbano como campo disciplinar. In: FARRET, Ricardo (1985 org) – **O Espaço da Cidade**. Projeto Editora, São Paulo, 1985.

observador um significado quer prático quer emocional. O observador deve, finalmente, ser capaz de captar significado nesta imagem ambiental.

- **Imageabilidade:** é aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma forte imagem em qualquer observador. O método que pode ser aplicado para sua identificação é o desenho de “mapas mentais” feitos pelos entrevistados com o objetivo de identificar as imagens coletivas da cidade e/ou de suas partes/elementos mais significantes, como forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, estruturadas e úteis no meio ambiente. Os mapas mentais são imagens espaciais que estão retidas no cérebro, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos, sociais e econômicos. Segundo Del Rio (1990), o mapa mental pode ser compreendido como um mapa cognitivo que é um processo pelo qual as pessoas adquirem, codificam, armazenam, relembram e decodificam informação sobre as localizações relativas e os atributos de fenômenos no ambiente espacial do cotidiano.
- **Percursos:** são os canais ao longo dos quais o observador se movimenta e constituem a estrutura da cidade na mente dos observadores.
- **Limites:** representam uma interrupção de continuidade da imagem urbana.
- **Nós:** são locais de concentração de atividade ou convergência física do tecido urbano.
- **Marcos:** são geralmente um objeto físico; podem estar distantes e constituem uma referência constante ao usuário.

O estudo de Percepção Ambiental, no caso deste trabalho, foi realizado através de questionário aplicado *in loco*, com a diferenciação de trechos da Avenida Getúlio Vargas e levando em consideração o dia da semana e o horário. Foram entrevistadas 300 pessoas, sendo que a execução dos mapas mentais foi realizada por 10% dos entrevistados.

### 3.3. PAISAGISMO

#### 3.3.1 INVENTÁRIO DAS ESPÉCIES

A arborização das cidades constitui um elemento de grande importância para a elevação da qualidade ambiental urbana, tanto em grandes centros urbanos quanto em pequenas cidades. Com suas características, são capazes de controlar muitos efeitos adversos do ambiente urbano, contribuindo para um significativo aumento na qualidade de vida, pois melhoram o ambiente tanto no aspecto ecológico quanto na sua estética.

A identificação das espécies que foram utilizadas na arborização urbana de determinado lugar é de suma importância para a análise quanti-qualitativa e para a verificação da eficiência das áreas verdes no espaço urbano.

No caso específico da Avenida Getúlio Vargas, a amostragem das espécies arbóreas foi definida pelos limites dos canteiros e passeios públicos. Todos os indivíduos arbóreos foram identificados com seus valores de circunferência à altura do peito (CAP), através de fita métrica, e de altura, através de estimativa visual com um podão ao lado da planta. Foram considerados arbóreos todos aqueles indivíduos que apresentaram  $CAP \geq 60$  cm.

Realizou-se o levantamento florístico por meio de coleta de material botânico, em estágio reprodutivo, de todas as plantas que apresentaram  $CAP \geq 60$  cm. Cada planta levantada recebeu um número de campo, através da fixação de uma plaqueta de alumínio. As plaquetas de identificação das espécies foram feitas a partir de folhas de alumínio de latas de cerveja e refrigerantes. As lâminas foram cortadas em forma de retângulo (2 x 3,5 cm) e receberam números crescentes de acordo com o número de plantas amostradas.

Criou-se um livro de registros conforme os procedimentos usuais (Fidalgo e Bononi, 1984) e posteriormente foram identificados através da comparação com o material botânico, em consultas realizadas com especialistas do herbáreo do Instituto Estadual de Florestas (IEF) e do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

As **exsicatas**<sup>8</sup> produzidas durante o estudo foram incorporadas ao Herbário *Mandevilla sp* do Centro Universitário de Patos de Minas, contribuindo desta forma, para a ampliação do acervo botânico da instituição.

---

<sup>8</sup> **Exsicata** é uma amostra de planta seca e prensada numa estufa (herborizada), fixada em uma cartolina de tamanho padrão acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal e o local de coleta, para fins de estudo botânico.

### 3.3.2 MAPA DE SOMBRA

Ao longo do tempo, o homem sempre procurou estudar e compreender melhor os movimentos do sol para ter um conforto ambiental satisfatório. Esta preocupação abrange desde o uso correto da iluminação natural através das aberturas de um edifício – buscando uma satisfação térmica interior – até a forma de se orientar corretamente uma cidade inteira visando uma penetração adequada dos raios solares.

Para Olgay (1998), esta preocupação com o local remonta desde os homens primitivos, onde já neste período, se estudava os movimentos do sol buscando uma perfeita harmonia entre moradia/orientação solar e bem estar térmico, considerando também

(...)a topografia, as exigências de privacidade, os prazeres que proporcionavam as vistas, a redução de ruídos e os fatores climáticos referentes ao vento e a radiação solar (Olgay, 1998, p.53).

Viana e Gonçalves (2001, p.22) em seu livro “Iluminação e Arquitetura”, dizem que

(...) a quantidade de luz natural que chega ao solo e o seu período de disponibilidade também dependem das características geográficas e urbanas da área em questão. Este conceito procura abordar parâmetros de latitude, orientação, inclinação e morfologia do terreno.

Para a arquitetura, o método mais utilizado para o estudo relativo à incidência solar nos edifícios com a finalidade de dar melhores condições de moradia aos seus usuários é a Máscara de Sombra. Segundo Bittencourt (2000), Máscara de Sombra é a representação gráfica dos obstáculos que impedem a visão da abóbada celeste por parte de um observador localizado em um determinado local.

Através da determinação da Máscara de Sombra pode-se dimensionar de forma correta protetores solares tais como beirais, quebra-sóis, pergolados, marquises, toldos, entre outros, para controlar a incidência de luz e a radiação direta.

Em Paisagismo, o Mapa de Sombra é utilizado para analisar a incidência solar e as barreiras físicas de uma determinada área verde. Porém, sua finalidade é determinar as sombras existentes devido às massas vegetais e construídas de um determinado local, em um determinado período do ano e do dia.

O Mapa de Sombra auxilia os projetos paisagísticos na escolha do melhor local para implantação de uma espécie vegetal, de um mobiliário, etc., no intuito de melhorar a qualidade espacial do lugar.

Segundo Lira Filho (2003), o esquema da distribuição das sombras no terreno, em função do plano de massas existentes e a distribuir, é fundamental na determinação do

posicionamento dos equipamentos de lazer e dos vegetais para fins estéticos e funcionais. Para o autor, o mapa de sombras não precisa ter rigor, bastando que sejam indicadas as sombras matutinas e vespertinas, de acordo com a trajetória média do sol (ou do momento da observação).

O estudo da influência das massas vegetais e construídas dentro do espaço urbano é de suma importância para uma análise do conforto térmico e ambiental de um lugar, e conseqüentemente, da qualidade de vida das pessoas que o vivenciam.

## **CAPÍTULO 4 – CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

### **4.1. BREVE HISTÓRICO DE PATOS DE MINAS**

O processo de colonização da região ocupada pelo município de Patos de Minas iniciou com o movimento das entradas e bandeiras rumo às terras de Paracatu, primeiro caminho oficial aberto de Minas Gerais ao território de Goiás, criado pelos bandeirantes em busca do ouro no século XVIII. A partir desse período, encontra-se registrada a denominação “Os Patos” para designar a povoação à beira desse caminho.

Segundo Fonseca (1974), ao que tudo indica, as ocorrências minerais na região de Patos de Minas eram pouco atrativas, esgotando-se rapidamente; o que não favoreceu, nesta fase inicial, uma ocupação mais efetiva.

Estudos comprovam a predominância de tribos indígenas no período que antecede a dominação branca na região. A existência de vestígios arqueológicos são as marcas deixadas por estas nações (Fonseca, 1974).

As evidências históricas conhecidas através de documentos e da descrição oral registraram também a presença de negros vivendo em quilombos – do Ambrósio (Ibiá) e outros – ao longo do caminho que percorriam em direção a Goiás, passando pelo atual território patense, na primeira metade do século XVIII.

Com relação à escritura do patrimônio, há referência do termo assinado em 19 de agosto de 1826, por Antônio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa, Luzia Corrêa de Andrade, como doadores das terras na qual está situada parte da cidade de Patos de Minas. Em janeiro de 1832, com a construção da capela de Santo Antônio, foi criado o Distrito de Santo Antônio da Beira do Paranaíba, nome dado à povoação “Os Patos”, conforme o edital baixado pela Câmara de Paracatu.

A partir de 1839, a denominação Santo Antônio da Beira do Rio Paranaíba desaparece oficialmente, em seu lugar passa a vigorar Santo Antônio dos Patos.

A emancipação política foi iniciada com a denúncia histórica de fraudes na primeira eleição da Vila de Patrocínio no ano de 1848, de autoria do então vereador Antônio José dos Santos Formiguinha. Após apuração dos fatos, D. Pedro II resolveu anular e convocar novas eleições, favorecendo a região.

A liderança política de Formiguinha e a de Joaquim José de Santana foi de vital importância na defesa da criação da Vila dos Patos. Mais tarde, vieram agregar os irmãos

Antônio e Jerônimo Dias Maciel. O primeiro, pai de Olegário Maciel (ex-presidente da Província de Minas Gerais), que ali se estabeleceu cuidando dos negócios da família.

O pedido de elevação do Distrito de Santo Antônio dos Patos à categoria de Vila foi formalizado em 25 de dezembro de 1856 e aprovado somente mais tarde, 29 de fevereiro de 1868.

A Vila de Santo Antônio dos Patos foi elevada à categoria de cidade, juntamente com todas as vilas sedes de comarcas na época, através da Lei nº 23 de 24 de maio de 1892, com a denominação de Patos.

O período marca o início da dominação política da Família Maciel. A presença marcante de Jerônimo e do jovem Olegário Maciel estabeleceu longo período de influência e atuação efetiva na política local. Olegário se projetou como líder político ligado ao Partido Republicano Mineiro. Governou Minas entre 1930 e 1933, vindo a falecer na condição de Presidente da Província.

Em 1943, paralelamente aos acontecimentos políticos locais, o Governo do Estado mudou o nome do município para Guaratinga, provocando insatisfação na população. Atendendo aos apelos populares em 03 de junho de 1945, muda-se novamente para Patos de Minas para distingui-lo de Patos da Paraíba, município mais antigo.

Desde o começo do arraial, houve a preocupação da política local em promover o desenvolvimento da região. Destaca-se a criação da primeira Escola Pública (1853), a agência dos Correios (1875), a publicação do Primeiro Jornal - "O trabalho" (1905), a instalação da energia elétrica (1915), da rede de telefonia urbana (1917) e interurbana (1921), serviço de abastecimento de água, sendo que na década de 70, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA/MG - passa a abastecer a cidade com água tratada.

Do ponto de vista administrativo, o desenvolvimento maior do município foi marcado na década de 1930 pelos melhoramentos executados pelo Governo do Estado, cujo Presidente era Olegário Dias Maciel. Em seu governo, instalou e construiu a sede da Escola Normal (hoje, Escola Estadual "Professor Antônio Dias Maciel"), o Hospital Regional "Antônio Dias Maciel", o Fórum "Olympio Borges" e o Grupo Escolar "Marcolino de Barros". Essas obras muito ampliaram as influências do município na região.

A economia, essencialmente agropastoril, destacou-se na produção de milho, feijão, arroz, batatas e fumo.

Em meados do século XX, a introdução do milho híbrido pelo pesquisador Antônio Secundino, um dos fundadores da Agrocere (Empresa de Agronegócio), revolucionou a agricultura local. Com o aumento dos investimentos e do desenvolvimento econômico e

social do Município, surgiu a tradicional Festa Nacional do Milho, comemorada todo ano, no mês de maio.

#### 4.2. DADOS IMPORTANTES SOBRE PATOS DE MINAS

Patos de Minas integra a mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, polarizando uma microrregião do Alto Paranaíba (a microrregião de Patos de Minas), composta de 10 municípios: Arapuá, Carmo do Paranaíba, Guimarães, Lagoa Formosa, Matutina, Patos de Minas, Rio Paranaíba, Santa Rosa da Serra, São Gotardo e Tiros (Figura 2).



Figura 2 - Mapa do Estado de Minas Gerais.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Patos de Minas.

No município há 7 distritos: Distrito Sede, Bom Sucesso de Patos, Chumbo, Major Porto, Pilar, Pindaíbas, Santana de Patos e dois povoados: Boassara e Alagoas.

Patos de Minas possui uma área territorial de 3.336 Km<sup>2</sup>. O município apresenta clima tropical de altitude, com temperatura média máxima em torno de 28,9° C e média mínima em torno de 17,1° C. A umidade relativa do ar é de 72 % com precipitação pluviométrica média anual de 111,2 mm. O início do período de chuvas ocorre de agosto a março, com fim do período da seca que é de abril a julho.

A altitude da cidade é de 826 m. O relevo é 90% ondulado, 5% plano e 5% montanhoso. O município faz parte de duas grandes bacias fluviais do Brasil: do Paraná e do São Francisco. É cortado por vários cursos de água, havendo inúmeras lagoas

naturais, além de nascentes espalhadas por todo o território. O principal rio da região é o rio Paranaíba.

A floresta tropical latifoliada, regionalmente conhecida como Mata da Corda, cobriu originalmente a maior parte do município de Patos de Minas. Ainda existem pequenas florestas dispersas pelo município, sob a forma de capões e capoeiras. Junto à antiga mata tropical está presente o cerrado.

Em relação aos dados demográficos, o município de Patos de Minas possui 129.312 habitantes, de acordo com o Censo IBGE 2007.

### 4.3. A EVOLUÇÃO URBANA DA AVENIDA GETÚLIO VARGAS

A Avenida Getúlio Vargas, incluindo a Praça Dom Eduardo, possui dez quadras totalizando 1,25 km de extensão (ver Mapa 1).

A Praça Dom Eduardo (as três primeiras quadras da Avenida Getúlio Vargas) constitui o núcleo primitivo que deu origem à cidade de Patos de Minas e é considerada marco zero da cidade (ver Mapa 2). A Praça é formada pelo adro da antiga Capela e Matriz de Santo Antônio, lugar onde aconteciam as manifestações públicas, marcado pela centralidade e núcleo irradiador da organização espacial da cidade (ver figuras 3 e 4). Em torno da Capela concentrou-se o primeiro casario e, nas imediações, a Cadeia Pública (1912), o Grupo Escolar de Patos (1917) e os comércios de secos e molhados.



Figura 3 – Vista do casario em torno da antiga Matriz (década de 30).  
Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).



Figura 4 – Vista da Avenida Getúlio Vargas (década de 30).  
Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).

A denominação original da Praça foi referendada pela Lei Municipal de Demarcação de Ruas, de 03 de fevereiro de 1874, que a denominava como Largo da Matriz em referência ao espaço do adro da antiga Matriz.

A pedra fundamental para a construção da nova Matriz foi lançada em 1934. Em homenagem ao primeiro bispo da Diocese de Uberaba, deu-se a denominação de Praça Dom Eduardo ao trecho antes denominado de Largo da Matriz.

A antiga Matriz (ver figuras 5 e 6) que ocupava a primeira quadra da Praça Dom Eduardo foi demolida na década de 60, quando as obras da atual Catedral de Santo Antônio já haviam sido finalizadas.



Figura 5 – Vista frontal da antiga Matriz (década de 50).  
Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).



Figura 6 – Vista lateral da antiga Matriz (década de 50).  
Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).

O antigo cruzeiro defronte à antiga Matriz foi transferido para uma base semi-circular, na quadra em frente. Nesse mesmo período as duas quadras foram urbanizadas.

No final da década de 70, na segunda quadra da Praça foi construído o Altar da Pátria, definindo-a como praça cívica da cidade.

Em 1992, em ocasião da comemoração dos 100 anos de Patos de Minas, foi erguido o Monumento ao Centenário da cidade, na primeira quadra da Praça Dom Eduardo, local onde existia a antiga Igreja.

A Praça Dom Eduardo foi tombada pelo município através do Decreto nº 2.271, de 14 de abril de 2000, com a área de tombamento de 10.300,00 m<sup>2</sup>. e é integrante do eixo da Avenida Getúlio Vargas, sendo dela separada pela construção da Igreja. A Praça recebeu a sua configuração atual após a transferência da Igreja, cujo traçado se configura por duas quadras largas e passeios laterais com ligações em diagonal ao centro.

A quadra 1 (Q 1) possui uma passarela larga central (ver Mapa 3 – Trecho I), enfatizando a perspectiva do cruzeiro, sendo seu piso revestido em ladrilho hidráulico. Em seu lado direito localiza-se o Monumento ao Centenário da Cidade (ver figura 7), onde originalmente estava implantada a capela. O monumento concebido em concreto armado tem a forma de um papiro na ascendente sendo na base um espelho d'água circular com a data da criação da cidade (1892) e no alto a data do centenário (1992). No corpo do papiro encontra-se o brasão da cidade.



Figura 7 – Monumento do Centenário.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 2 (Q 2) constitui a praça cívica, constando de pequeno palanque em alvenaria, “Altar da Pátria” (1970) (ver figuras 8 e 9), com escadaria revestida em mármore branco, com três tubos de suportes das bandeiras (do município, do estado e do Brasil) e uma mureta em forma de arco de circunferência em vinte tubos de suporte para a colocação das bandeiras correspondentes aos demais estados da União.



Figura 8 – Vista parcial da Praça Cívica.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 9 – Altar da Pátria.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

Esta quadra é marcada por duas passarelas que cortam seu formato retangular nas diagonais e possui piso revestido em ladrilho hidráulico. Na extremidade deste retângulo, está localizado o antigo cruzeiro da capela (ver figuras 10 e 11). Uma pequena escadaria se dispõe em torno do cruzeiro em forma semicircular e concêntrica, configurando-se como se fosse um pequeno altar. A base de arremate da escadaria, voltada para uma pequena rua transversal que divide as duas quadras, recebe tratamento em baixo relevo, com uma estrela ao centro, ladeada por formas geométricas.



Figura 10 – Vista frontal do Cruzeiro.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 11 – Vista lateral do Cruzeiro.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 3 (Q 3) da Praça é onde se localiza a atual Matriz – a Catedral de Santo Antônio de Pádua – principal edificação religiosa de Patos de Minas, construída no período entre 1934 a 1954 em estilo eclético com traços marcantes do neogótico (ver figura 12).



Figura 12 – Catedral.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A Avenida Getúlio Vargas também representa os primórdios da ocupação e formação de Patos de Minas. É o prolongamento do núcleo original da cidade, ou seja, da Praça Dom Eduardo. Em 12 de maio de 1916, Adélio Dias Maciel, Presidente da Câmara, sancionou decreto que dava os limites e as denominações para o trecho hoje denominado Praça Dom Eduardo e Avenida Getúlio Vargas.

Como já foi mencionado, o desenvolvimento físico-territorial de Patos de Minas foi influenciado por um líder político importante, Olegário Maciel, engenheiro e ex-presidente do Estado de Minas Gerais. Olegário Maciel viveu no Rio de Janeiro na época em que a cidade passava por uma reforma sanitária, por alterações na avenida central e nas ruas centrais da cidade. Desta forma, a evolução da cidade de Patos de Minas foi influenciada por esse novo modelo de ocupação urbana, onde os valores sanitários eram mais fortes: não podiam existir mais becos, as edificações deveriam ser recuadas umas das outras, deixando de ser tipicamente colonial.

Nesta época, na década de 30, um engenheiro foi contratado para fazer um levantamento planialtimétrico da cidade (ver figura 13), para um projeto de uma estrada de ferro (que nunca foi construída) que seria financiada pelo Governo de Minas Gerais e, a partir deste levantamento, foi proposto um novo modelo de ocupação urbana.

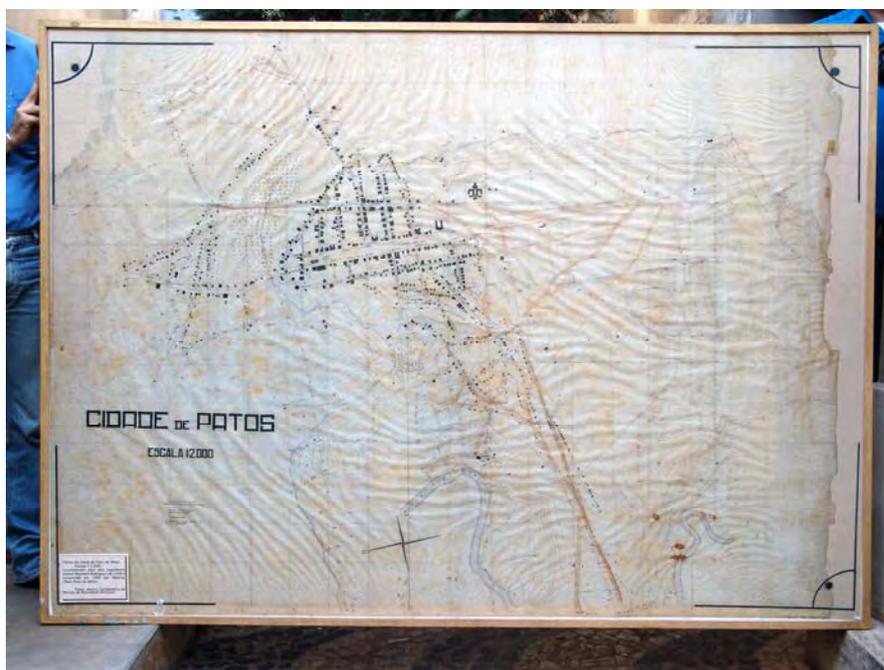


Figura 13 – Levantamento Cadastral de Patos de Minas da década de 30.  
Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).

Dentro desta perspectiva, várias intervenções ocorreram na Avenida Getúlio Vargas, demonstrando uma grande preocupação sanitária. Fez-se a remoção do cemitério (onde atualmente se localiza o Fórum), da Igreja N.S. do Rosário (em frente à atual Rádio Clube) e, com isso, ofereceu maiores condições de crescimento na região mais plana da cidade. Desta forma, a avenida foi sendo concebida como uma Avenida Central, “uma grande praça urbana”, incentivando uma ocupação mais nobre. E, na consolidação da nova ocupação, urbanização e traçado, a Avenida Getúlio Vargas, foi definida como o eixo institucional de Patos de Minas.

O nome atual da Avenida Getúlio Vargas foi definido a partir do Decreto-lei nº 19, de 10 de novembro de 1938, anteriormente era denominada “Avenida Municipal”. No governo Jacques Corrêa da Costa (1951-1955) alterou-se o nome da Avenida Getúlio Vargas para Avenida Liberdade. Porém, diante da insatisfação popular e negociação entre o Sindicato da Construção Civil e o Prefeito para garantir a aprovação do Código Tributário, o prefeito solicitou o apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e em troca devolveu à Avenida o nome de Getúlio Vargas.

Em 1946, a Secretaria Estadual de Esportes recebeu o terreno (doação) ao fundo da Avenida Getúlio Vargas para construção de um clube de lazer, o qual denominou Patos Tênis Clube (PTC). O clube marca um dos pontos de cristalização da Avenida, pois a fecha impossibilitando o acesso direto à cidade pela mesma (ver figuras 14 e 15).

A partir da construção do clube, a Avenida Getúlio Vargas toma seu traçado definitivo.



Figura 14 – Vista da portaria do PTC.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 15 – Vista do Patos Tênis Clube – PTC.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A Avenida consta de duas vias aparentemente paralelas, e, entre elas, há sete quadras centrais que possuem cada uma um caráter específico e tem, em comum, a imagem de praça aberta (ver Mapa 3 – Trecho II e Mapa 3 – Trecho III).

A quadra 4 (Q 4) é a mais larga e fica em frente a Igreja Matriz de Santo Antônio, situada entre a Rua General Osório e a Rua Olegário Maciel. O piso da calçada é revestido em ladrilho hidráulico com frisos em baixo relevo formando desenho em malha.

Possui doze canteiros em forma de polígonos, que se dispõem na periferia da quadra, obedecendo dois eixos de simetria, um longitudinal e outro transversal à Avenida. No cruzamento desses dois eixos, no centro da quadra, está o busto do “Presidente Olegário Maciel” (1936) (ver figura 16) apoiado sobre uma base quadrada revestida em placas de granito cinza e placa de bronze com figuras humanas em alto relevo e os seguintes dizeres: “Ao Presidente Olegário Maciel o município de Patos – 6/10/1855 – 5/9/1933”, no lado frontal e “arrebate a pátria às sombras presentes para que ele viva na luz e no bem, a que tanto tem aspirado (de um telegrama de Olegário Maciel em outubro de 1930)”, no lado posterior.



Figura 16 – Busto de Olegário Maciel.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

Próximo à Catedral há o Monumento ao Monsenhor Fleury. Os imóveis mais importantes localizados no entorno desta quadra são a Casa de Olegário Maciel (1915) e a Escola Estadual Professor Antônio Dias Maciel (Escola Normal - 1933) (figuras 17 e 18).



Figura 17 – Casa de Olegário Maciel  
(em restauração).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 18 – Escola Normal.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 5 (Q 5), popularmente conhecida como a “Praça do Coreto” situa-se entre a Rua Olegário Maciel e a Rua José de Santana (ver Mapa 3 - Trecho II). O piso da calçada tem desenhos radiais revestido em pedra portuguesa nas cores branca e preta, sendo uma elipse ao centro onde está inserido o Coreto Municipal. O coreto é implantado em posição de destaque, com uma planta de forma circular, com dois pavimentos, tendo no primeiro pavimento (abaixo do nível da calçada) dois sanitários públicos (ver figura 20) e, no segundo, o coreto propriamente dito (ver figura 19).



Figura 19 – Coreto.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 20 – Vista dos banheiros do Coreto.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

Esta quadra possui doze canteiros que se dispõem na sua periferia, obedecendo dois eixos de simetria, um longitudinal e outro transversal à Avenida. Os bancos são uma placa contínua de concreto revestida em marmorite (ver figura 21) e acompanham toda extensão dos meio-fios dos canteiros, voltados para o meio da quadra. Nesta quadra, os edifícios importantes do entorno são: o Palácio dos Cristais (sede atual da Prefeitura Municipal - 1970); a Rádio Clube de Patos (1946), o Palacete Amadeu Maciel (1920) e a Residência Astrogilda Maria de Queiroz Corrêa (1950) (figuras 22, 23, 24 e 25).



Figura 21 – Vista dos bancos.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 22 – Palácio dos Cristais (atual sede da Prefeitura).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 23 – Rádio Clube de Patos.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 24 – Palacete Amadeu Maciel.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 25 – Residência Astrogilda.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 6 (Q 6) é conhecida como “Praça do Fórum” e está situada entre a Rua José de Santana e a Rua Farnese Maciel (ver Mapa 3 - Trecho II). O piso da calçada é revestido em ladrilho hidráulico com friso em baixo relevo formando uma malha. Possui dezessete canteiros, sendo três em forma de círculo no meio da quadra, e outros em forma de polígono. A disposição é simétrica obedecendo a um eixo longitudinal à Avenida. Junto à Rua José de Santana existe um grande espaço, sem canteiros, onde a população se



Figura 26 – Vista do largo e do Fórum (ao fundo).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

concentra em dia de festividade (ver figura 26). Os bancos são em placa de concreto revestido em marmorite, dispostos junto aos meio-fios dos canteiros voltados para o meio da quadra. A principal característica desta quadra é o largo onde são realizadas cerimônias cívicas e eventos culturais, de formato retangular e piso de ladrilho de cimento. As edificações mais importantes do entorno são: o Fórum Olympio Borges (1936) (ver figura 26) e a Escola Estadual Marcolino de Barros (1934) (ver figura 27). Além das edificações é necessário destacar a presença de uma “colossal” paineira no centro da quadra, imune de corte através do Decreto nº 371/77 (ver figura 28).



Figura 27 – Escola Marcolino.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 28 – Paineira Barriguda.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 7 (Q 7) é conhecida como “Praça do Homem do Balaio” (1961) em virtude da presença do Monumento em Homenagem ao Homem do Campo (um homem segurando um balaio de milho, em concreto, apoiado sobre uma base retangular de alvenaria) (ver figura 29). Esta quadra situa-se entre a Rua Farnese Maciel e a Rua Marechal Floriano (ver Mapa 3 – Trecho III). O piso da calçada é revestido de “briquete”. Possui oito canteiros em forma de retângulo, dispostos dois a dois longitudinalmente. Os bancos são de concreto revestido em marmorite voltados para o meio da quadra.



Figura 29 – “Monumento Homem do Balaio”.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 8 (Q 8) está situada entre a Rua Marechal Floriano e Avenida Brasil (ver Mapa 3 – Trecho III). Possui dez canteiros, sendo dois em forma triangular, dois em forma trapezoidal e o restante em forma retangular, dispostos dois a dois longitudinalmente à Avenida. O piso da calçada é revestido em “briquete”. Os bancos são de concreto revestido em marmorite e dispostos junto aos meios-fios dos canteiros, voltados para o meio da quadra. A quadra possui árvores frondosas e desenho retilíneo, sem monumentos e com passeio central. Há duas referências espaciais em seu entorno: a Igreja Presbiteriana e a Casa de Saúde Imaculada Conceição (ver figuras 30 e 31).



Figura 30 – Vista parcial da Igreja Presbiteriana. Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 31 – Casa de Saúde Imaculada Conceição. Fonte: Arquivo do autor, 2007.

A quadra 9 (Q 9) está situada entre a Avenida Brasil e a Avenida Paranaíba (ver Mapa 3 – Trecho III). Possui dez canteiros, todos de forma retangular, com os cantos voltados para o meio da quadra, arredondados e dispostos dois a dois longitudinalmente à Avenida Getúlio Vargas. Possui um desenho retilíneo, sem passarelas diagonais. O piso da calçada é revestido em “briquete”. Os bancos são de concreto revestido em marmorite e dispostos junto aos meios-fios dos canteiros, voltados para o meio da quadra. No terceiro canteiro se localiza o Monumento Identificatório de Patos de Minas, popularmente conhecido como o “Monumento do Escorregador” (1962) (figura 32). O monumento é um muro em alvenaria curvo e inclinado, revestido em pastilha, com uma placa de alumínio



Figura 32 – “Monumento do Escorregador”. Fonte: Arquivo do autor, 2007.

fundido contendo informações sobre o município de Patos de Minas. No meio da quadra está uma caixa de areia de forma circular, elevada do nível da calçada.

A quadra 10 (Q 10) está situada entre a Avenida Paranaíba e a Rua Prefeito Camundinho (ver Mapa 3 – Trecho III). É a quadra mais estreita, tem um desenho retilíneo, sem passarelas diagonais e não possui monumentos. Possui quinze canteiros, sendo um em forma retangular, dois em forma trapezoidal e doze em forma triangular, dispostos quatro a quatro formando um retângulo. O piso é revestido em “briquete”. Os bancos, as mesas redondas (com tabuleiro de xadrez) e os banquinhos redondos, são em concreto revestido em marmorite dispostos aos meios-fios dos canteiros, voltados para o meio da quadra. A principal referência no seu entorno é o Patos Tênis Clube – PTC.

A Avenida Getúlio Vargas, na história de Patos de Minas, sempre recebeu um tratamento cuidadoso em relação à conservação e manutenção de suas vias, praças e edifícios do entorno.

Ainda hoje, nas atuais administrações públicas, percebe-se a preocupação em se manter o seu caráter físico e monumental.

O Plano Diretor do Município juntamente com a Lei de Uso e Ocupação do Solo (Lei nº 020/94) enquadram a Avenida Getúlio Vargas e a Praça Dom Eduardo na ZR-5 (zona residencial – onde se permite somente o uso residencial e institucional), com taxa de ocupação e coeficiente de aproveitamento específicos, refletindo a preocupação em resguardar a imagem da Avenida.

Em relação ao paisagismo, percebe-se que nas décadas de 50 e 60 (ver figura 33), utilizou-se muita cerca-viva e buchinhas, vegetação que pudesse ser trabalhada, com característica francesa. Atualmente, as praças não possuem estilo definido nem um estudo detalhado para a intervenção e alteração nas espécies.

No ano 2000, foram removidas várias árvores consideradas “velhas”

e introduzidas novas espécies em estágio reprodutivo. A manutenção do paisagismo das praças é feita pela prefeitura e por empresas privadas através de convênio. O Convênio *Patos com Flores* (1998), feito entre a Prefeitura e a empresa CTBC – Companhia de Telecomunicações do Brasil Central - prevê a execução de serviços de implantação e manutenção paisagísticas da praça e jardins da quadra 6 do Trecho II. Em 2005, com o



Figura 33 – Vista da Avenida (“Praça do Coreto”) na década de 60.

Fonte: Divisão de Patrimônio Histórico (PMPM).

Projeto *Patos Viva*, as empresas Café Cristal e Posto Elmo, fecharam o convênio com a Prefeitura para auxílio da manutenção das praças da quadra 7 do Trecho III e da quadra 8 do Trecho III, respectivamente. Desta forma, essas quadras estão sempre bem cuidadas (ver figuras 34, 35 e 36).



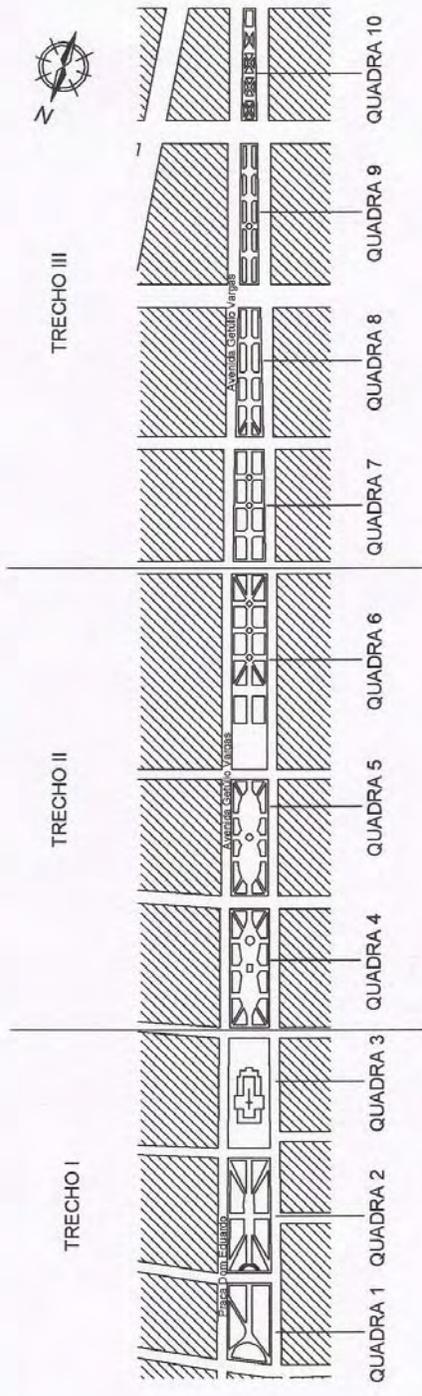
Figura 34 – Vista parcial da Praça conservada pela empresa CTBC.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 35 – Vista parcial da Praça conservada pela empresa Café Cristal.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



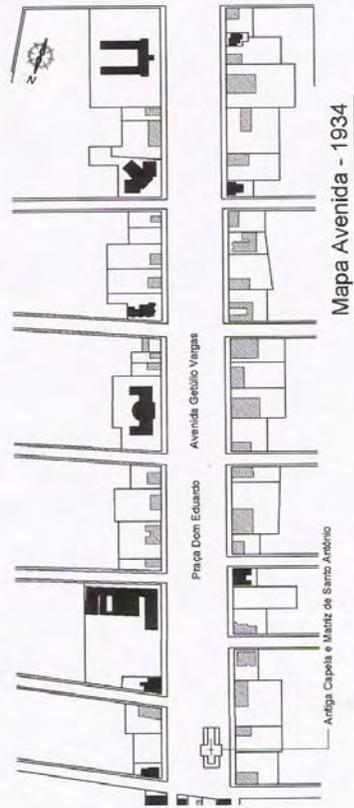
Figura 36 – Vista parcial da Praça conservada pelo Posto Elmo.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



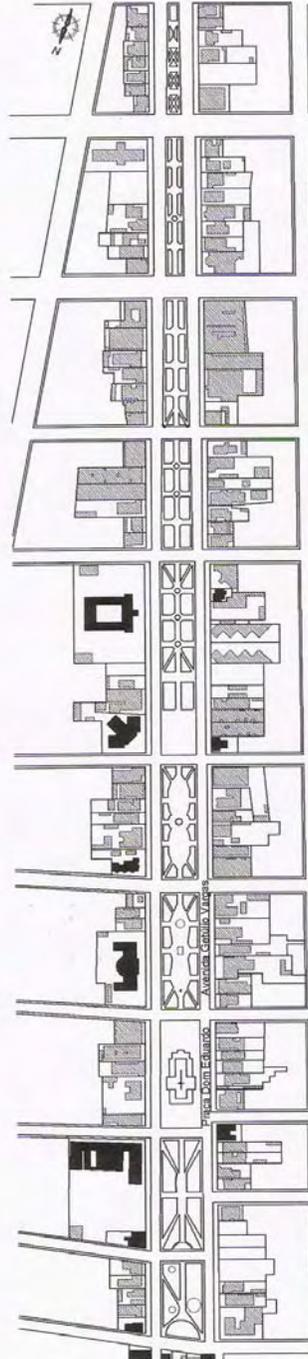
Mapa 1 - Geral Área de Estudo

x

Edifícios já existentes em 1934 e atualmente na Avenida

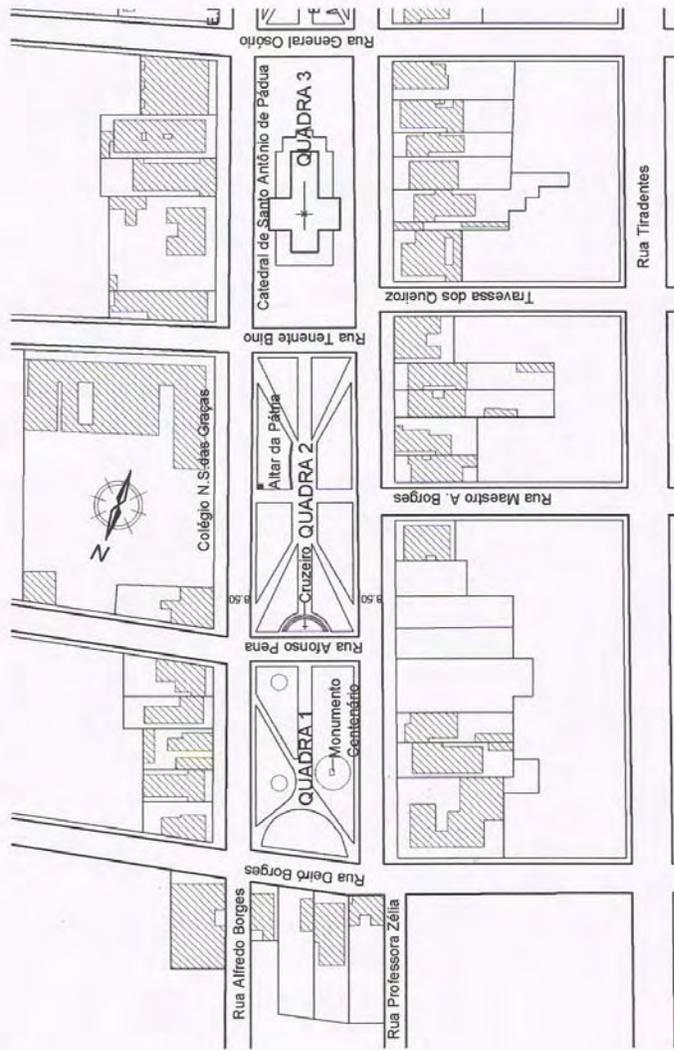


Mapa Avenida - 1934

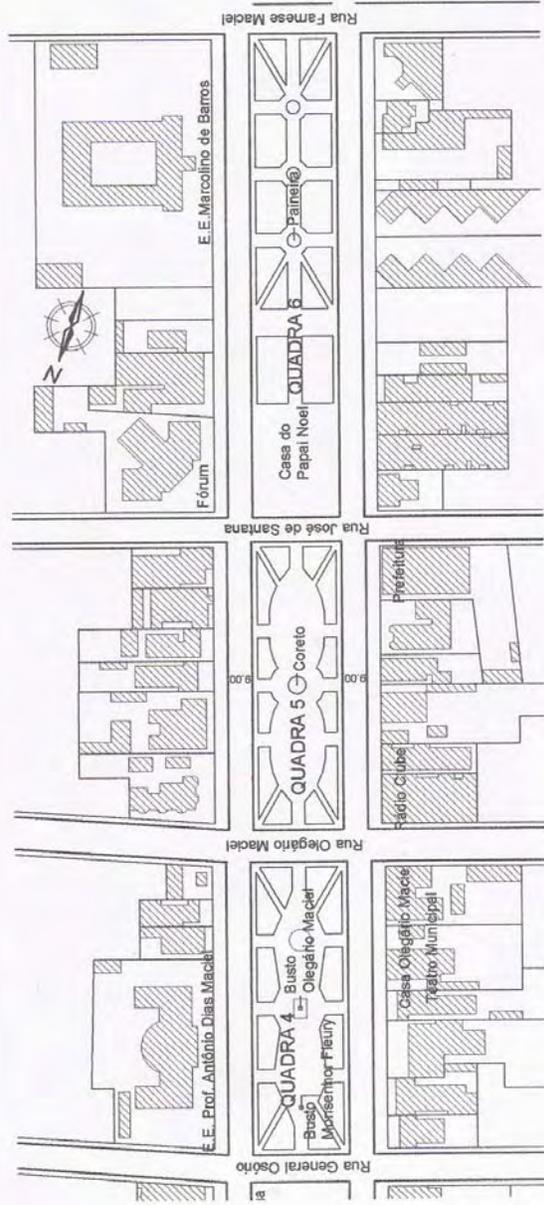


Mapa Avenida - 2007

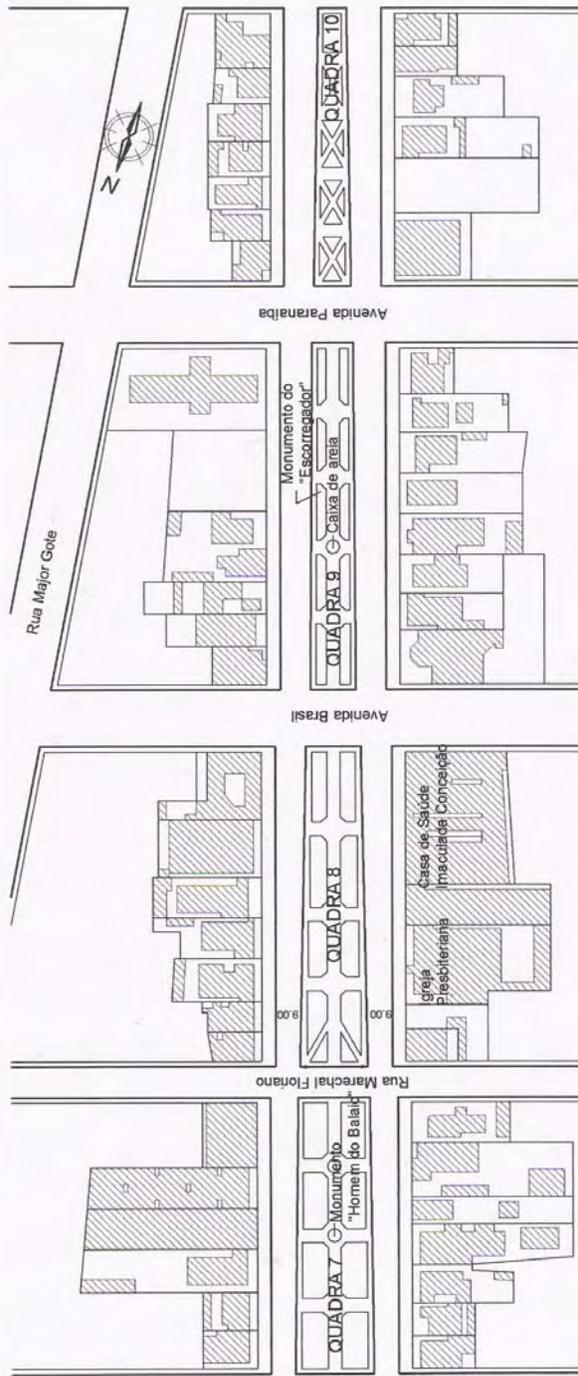
Mapa 2 - Mapas da Avenida em 1934 e 2007



Mapa 3 - Trecho I - Pça Dom Eduardo



Mapa 3 - Trecho II



Mapa 3 - Trecho III

#### 4.4. A ARQUITETURA NA AVENIDA GETÚLIO VARGAS

O acervo arquitetônico e urbanístico da Avenida Getúlio Vargas é típico de meados do século XIX e início do século XX. As construções coloniais foram as primeiras a se propagarem no território, formando o núcleo primitivo da cidade. Ainda restam algumas amostras no tecido urbano, servindo como vestígio da ocupação inicial (ver figura 37).

O eclétismo veio de forma tardia, marcando a segunda fase de expansão do sítio que começava a ocupar a região da chapada, configurando a atual Avenida Getúlio Vargas. É apresentado nas edificações públicas, privadas e religiosas (ver figuras 38 e 39).



Figura 37 – Residência de Zama Alves (1907) – Colonial.

Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 38 – Residência Dr. Itagyba (1921) – Eclética.

Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 39 – Catedral (1934 - 1954) – Eclética.

Fonte: Arquivo do autor, 2007.

O neocolonial, o art-decô e o proto moderno surgem como reprodução de modelos e arquétipos trazidos dos centros maiores. As construções modernas pontuam os espaços urbanos (ver figuras 40, 41, 42 e 43).



Figura 40 – Residência de Astrogilda Maria de Queiroz (1950) – Neocolonial.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 41 – Antiga residência do Prefeito Camundinho (1940) – Art-Decó.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 42 – Residência de José Jorge Gomes (1940) – Proto Moderno.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 43 – Palácio dos Cristais (1970) – Moderno.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

Com a criação da Divisão de Patrimônio Histórico, em 1997, foi inventariado grande número de prédios e executado os tombamentos dos seguintes bens públicos localizados na Praça Dom Eduardo e Avenida Getúlio Vargas: Casa Olegário Dias Maciel (1915) (ver figura 17), pelo Decreto nº 1.964 de 14 de abril de 1997; Fórum Olympio Borges (1934) (ver figura 26), pelo Decreto nº 2.050 de 14 de abril de 1998; Avenida Getúlio Vargas, pelo Decreto nº 2.068 de 22 de maio de 1998; Escola Estadual “Marcolino de Barros” (1934) (ver figura 27), pelo Decreto nº 2.154 de 08 de abril de 1998; Escola Estadual “Professor Antônio Dias Maciel” (1933) (ver figura 18), pelo Decreto nº 2.155 de 08 de abril de 1998; Praça Dom Eduardo, pelo Decreto nº 2.271 de 14 de abril de 2000 e, por fim, o Palácio dos Cristais (1970) (ver figura 43), sede da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, pelo Decreto nº 2.597 de 25 de novembro de 2003.

## CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise do processo de desenvolvimento urbano, paisagístico e social da Avenida Getúlio Vargas, foi importante abordar as questões do Urbanismo Moderno.

Como foram tratadas no Capítulo 1, as premissas do Urbanismo Moderno pautavam-se nas novas exigências sanitaristas e em novos conceitos em termos de moradia, circulação e traçado urbano das cidades.

Através do estudo da Avenida Getúlio Vargas, constatou-se que Patos de Minas, mesmo sendo uma cidade do interior de Minas Gerais, passou por intervenções em seu núcleo urbano, que demonstraram preocupações sanitárias e estéticas abordadas pelo Urbanismo Moderno. Como mencionado anteriormente, na década de 30, por intervenção de Olegário Maciel, foram construídos edifícios com preocupações sanitárias, foram removidos o cemitério e a Igreja Nossa Senhora do Rosário (considerada igreja de “escravos”) e foi elaborado um levantamento planialtimétrico da cidade que auxiliou na concepção da nova ocupação da Avenida Getúlio Vargas.

Nota-se que o processo urbanístico da Avenida foi influenciado por intervenções semelhantes, feitas em capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Verificou-se a influência das reformas na cidade do Rio de Janeiro, principalmente na gestão de Pereira Passos, nas obras realizadas na região central, como a abertura da Avenida Central. Nestas obras também foram removidas construções antigas para dar espaço a prédios públicos nobres. Além disso, por influência das intervenções urbanísticas de Haussmann em Paris, a mesma intenção de Pereira Passos em transformar o Rio de Janeiro em uma capital monumental com grandes avenidas arborizadas, existia nos líderes políticos patenses para “modernizar” Patos de Minas. Desta forma, nota-se que a presença de uma avenida central larga, ampla, arborizada e constituída por edificações nobres em Patos de Minas, demonstra uma influência direta das tendências do urbanismo moderno difundido em Paris, e, no caso brasileiro, no Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

O caso de Belo Horizonte, uma cidade que já surgiu moderna e fortemente influenciada pelos extensos *bulevares* arborizados de Haussmann, também serviu de modelo para a evolução do traçado urbanístico de Patos de Minas, principalmente pela concepção de sua malha ortogonal rígida e pela importância dada às praças ajardinadas. Por ser a capital de Minas Gerais, os governantes patenses procuraram alcançar, a exemplo de Belo Horizonte, a busca por uma cidade mais moderna.

Através do levantamento histórico e fotográfico, verificou-se que o processo paisagístico revelou uma forma “europeizada”, nas décadas de 50 e 60, com o paisagismo do estilo francês (ver figura 33). Atualmente, esse paisagismo foi desfigurado por sucessivas reformas. No ano 2000, foram removidas várias árvores consideradas “velhas” e introduzidas novas espécies de maneira aleatória e sem seguir uma tendência estética clara. Através do levantamento histórico, percebeu-se também a intervenção nos pisos das quadras. No início da urbanização das quadras da Avenida Getúlio Vargas, o piso era revestido em ladrilho hidráulico, hoje encontrado na Praça Dom Eduardo, nas quadras 4 e 6 da Avenida. Nas demais, com exceção da quadra 5 da Avenida, em que o piso é revestido em pedra portuguesa, as quadras (que compõem o Trecho III), possuem piso em “briquete”. Os pisos mais nobres se encontram nas quadras onde estão localizados os edifícios de maior importância histórica e arquitetônica.

Em relação ao processo social, nota-se, através da entrevista aplicada ao arquiteto e secretário de Planejamento da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, Marcelo Rodrigues, que ao longo de várias administrações públicas, há uma preocupação estética e social com a Avenida Getúlio Vargas. Para as gestões municipais, a legislação urbanística desde o início do século XX deveria controlar o gabarito, a ocupação e o uso do solo na Avenida Getúlio Vargas, com o intuito de conservar seu caráter físico e monumental. Percebe-se que esta “imagem” é mantida até os dias atuais. É evidente que as formas de uso foram se modificando ao longo do tempo, porém, sua imponência visual é percebida pela população. Esta era uma preocupação constante no início do trabalho: se a Avenida era vivenciada pela população ou vista apenas como um cartão postal, questão discutida na leitura dos questionários através da análise da percepção ambiental.

No Capítulo 2, quando abordada a questão das transformações da paisagem urbana e do espaço urbano, ficou claro que o espaço urbano não poderia ser tratado como uma simples entidade física. E como este estudo trata da paisagem urbana, composta por um espaço público livre, que se transforma em lugar, na medida em que adquire sua identidade, foi necessária a relação desses aspectos para uma melhor compreensão das interações entre o homem e a natureza. A Avenida Getúlio Vargas não pode ser considerada apenas uma via pública – um espaço público. A paisagem que a compõe é definida pela suas vias, por suas quadras, seus canteiros e jardins e os edifícios do seu entorno. Por ser um espaço livre, a Avenida exerce a função de melhoria da qualidade ambiental e estética na cidade pela sua riqueza natural, bem como a função social, pela promoção de encontros relacionados aos usos de lazer e pelo fortalecimento da identidade local. E, ao adquirir identidade, a Avenida se transforma em lugar. Analisando todo o conjunto da Avenida Getúlio Vargas, percebe-se um lugar repleto de

símbolos, de valores e significados. Os seus elementos naturais e arquitetônicos são facilmente identificados. O conjunto arquitetônico compõe o eixo institucional da cidade. As quadras da Avenida Getúlio Vargas, com seus canteiros arborizados, passeios, mobiliário e equipamentos, compõem praças, e seu conjunto, uma grande praça. Como foi tratada no Capítulo 2, a função social exercida pelas praças - promoção de encontros onde não há obstáculos de acesso à participação de qualquer tipo de pessoa - foi identificada na análise do objeto de estudo.

Uma questão também tratada no Capítulo 2, observada na análise da Avenida Getúlio Vargas, é o aspecto da “centralidade”. A posição geográfica da Avenida em relação à cidade de Patos de Minas é central, não somente em seu aspecto físico, mas também em relação à acessibilidade ao comércio, ao poder público, ao lazer. Em relação ao Poder Público, Patos de Minas está redefinindo sua “centralidade”. Com o início das obras do Centro Administrativo fora do eixo da Avenida Getúlio Vargas, haverá a transferência das atividades da Prefeitura, assim como das secretarias que funcionam em edificações espalhadas pela Avenida, para outro local. A partir daí, a Avenida Getúlio Vargas passará a exercer sua “centralidade” física e simbólica, não mais administrativa. Nota-se que esta tendência segue os moldes capitalistas, pois, atualmente, a grande maioria dos centros urbanos extrapola seus limites, fragmentando sua “centralidade”.

Esta futura ocupação representou uma preocupação neste trabalho, na medida em que a mudança da administração pública para o novo Centro Administrativo poderia diminuir o movimento e a vitalidade na Avenida. Foi a partir desta preocupação que surgiu o debate sobre o zoneamento. Como mencionado anteriormente, a Avenida Getúlio Vargas possui restrições urbanísticas diferenciadas do restante da cidade e, por constituir o eixo institucional, em seu perímetro só há permissão para os usos residencial e institucional. Como as leis de zoneamento foram consideradas por alguns autores, como Jacobs (2003), de total importância para manter ou não a vitalidade dos espaços públicos dentro das cidades, considerou-se esta questão no trabalho. Muitas vezes a mistura de usos propicia uma diversidade de funções que auxilia o desenvolvimento de manifestações humanas dentro do espaço, evitando o risco da monotonia. A possibilidade de considerar o uso comercial na Avenida Getúlio Vargas foi levantada no estudo de percepção ambiental como forma de questionar a Lei de Uso e Ocupação do Solo direcionada à Avenida, vigente na cidade de Patos de Minas. A proposta desta discussão não foi dar juízo de valor, mas apenas questionar os padrões existentes.

A questão do uso e da ocupação foi de grande relevância para este trabalho, pois se partiu da premissa que os usos no entorno da Avenida Getúlio Vargas interferem na utilização e percepção desse espaço. No intuito de analisar de que forma o traçado, a

paisagem e o uso interferem nesse espaço, foram identificados três trechos (ver Mapa 1 e Mapas 3 – Trecho I, II e III) pressupondo que cada um possuía características distintas em relação ao tratamento das quadras (pisos, canteiros, paisagismo), uso e prédios do entorno.

Todas as quadras que compõem a Avenida Getúlio Vargas possuem dimensões, traçados, paisagismo e paginação de piso diferenciados, além de diferentes edifícios em seu entorno. Por outro lado, entre certas quadras, verificam-se semelhanças em relação ao uso pelos frequentadores. Através desse uso diferenciado é que surgiu o propósito de analisar de que forma o traçado urbano e a paisagem estão interferindo na utilização desse espaço.

Através de uma análise visual *in loco*, pôde-se definir sensações distintas através de uma caminhada na Avenida, desde a Praça Dom Eduardo até a última quadra. A Praça Dom Eduardo (Trecho I) possui quadras de maiores dimensões, porém a sensação é de envolvimento, causada tanto pela vegetação quanto pela presença da Catedral. A iluminação, tanto no período diurno quanto noturno, é menos intensa e nota-se pouco movimento. Nas três primeiras quadras da Avenida Getúlio Vargas (Trecho II), verifica-se que diminui a largura e aumenta-se o comprimento em relação às quadras da Praça Dom Eduardo. Porém, a sensação é de amplidão, talvez por que a vegetação predominante neste trecho seja a palmeira imperial e os passeios sejam mais espaçosos em relação aos canteiros. A iluminação e movimentação neste trecho são mais intensas, as atividades desenvolvidas por projetos do poder público acontecem nas suas quadras e as referências da Avenida se localizam também neste trecho. Nas últimas quatro quadras (Trecho III), as mais estreitas, verifica-se o uso mais restrito aos moradores do seu entorno. A sensação é de direcionamento e fechamento, tanto pela vegetação dos canteiros quanto pelos prédios e residências ao redor.

Assim, para uma análise mais específica da relação dos três trechos e as diferentes categorias estudadas na metodologia, desenvolveu-se a análise de morfologia urbana, de percepção ambiental e paisagística do objeto de estudo.

## 5.1. ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA

Através da análise da morfologia urbana, pôde-se confirmar a diferenciação das quadras da Avenida Getúlio Vargas e a determinação de trechos em que algumas quadras demonstram certas semelhanças em relação ao tratamento físico do espaço e comportamental de seus usuários.

O Trecho I, definido pela Praça Dom Eduardo, é composto por três quadras, incluindo a quadra da Catedral (Matriz). As quadras deste trecho possuem um traçado específico, onde se percebe uma passarela central que parece levar à terceira quadra (Catedral). As calçadas dessas quadras são mais estreitas em relação aos canteiros e as árvores são mais frondosas e proporcionam muita sombra, dando sensação de aconchego e envolvimento. As quadras deste trecho são menos freqüentadas, sendo que as duas primeiras dão um aspecto de praças de bairro (ver Mapa 3 – Trecho I). Porém, o fato da existência de árvores de grande porte no trecho prejudica a iluminação, principalmente noturna, ocasionando a presença de grupos de usuários de drogas durante a noite. Durante o dia, pode-se encontrar jovens com *skates*, devido a certa inclinação existente na primeira quadra propiciando a prática do esporte. Através do Mapa 4 - Morfologia Urbana (Trecho I - Qs 1,2,3), verifica-se a predominância do uso residencial unifamiliar, com gabarito de 1 e 2 pavimentos. Em alguns lotes de esquina encontram-se prédios com uso comercial/serviços e/ou uso misto, porém, com a entrada principal para a rua perpendicular à Avenida. A distribuição do mobiliário urbano foi feita de forma casual, sem obedecer alguma lógica espacial e verificou-se que não há nas quadras deste trecho mesinhas com tabuleiros de dama ou outros jogos. Constata-se, com a definição desse trecho, que o traçado dos canteiros e a característica do tipo de ocupação predominante em seu entorno favorecem o caráter particular do seu uso. A vegetação é mais evidente que os monumentos, equipamentos e mobiliário, o que auxilia na baixa freqüência de usuários no trecho, principalmente no período noturno, pelo fato da iluminação ser mais precária, favorecendo de certa forma, a marginalidade.

O Trecho II, compreendido por três quadras, possui uso predominantemente institucional (ver Mapa 3 – Trecho II). Neste trecho estão os prédios administrativos (Prefeitura, casa de Olegário Maciel, Teatro e Fórum), a Escola Estadual Antônio Dias Maciel (Escola Normal), a Escola Estadual Marcolino de Barros e a Rádio Clube. Na quadra 5, encontra-se o Coreto que abriga várias atividades, principalmente de dança, para os jovens. Na quadra 6, na área anterior à Casinha do Papai Noel, encontra-se um espaço aberto onde é montado o palco para apresentações diversas, em especial, as comemorações da Festa do Milho (ver figuras 44 e 45).



Figura 44 – Vista do desfile do aniversário da cidade no dia 24 de maio (Festa do Milho).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 45 – Vista do desfile do aniversário da cidade no dia 24 de maio (Festa do Milho).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

Neste trecho o uso é mais intenso, por ser também, onde acontecem todas as atividades e eventos na Avenida. No Trecho II (ver Mapas 4 - Morfologia Urbana – Trecho II - Qs 4,5 e II – Q 6) predomina o uso residencial unifamiliar, com gabarito de 1 e 2 pavimentos, porém é o trecho com maior incidência do uso institucional e comercial/serviços. As quadras deste trecho possuem mais equipamentos, como por exemplo, a presença do Coreto, de uma tenda móvel, da Casa do Papai Noel, e também, de mobiliário urbano. Apenas neste trecho encontram-se abrigos de ônibus e pontos de táxi. Percebe-se que o traçado amplo das calçadas, a vegetação mais espaçada, a diversidade de equipamentos e usos do entorno favorecem uma maior intensidade e frequência de usuários no trecho.

O Trecho III, definido por quatro quadras (ver Mapa 3 – Trecho III), foi delimitado pelo seu uso mais restrito, já que há uma maior concentração de prédios residenciais. Este trecho é direcionado e envolvido pelos edifícios do entorno e como as quadras são mais estreitas, a impressão é que seus canteiros são uma extensão dos jardins das residências. Neste trecho percebe-se uma maior incidência de crianças tomando sol e passeando pelas calçadas. No Trecho III (ver Mapas 4 - Morfologia Urbana – Trechos III - Q 7, III – Qs 8 e 9 e III – Q 10) também predomina o uso residencial unifamiliar, com gabarito de 1 e 2 pavimentos, porém é o trecho que possui prédios residenciais multifamiliares de maior gabarito na Avenida. As quadras deste trecho são mais estreitas, porém há muitos bancos, inclusive mesinhas contendo tabuleiro de jogos de dama.

Além dos elementos referentes ao traçado, parcelamento e tipologias, verificou-se que o estudo da relação do uso público e privado na Avenida Getúlio Vargas seria uma questão interessante para entender a lógica evolutiva do processo urbano da cidade. A

Avenida é um espaço público que abriga espaços privados em seu entorno. De certa maneira, os edifícios privados se tornam patrimônio coletivo no momento em que são referências para os freqüentadores daquele espaço. Portanto, a Avenida reflete usos particulares e coletivos.

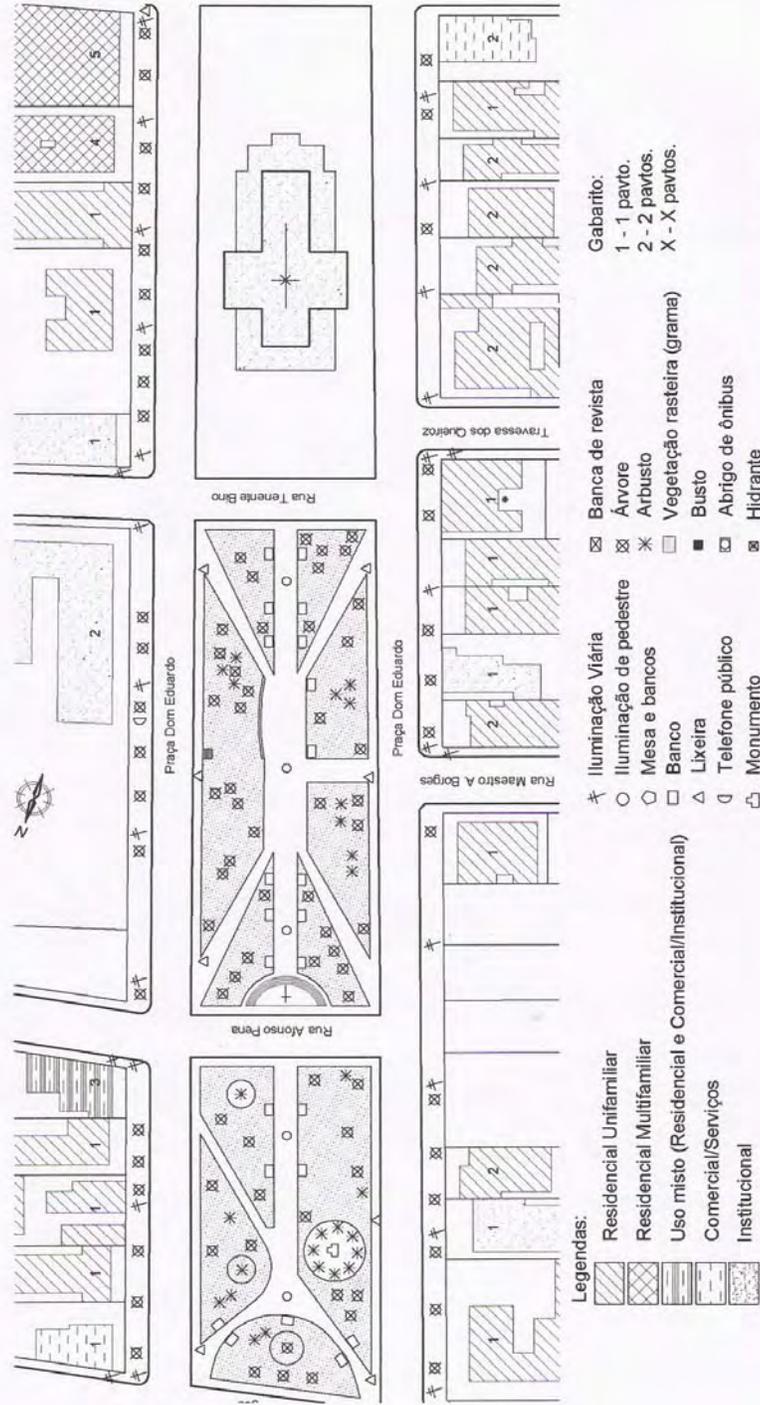
O Mapa 5 – Uso público x Uso privado foi elaborado considerando os usos comercial/serviços e institucional como públicos e as residências, como privado. De maneira geral, verifica-se que a relação uso público x uso privado em todos os trechos da Avenida é equilibrada, considerando as vias e as quadras. A articulação entre o domínio público e privado foi importante para a constatação da função social do objeto de estudo, uma vez que sendo um espaço público, a Avenida deveria favorecer o uso coletivo.

Outro elemento estudado na análise da morfologia urbana foi a circulação e acessibilidade da Avenida Getúlio Vargas, em relação ao fluxo de veículos e pedestres. Por ser uma via localizada no centro da cidade, a sua estrutura deve ser ordenadora do espaço que a rodeia.

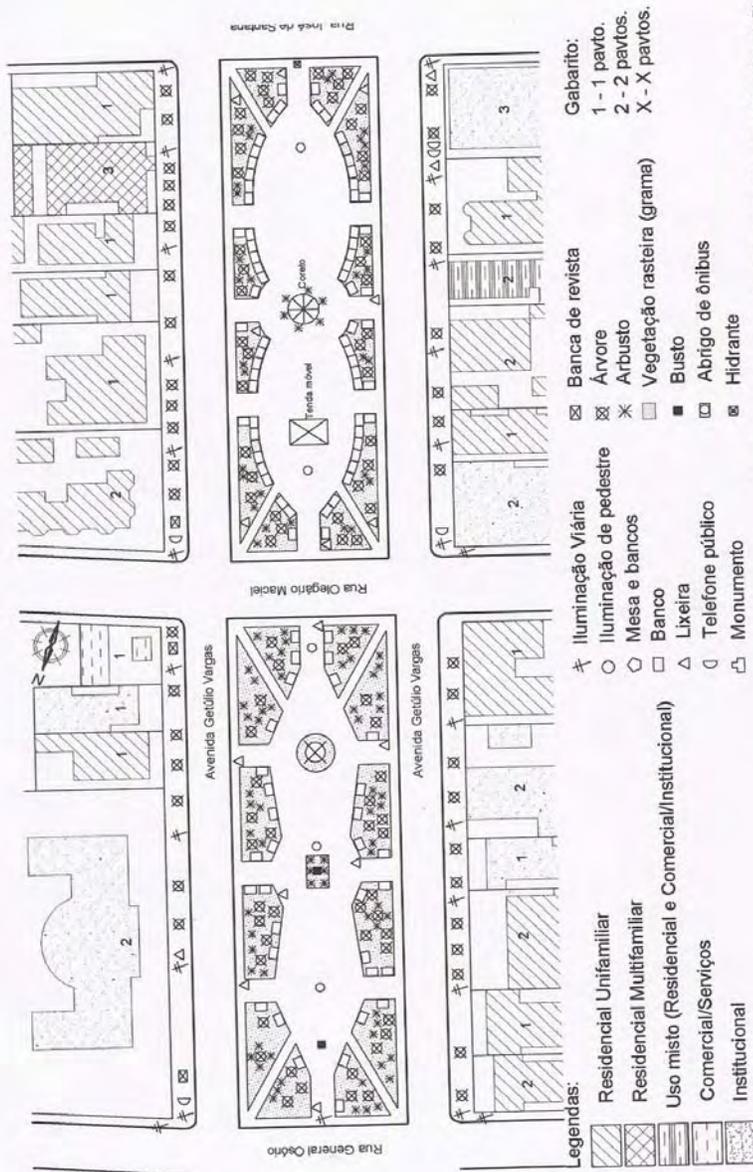
Através do Mapa 6 - Fluxo de Veículos, pôde-se verificar que o fluxo de entrada e saída de veículos da Avenida é intenso, por ser uma avenida central e por dar acesso a vários bairros da cidade (ver figura 46). Por ser bastante movimentada, a Avenida possui mecanismos controladores de fluxo, como semáforos, em praticamente todos os cruzamentos, além de ser bem sinalizada. Pela observação *in loco* identificou-se que o fluxo de pedestres é disperso em todo o perímetro da Avenida, portanto, há alguns nós (aglomeração de pessoas) em certos trechos em determinado período do dia, como por exemplo, em frente à Prefeitura e às Escolas. Os passeios traçados nas quadras da Avenida são utilizados pelos pedestres que respeitam os canteiros gramados.

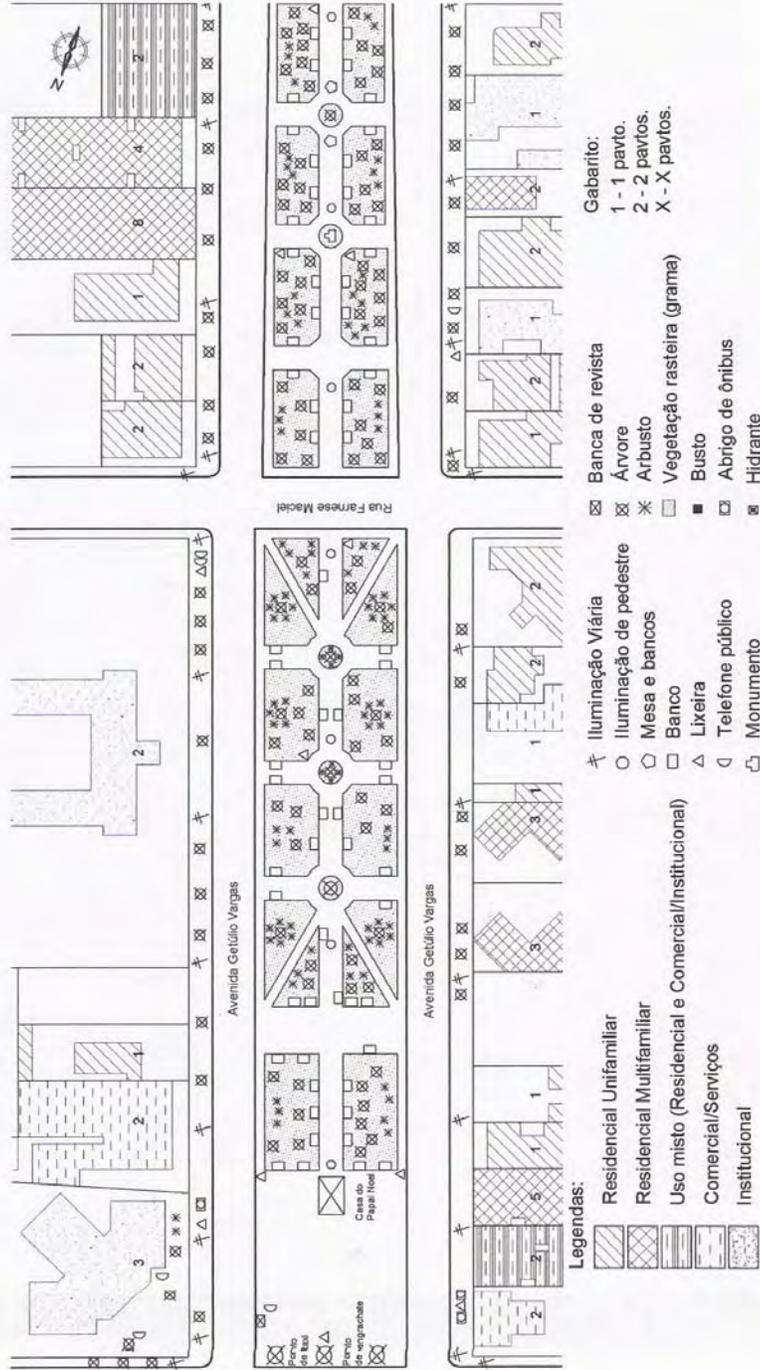


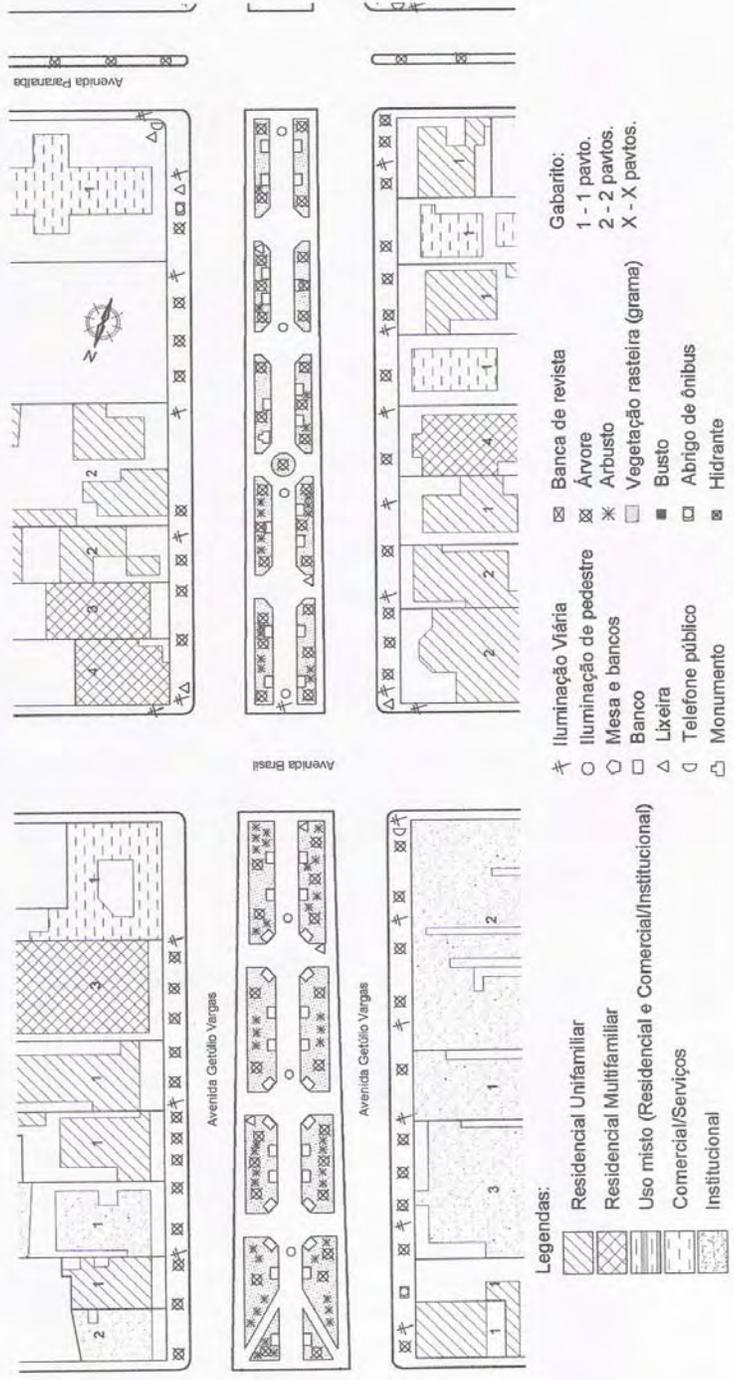
Figura 46 – Vista aérea da Avenida e as vias adjacentes.  
Fonte: Saulo Alves, 2003

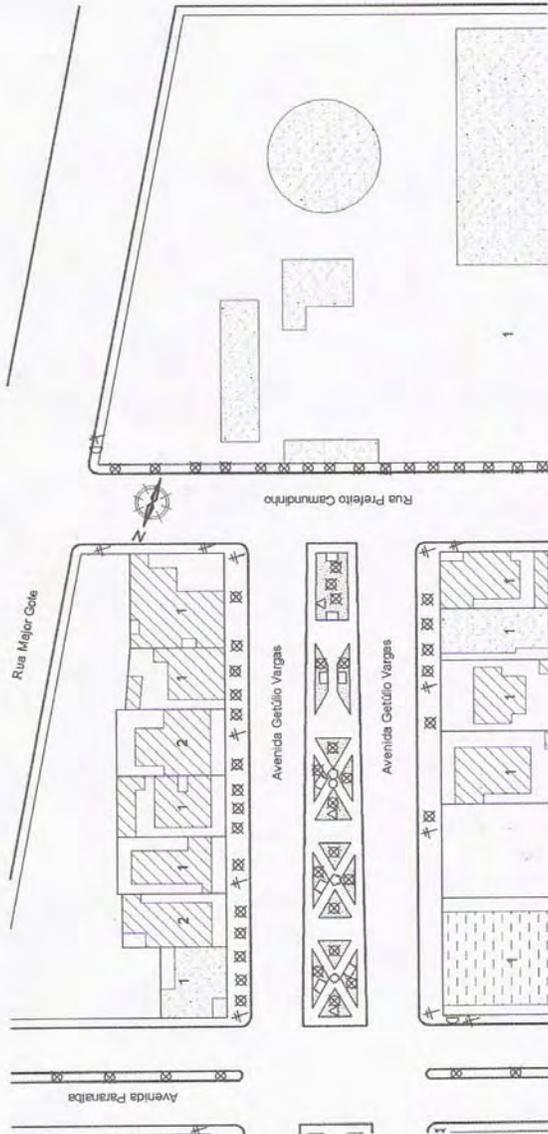


Mapa 4 - Morfologia Urbana (Trecho I - Qs 1,2,3)



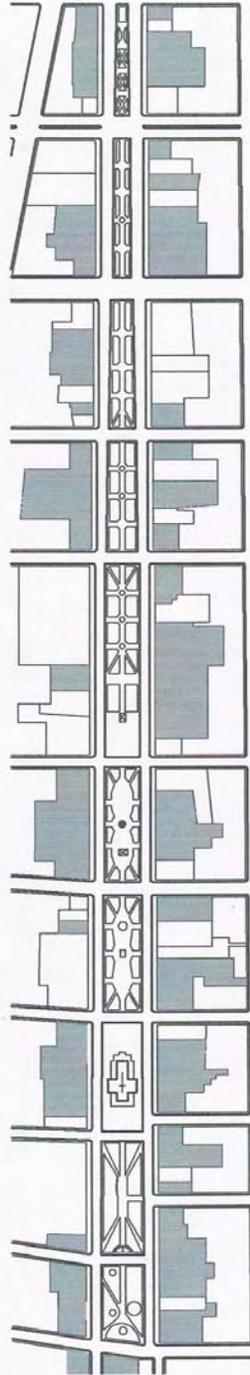






- Legendas:**
- Residencial Unifamiliar
  - Residencial Multifamiliar
  - Uso misto (Residencial e Comercial/Institucional)
  - Comercial/Serviços
  - Institucional
- Iluminação Viária**
- Iluminação de pedestre
  - Mesa e bancos
  - Banco
  - Lixeira
  - Telefone público
  - Monumento
- Banca de revista**
- Árvore
  - Arbusto
  - Vegetação rasteira (grama)
  - Busto
  - Abrigo de ônibus
  - Hidrante
- Gabarito:**
- 1 - 1 pavto.
  - 2 - 2 pavtos.
  - X - X pavtos.

Mapa 4 - Morfologia Urbana (Trecho III - Q 10)



□ Uso público (comercial/serviços e institucional)

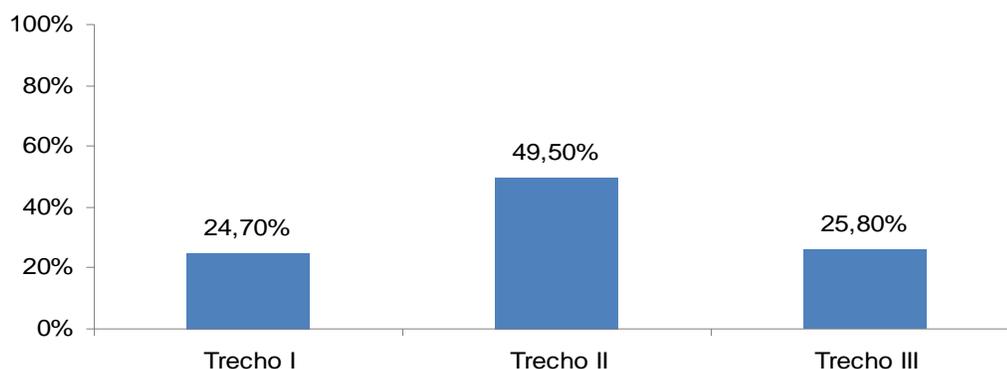
■ Uso privado (residências)

Mapa 5 - Uso público x Uso privado



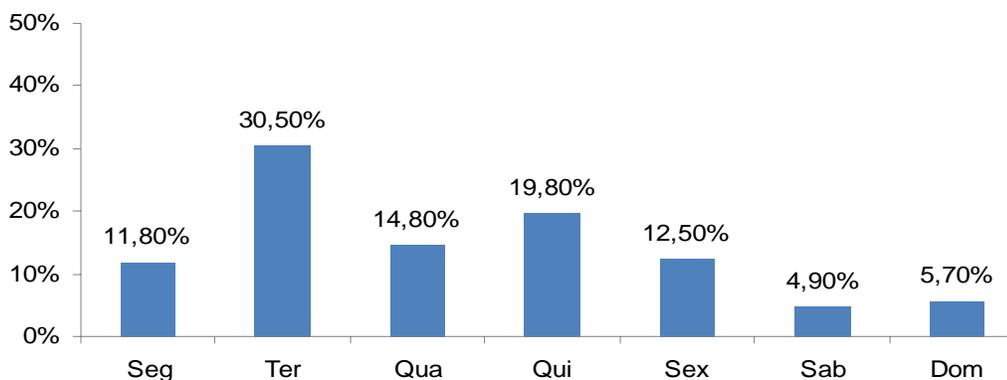
## 5.2. ANÁLISE DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A pesquisa de Percepção Ambiental também foi feita levando em consideração a definição dos três trechos. Como a aplicação dos questionários foi realizada *in loco*, percebeu-se uma maior frequência dos usuários no Trecho II – ver gráfico 1. É compreensível, pois este trecho é composto pelas quadras que possuem os prédios administrativos no entorno, duas escolas estaduais, o Teatro, o Fórum, o Coreto, etc.

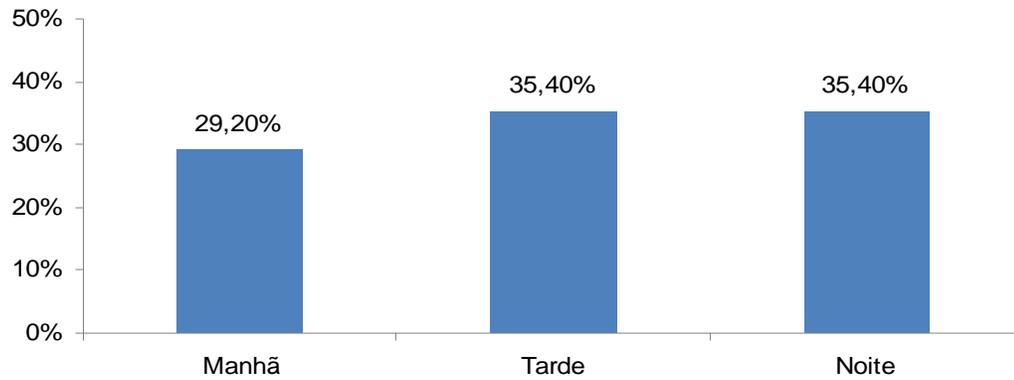


**Gráfico 1** – Percentual de entrevistados por Trecho da área de estudo.

A maioria foi entrevistada durante a semana (ver gráfico 2), principalmente no período da tarde e da noite, por haver mais movimento devido à presença das escolas na Avenida (ver gráfico 3).

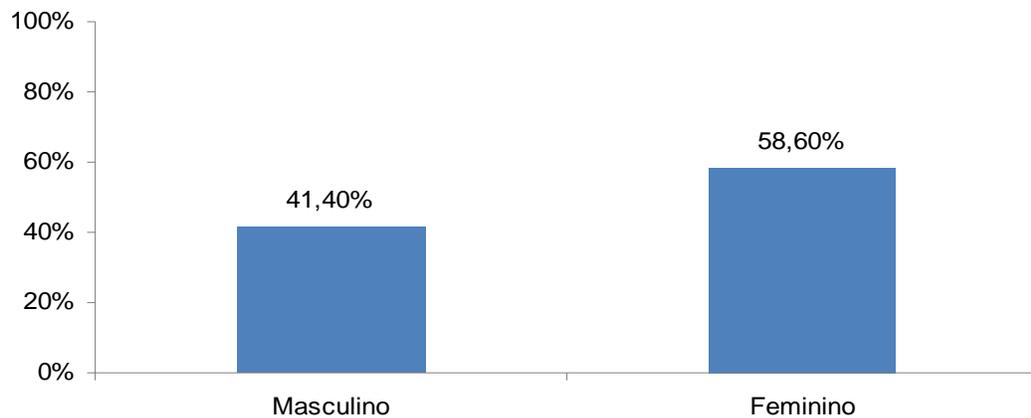


**Gráfico 2** – Percentual de entrevistados por dia da semana.

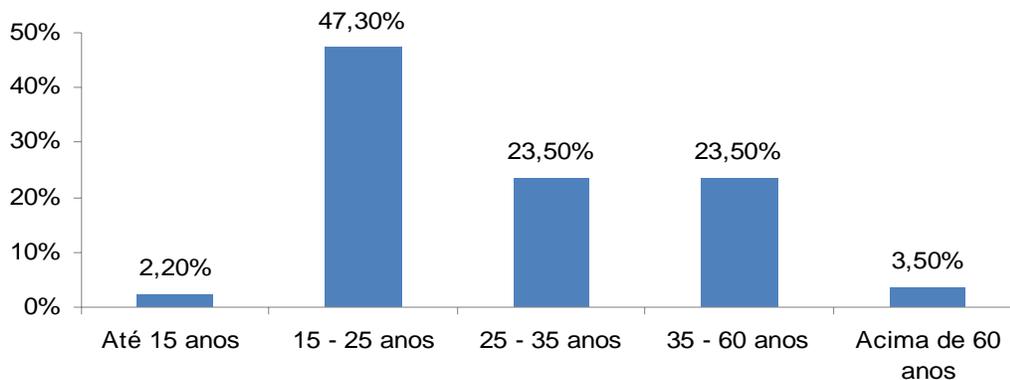


**Gráfico 3** – Percentual de entrevistados por turno.

Em relação ao perfil dos entrevistados, verificado nos gráficos 4 a 14, a maioria é do sexo feminino, porém com uma diferença bem pequena, e está na faixa entre 15 e 25 anos, caracterizando um público bem jovem (gráficos 4 e 5).

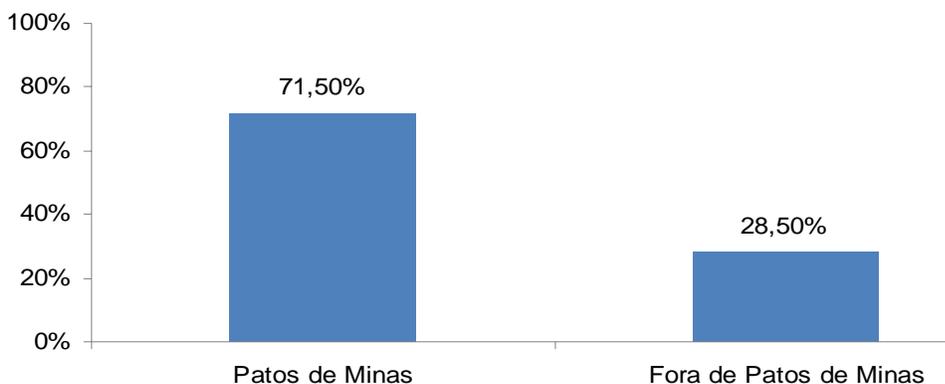


**Gráfico 4** – Percentual de entrevistados por gênero.

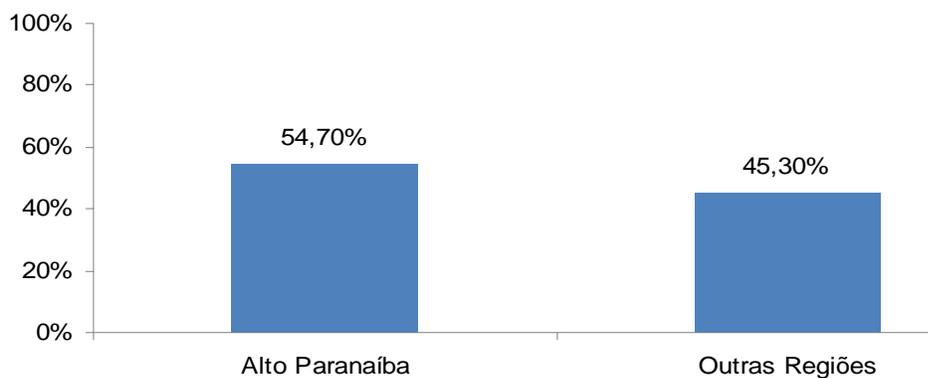


**Gráfico 5** – Percentual de entrevistados por idade.

A grande maioria nasceu em Patos de Minas, sendo que dos entrevistados que não nasceram na cidade, a maioria é da região do Alto Paranaíba (gráfico 6 e 7).

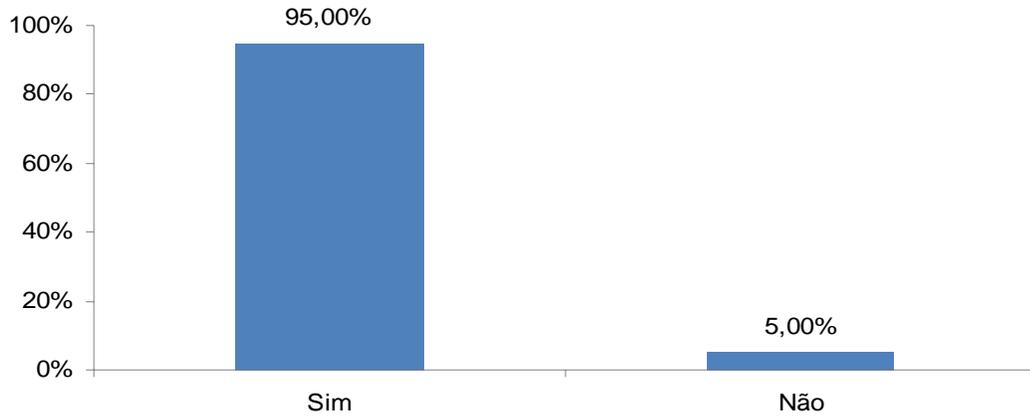


**Gráfico 6** – Origem dos entrevistados.

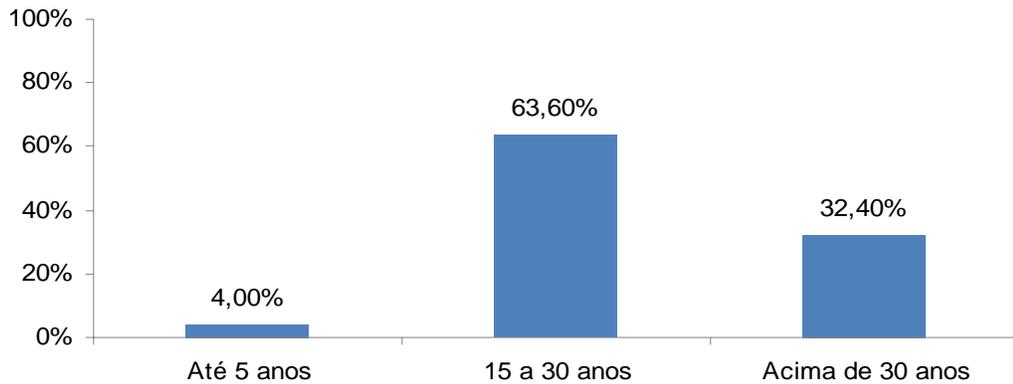


**Gráfico 7** – Região de origem dos entrevistados.

Dos entrevistados, 95% residem hoje em Patos de Minas, e destes, a maioria tem período de residência entre 15 e 30 anos (ver gráfico 8 e 9).

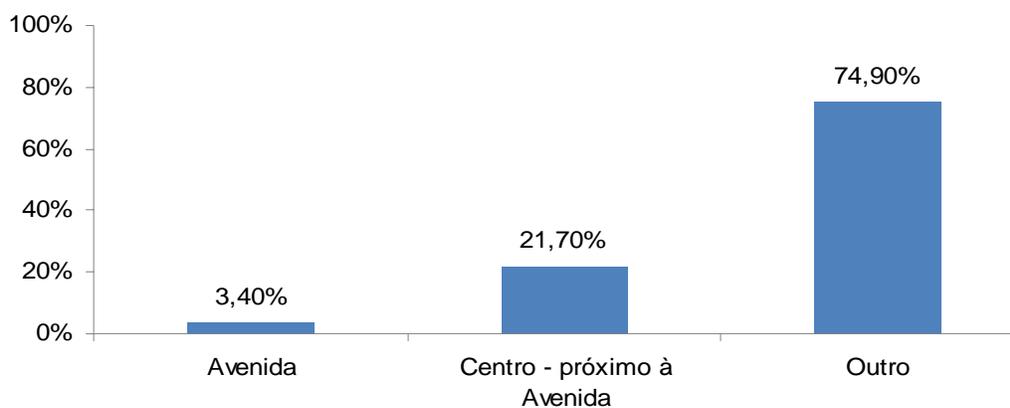


**Gráfico 8** – Percentual dos entrevistados que residem em Patos de Minas.

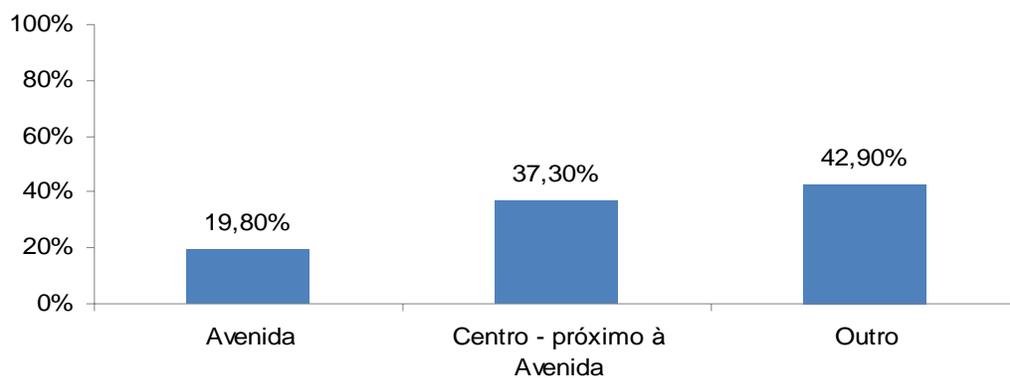


**Gráfico 9** – Tempo de residência dos entrevistados em Patos de Minas.

A maioria dos entrevistados trabalha fora do eixo Centro-Avenida, mas uma parte significativa trabalha próximo à Avenida. Em relação ao local de moradia dos entrevistados, a maioria mora nos bairros, porém é significativo os que moram próximo à Avenida (ver gráficos 10 e 11).

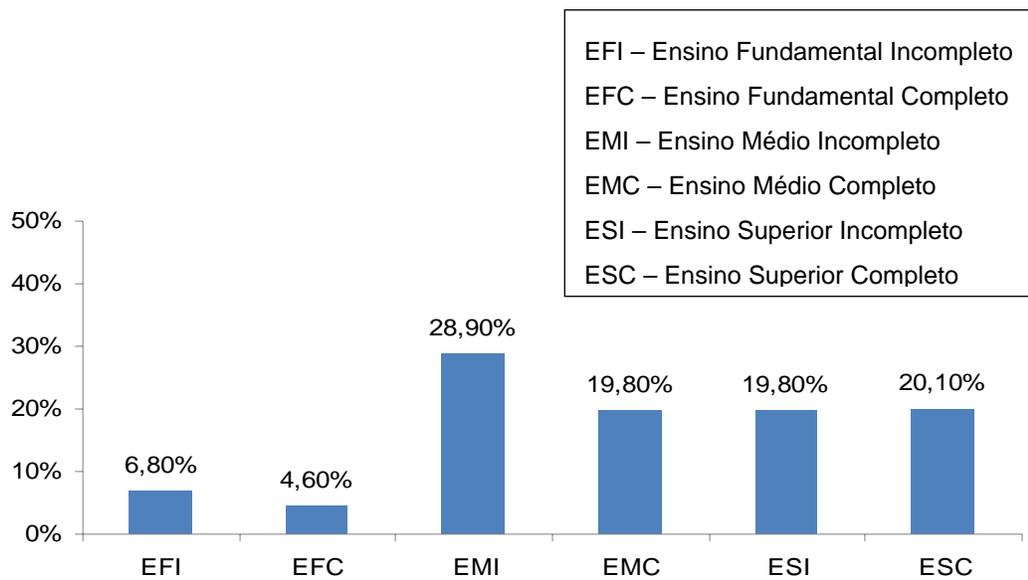


**Gráfico 10** – Local de trabalho dos entrevistados.

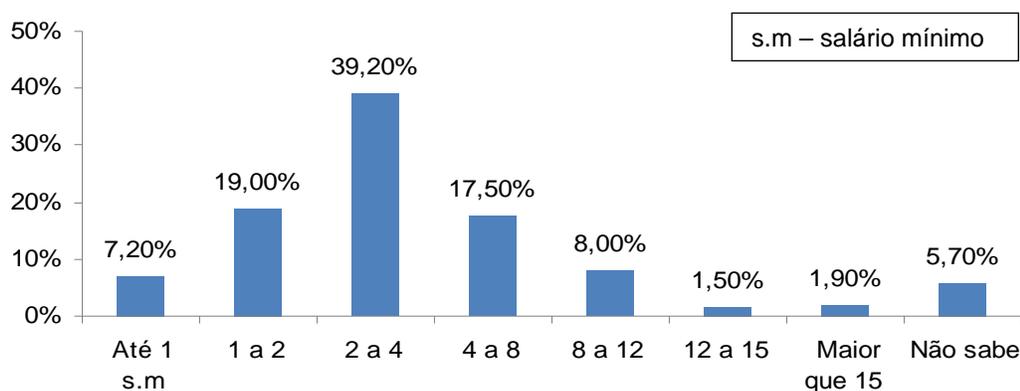


**Gráfico 11** – Local de moradia dos entrevistados.

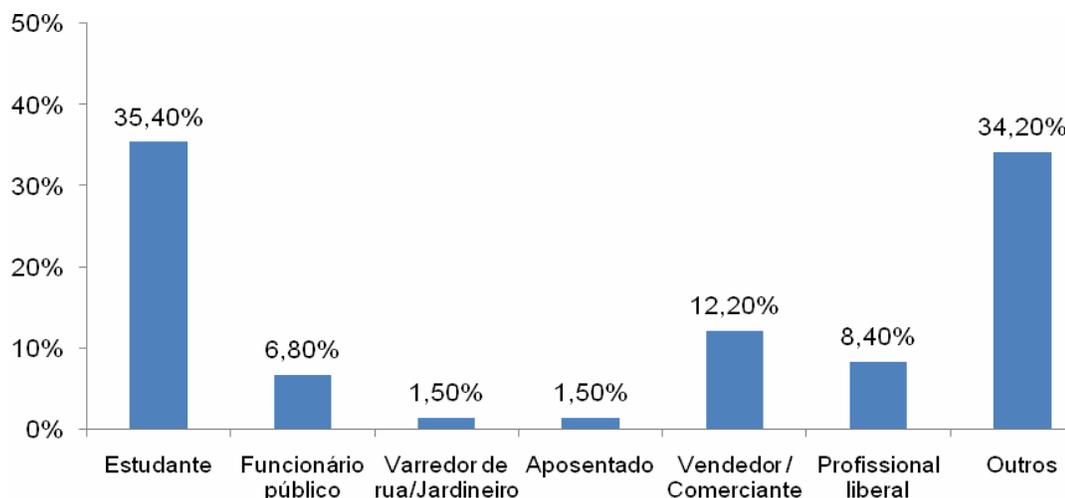
O nível de escolaridade dos entrevistados é bom, a maioria possui ensino médio incompleto, mas por se incluírem, também, as crianças e adolescentes em idade escolar. Porém uma grande parte possui o ensino médio completo, superior incompleto e completo (ver gráfico 12). A renda familiar da maioria dos entrevistados é de 2 a 4 salários mínimos e a profissão é estudante e comerciante (ver gráficos 13 e 14).



**Gráfico 12** – Escolaridade dos entrevistados.

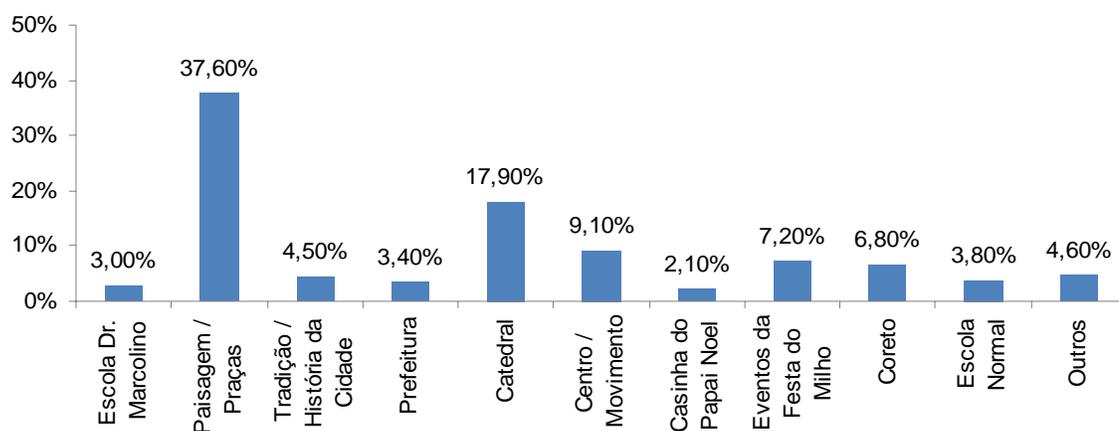


**Gráfico 13** – Renda familiar dos entrevistados.



**Gráfico 14** – Profissão dos entrevistados.

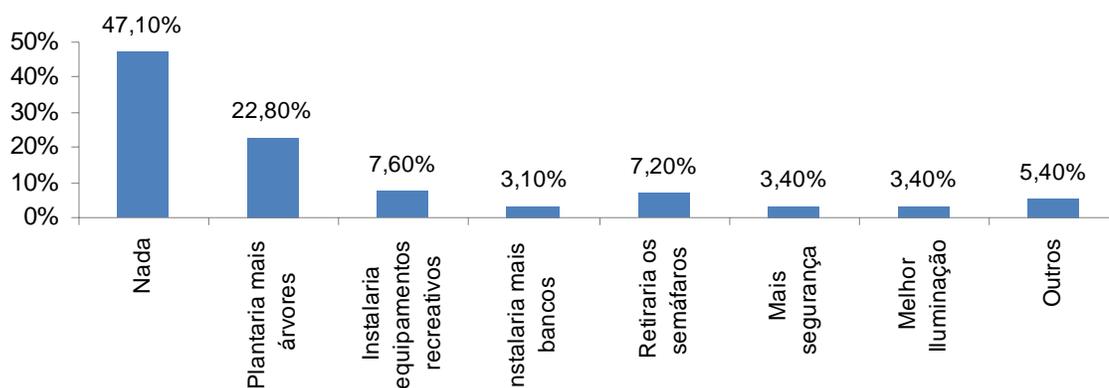
Em relação ao questionário, as três primeiras perguntas foram abertas para que o entrevistado tivesse liberdade para expressar sua opinião e percepção em relação à área de estudo. Indagados sobre a primeira coisa que vem a cabeça quando pensam na Avenida, verificou-se que a paisagem, as praças e a Matriz (Catedral de Santo Antônio) foram as mais citadas, reforçando a imagem da Avenida como “cartão postal” da cidade, pelo seu aspecto físico e estético (gráfico 15).



OBS: Outros – Fórum, Casa, Festa de Santo Antônio, Monumento Homem do Balaio, Patos Tênis Clube (PTC), Hospital Imaculada Conceição

**Gráfico 15** – Primeira coisa que vem a cabeça dos entrevistados quando pensam na Avenida.

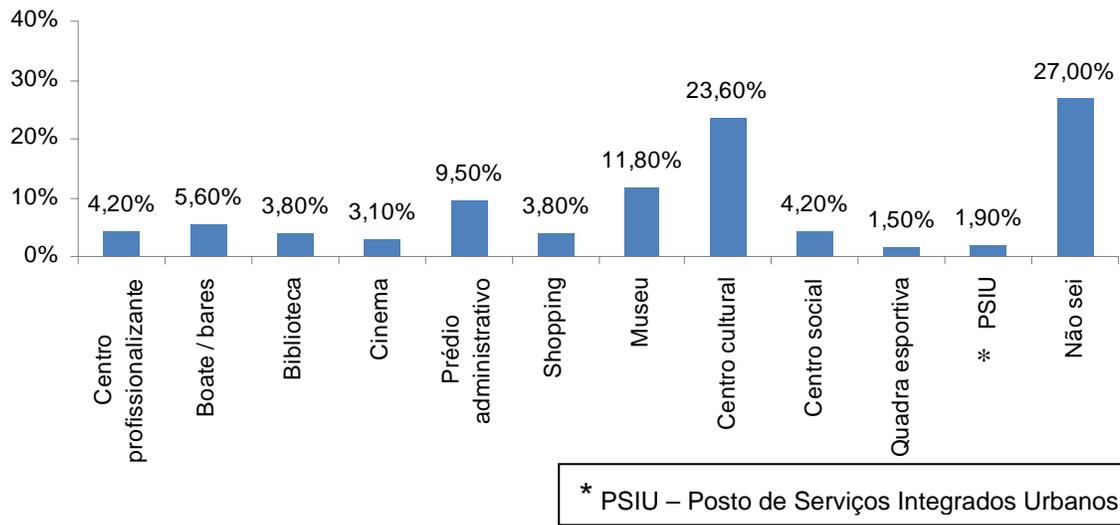
Na outra questão, sobre o que o entrevistado mudaria na Avenida, verificou-se que os usuários e freqüentadores do local estão satisfeitos com a imagem e atrativos ali existentes, pois a maioria não mudaria nada (ver gráfico 16). Contudo, uma grande parte plantaria mais árvores. O que pôde ser detectado no local é que várias espécies foram plantadas recentemente, com isso, apresentam porte pequeno por estarem em fase de crescimento, além do mau posicionamento dos bancos em relação às sombras das árvores.



OBS: Outros – Retiraria os estacionamentos, implantaria passeio adequado para deficientes, aumentaria o estacionamento, trocaria o piso dos canteiros centrais, colocaria uma fonte luminosa, proibiria a construção de prédios.

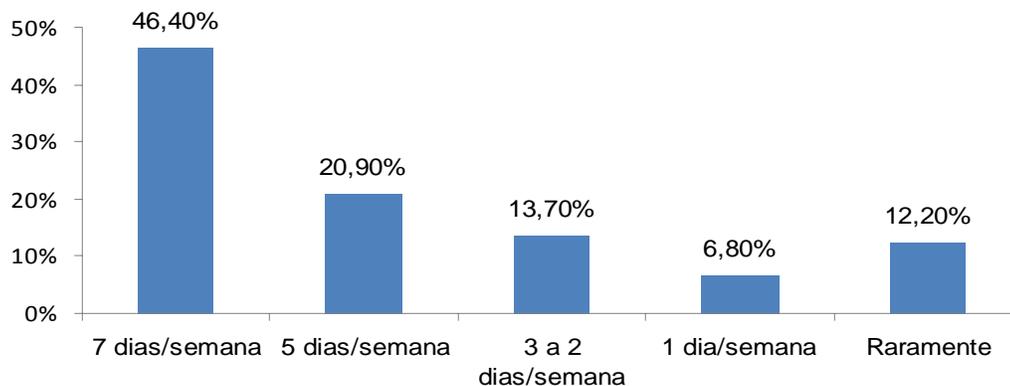
**Gráfico 16** – O que os entrevistados mudariam na Avenida.

Na última questão aberta, referente à mudança da atual sede da Prefeitura e qual atividade deveria funcionar no local, pôde-se constatar que a população não está consciente desta mudança (ver gráfico 17). Grande parte dos entrevistados afirmou não saber do projeto do novo Centro Administrativo, sendo que as obras já foram iniciadas. Porém, percebe-se que esta questão não foi tão relevante quanto se imaginava. Os entrevistados que tinham conhecimento dessa mudança não acreditam que outra atividade na sede da Prefeitura alteraria o movimento na Avenida. Foi significativo o montante dos que propuseram um Centro Cultural, e também, Museu. Os entrevistados que propuseram esse tipo de atividade alegaram a importância histórica da Avenida Getúlio Vargas para Patos de Minas, principalmente por fazer parte do núcleo que deu origem à cidade e por conter exemplares arquitetônicos de valor histórico. A imagem da Avenida como parte da história e cultura da cidade é muito forte para a população em geral.

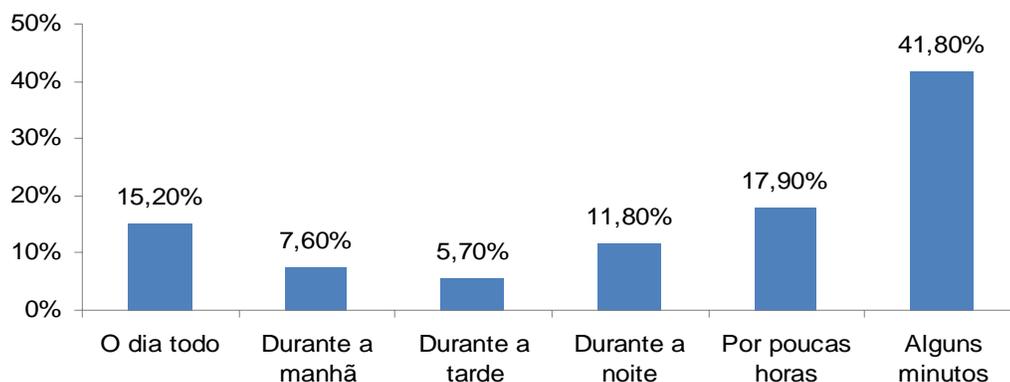


**Gráfico 17** – Tipo de atividade que deveria funcionar na atual sede da Prefeitura.

A primeira questão de múltipla escolha, frequência de passagem dos entrevistados na Avenida, demonstrou que a área de estudo possui um movimento de pessoas e, também de veículos, intenso, principalmente durante a semana (gráfico 18). Vale ressaltar, a presença de três escolas, da Prefeitura e outras secretarias, do Teatro, do Fórum, da Catedral, além das residências e da sua localização central. Esta frequência pode ser verificada pela permanência da maioria dos entrevistados por poucos minutos (ver gráfico 19). Os usuários que permanecem o dia todo são os que trabalham e/ou moram na Avenida. Os que permanecem por poucas horas, procuram os prédios institucionais e públicos (Prefeitura, Igreja, Fórum ,etc.) ou praticam “caminhada”.

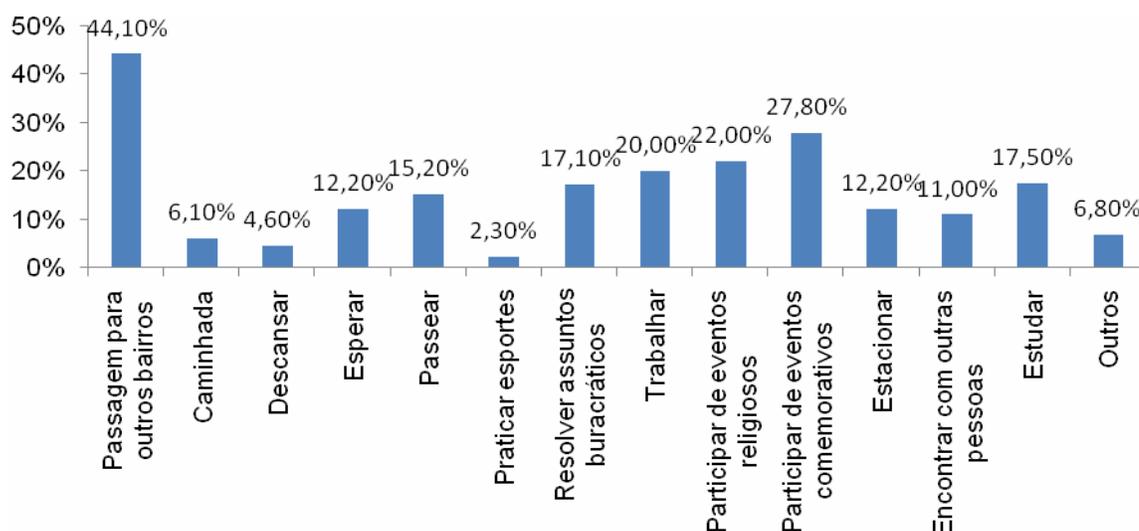


**Gráfico 18** – Frequência de passagem dos entrevistados na Avenida.



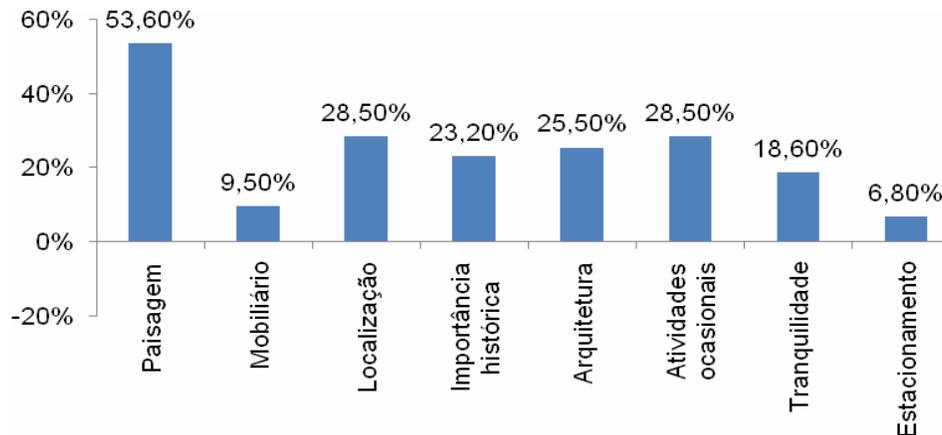
**Gráfico 19** – Tempo de permanência dos entrevistados na Avenida.

A Avenida, por ser uma via central, é utilizada como passagem para diversos bairros da cidade, o que pôde ser verificado pelo gráfico 20. Contudo, percebe-se também a grande importância para a população dos eventos e atividades que são desenvolvidos no local. Dentre estas atividades estão os shows que acontecem na Praça em frente ao Fórum, principalmente nas comemorações da Festa do Milho, os desfiles na Avenida, as feiras de artesanato, etc. Os eventos comemorativos além de trazerem movimento e vitalidade para o espaço público são instrumentos de comprometimento da administração pública com a sua função social. Através de todas as atividades que ali são desenvolvidas, a Avenida passa a ser vivenciada pela população.



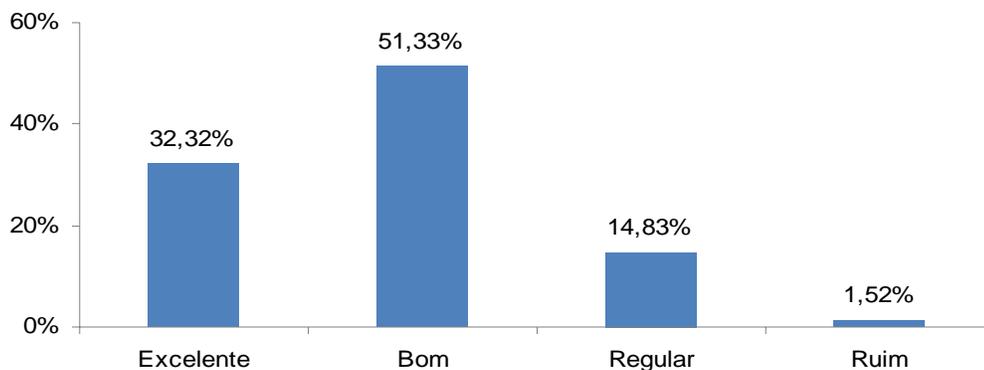
**Gráfico 20** – O que os entrevistados fazem na Avenida.

A imageabilidade da Avenida está intimamente ligada à sua paisagem natural. Esta afirmativa pode ser verificada tanto no gráfico 15 quanto no gráfico 21. A paisagem (paisagismo) é o que mais agrada a maioria dos entrevistados. A Avenida Getúlio Vargas possui uma vegetação expressiva em meio da massa construída e é considerada pela população, um dos marcos da cidade.

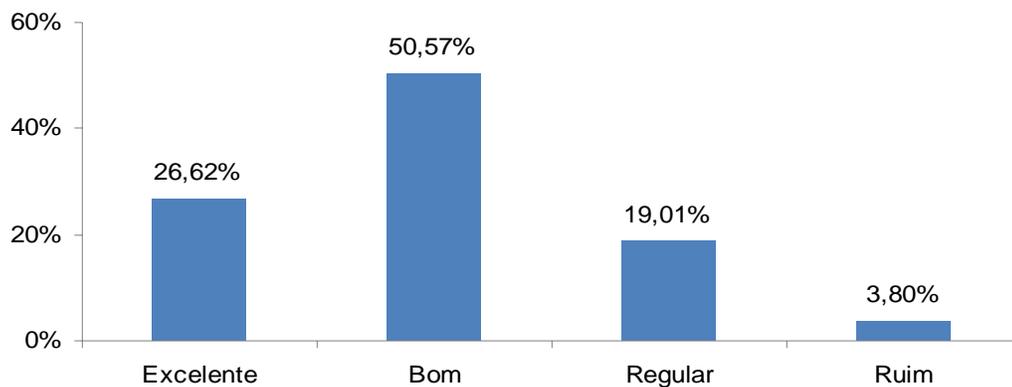


**Gráfico 21** – Do que os entrevistados mais gostam na Avenida.

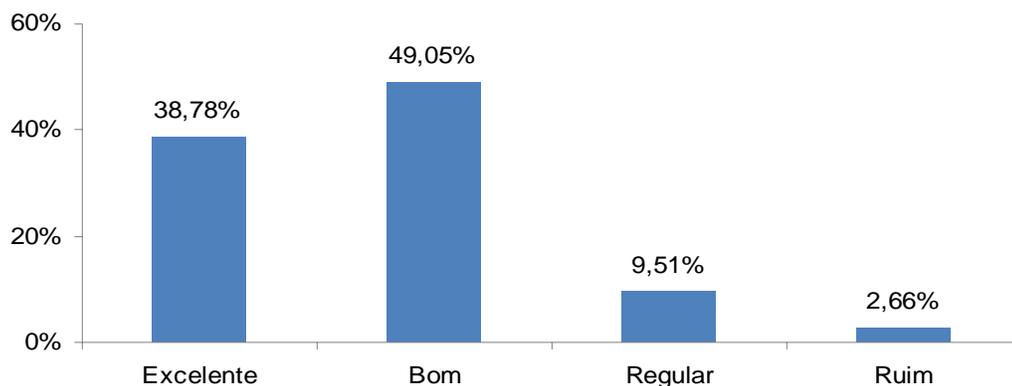
De uma maneira geral, os usuários e freqüentadores consideram que a imagem da Avenida é boa em relação à sua paisagem natural (árvores, jardins, paisagismo), às edificações antigas preservadas, à arquitetura existente em seu entorno, ao mobiliário urbano, à iluminação noturna e à conservação e manutenção (ver gráficos 22, 23, 24, 25, 26, 27). Somente em relação à segurança, os entrevistados, em sua maioria, atribuíram o conceito “regular” (gráfico 28). A questão da segurança é um problema de âmbito nacional, contudo é importante ser salientado para as autoridades competentes como um fator inibidor do uso do espaço público, garantido constitucionalmente.



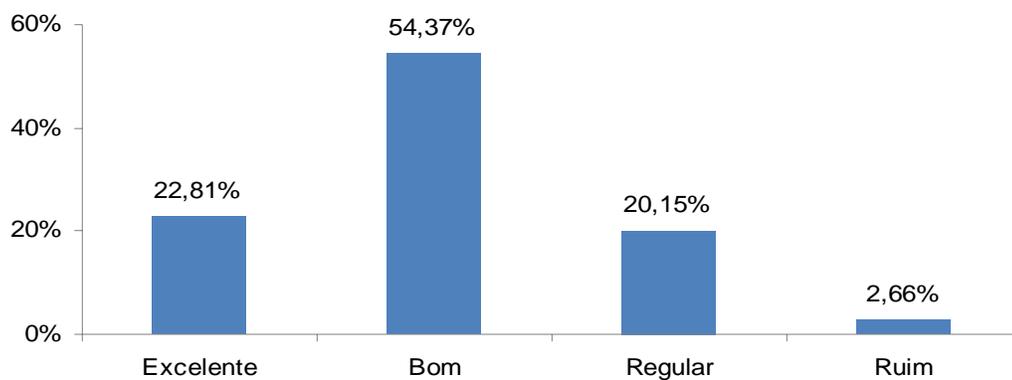
**Gráfico 22** – Classificação da Paisagem natural segundo os entrevistados.



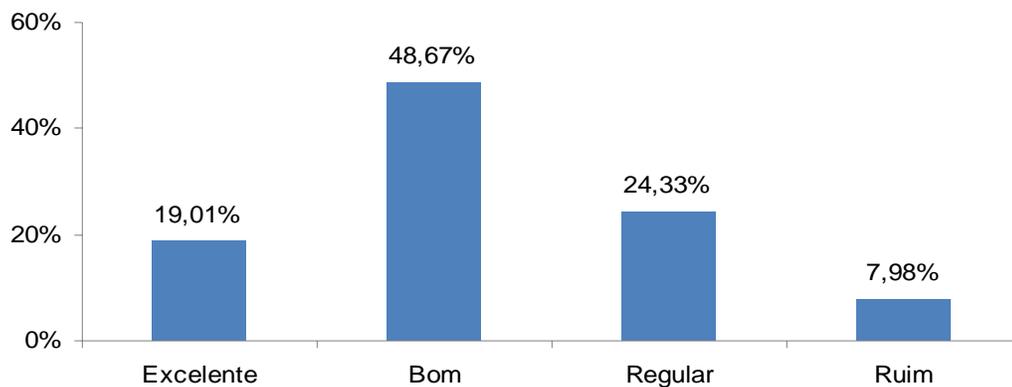
**Gráfico 23** – Classificação das Edificações antigas segundo os entrevistados.



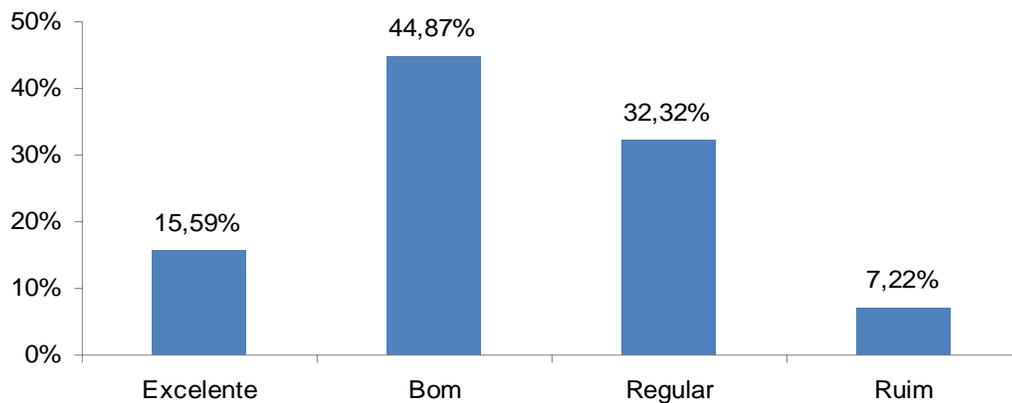
**Gráfico 24** – Classificação da Arquitetura existente segundo os entrevistados.



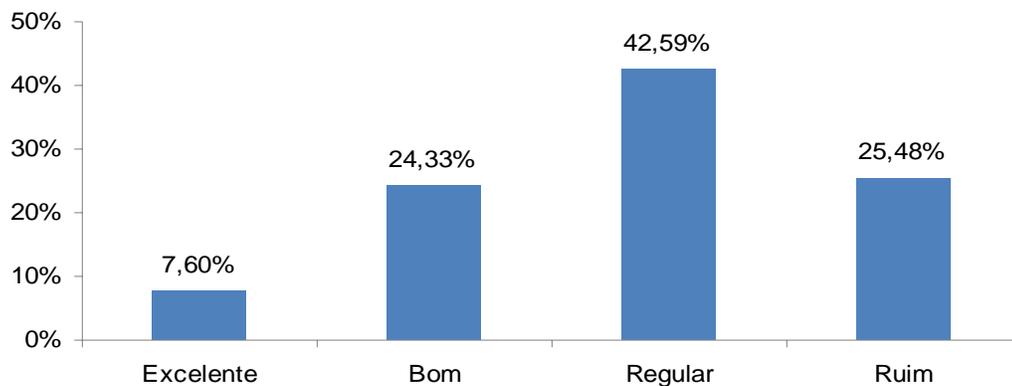
**Gráfico 25** – Classificação do Mobiliário Urbano segundo os entrevistados.



**Gráfico 26** – Classificação da Iluminação Noturna segundo os entrevistados.

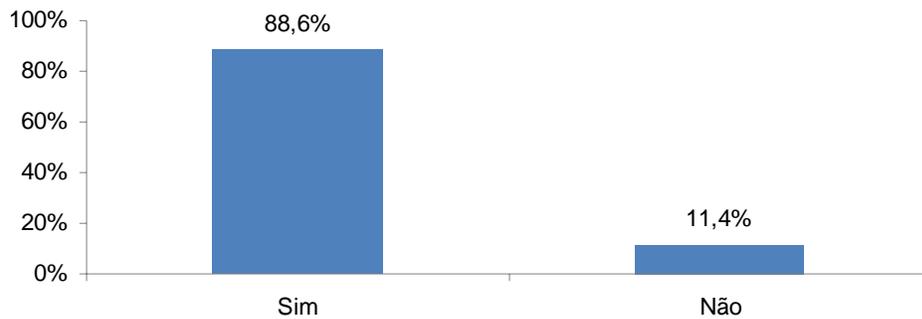


**Gráfico 27** – Classificação da Conservação e Manutenção segundo os entrevistados.

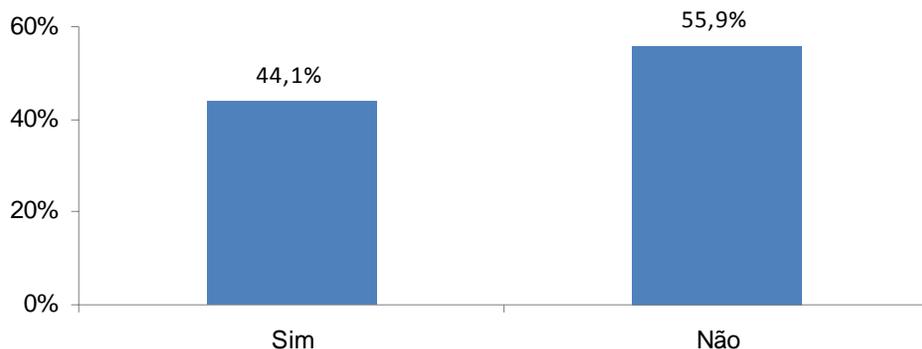


**Gráfico 28** – Classificação da Segurança segundo os entrevistados.

Como foi verificado nos gráficos de classificação dos atributos da Avenida, esse espaço público é considerado pela população um local bonito, tradicional, bem conservado. No gráfico 29, percebeu-se também, que, pela maioria dos entrevistados, é considerado um local agradável para a permanência durante o dia. Os entrevistados alegaram que é um espaço público com uma bela paisagem natural, possui bancos e árvores frondosas para a apreciação e contemplação. Os que não a consideram agradável durante o dia, justificaram pela pouca sombra nos bancos e por ser muito movimentada. Já durante a noite, os entrevistados, em sua maioria, não a consideram agradável, pela ocorrência de assaltos, falta de segurança e policiamento. Os entrevistados que consideram a Avenida agradável durante a noite justificaram pela tranquilidade (pouco movimento) no período noturno.

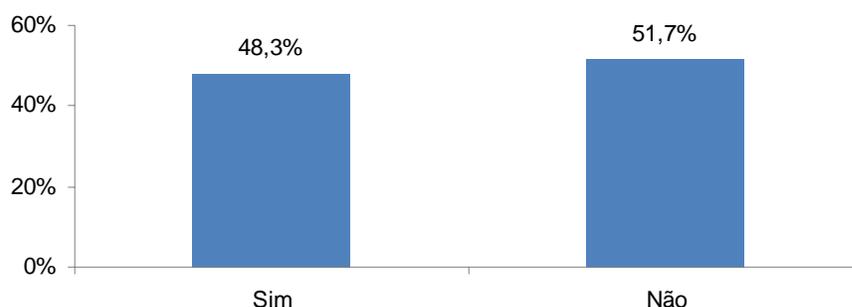


**Gráfico 29** – Percentual dos entrevistados que consideram a Avenida um local agradável para a permanência durante o dia.



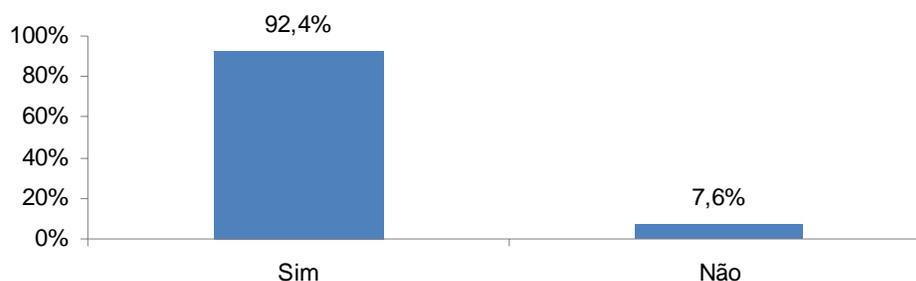
**Gráfico 30** – Percentual dos entrevistados que consideram a Avenida um local agradável para a permanência durante a noite.

Com relação a existência de estabelecimentos comerciais (barzinhos/restaurantes) na Avenida, o gráfico 31 demonstrou a preocupação da maioria dos entrevistados em não denegrir a imagem da Avenida. Pouco mais da metade dos entrevistados (57%) disseram que bares no local poderiam tirar a tranquilidade, poluir as praças e deteriorar a paisagem natural. A lei de uso e ocupação do solo vigente na cidade de Patos de Minas não permite o uso comercial na Avenida. Percebe-se que a legislação específica para esse espaço está atendendo os anseios da população, que prefere o local com suas belezas cênicas e seu valor histórico-cultural.



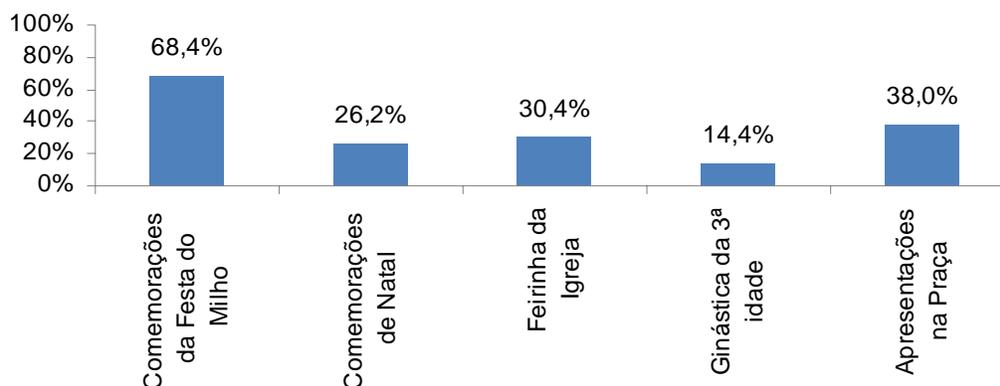
**Gráfico 31** – Percentual dos entrevistados que gostariam da existência de estabelecimento comercial (tipo barzinhos e restaurantes) na Avenida.

A função social de um espaço público, entre outras coisas, é promover o encontro entre as pessoas e manifestações populares. Desta forma, constatou-se através do gráfico 32 que esta função está sendo exercida na Avenida, pois a maioria dos entrevistados acredita que a Avenida possibilita encontro e manifestações, principalmente pela sua amplitude espacial, localização central e existência de espaços específicos para tais acontecimentos.



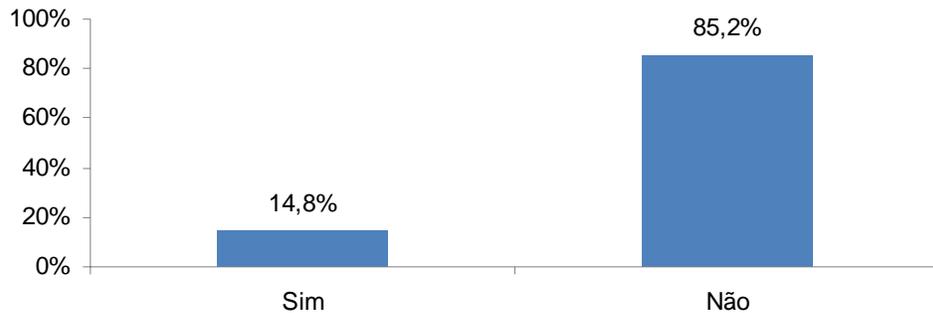
**Gráfico 32** – Percentual dos entrevistados que acreditam que a Avenida possibilita encontro entre as pessoas e manifestações populares.

Ainda em relação à função social de um espaço público, dos eventos e atividades realizados na Avenida, pôde-se constatar que as comemorações da Festa do Milho são os eventos que mais atraem e agradam a população patense. A justificativa é a sua tradição para a história cultural da cidade de Patos de Minas, e, principalmente, nos dias atuais, pela inclusão social da população de baixa renda nas atrações da Fenamilho (Festa do Milho). As comemorações vão desde o desfile no dia 24 de maio (aniversário da cidade) aos shows gratuitos de bandas regionais durante toda a realização da festa (todo o mês de maio). As apresentações na praça, citadas também como opções de lazer acontecem esporadicamente no decorrer do ano, porém se intensificam no mês de maio. Todas as atrações verificadas no gráfico 33 são gratuitas e possibilitam o encontro de pessoas de diferentes classes sociais.



**Gráfico 33** – Eventos e atividades na Avenida que mais agradam os entrevistados.

O gráfico 34 demonstra que a maioria dos entrevistados acredita que não há mais atrativos além dos que foram citados acima. Porém, vários citaram ainda a “blitz educativa”, amostras culturais, a Festa Junina da Escola Normal, apresentações no Teatro, passeatas, Festa de Santo Antônio, Feira de Artesanato, Feira da Pechincha, manifestações e reivindicações, eventos de venda de carro, ensaio das fanfarras escolares e comemorações do Dia das Crianças. Portanto, percebe-se que além de uma paisagem natural agradável, um cartão postal, a Avenida é vivenciada pela população.



**Gráfico 34** – Existência de outros atrativos na Avenida além dos citados segundo os entrevistados.

Outra etapa do estudo de percepção ambiental foi a confecção dos mapas mentais que consistem em descrições mentais do ambiente. Após a aplicação do questionário, o entrevistado foi convidado a desenhar a Avenida, segundo sua percepção e imagens marcantes. A maioria dos entrevistados não quis desenvolver o mapa mental, por estar sem tempo ou se sentir incapaz de expor suas idéias através de um desenho. Contudo, os 10% que optaram por fazer o mapa mental foram suficientes para detectar a legibilidade e identidade do objeto de estudo.

Percebeu-se, na maioria dos desenhos, a imagem que os entrevistados têm da Avenida: uma imensa praça. A paisagem natural e a identificação das diversas quadras aparecem em praticamente todos os desenhos. A maioria também identificou os principais prédios do entorno (Catedral, Teatro, Rádio Clube, Prefeitura, Hospital Imaculada, o PTC, a Escola Marcolino, o Fórum, a Escola Normal). Para as crianças, a imagem marcante é a Igreja (Catedral) (ver figuras 47, 48, 49, 50, 51 e 52).



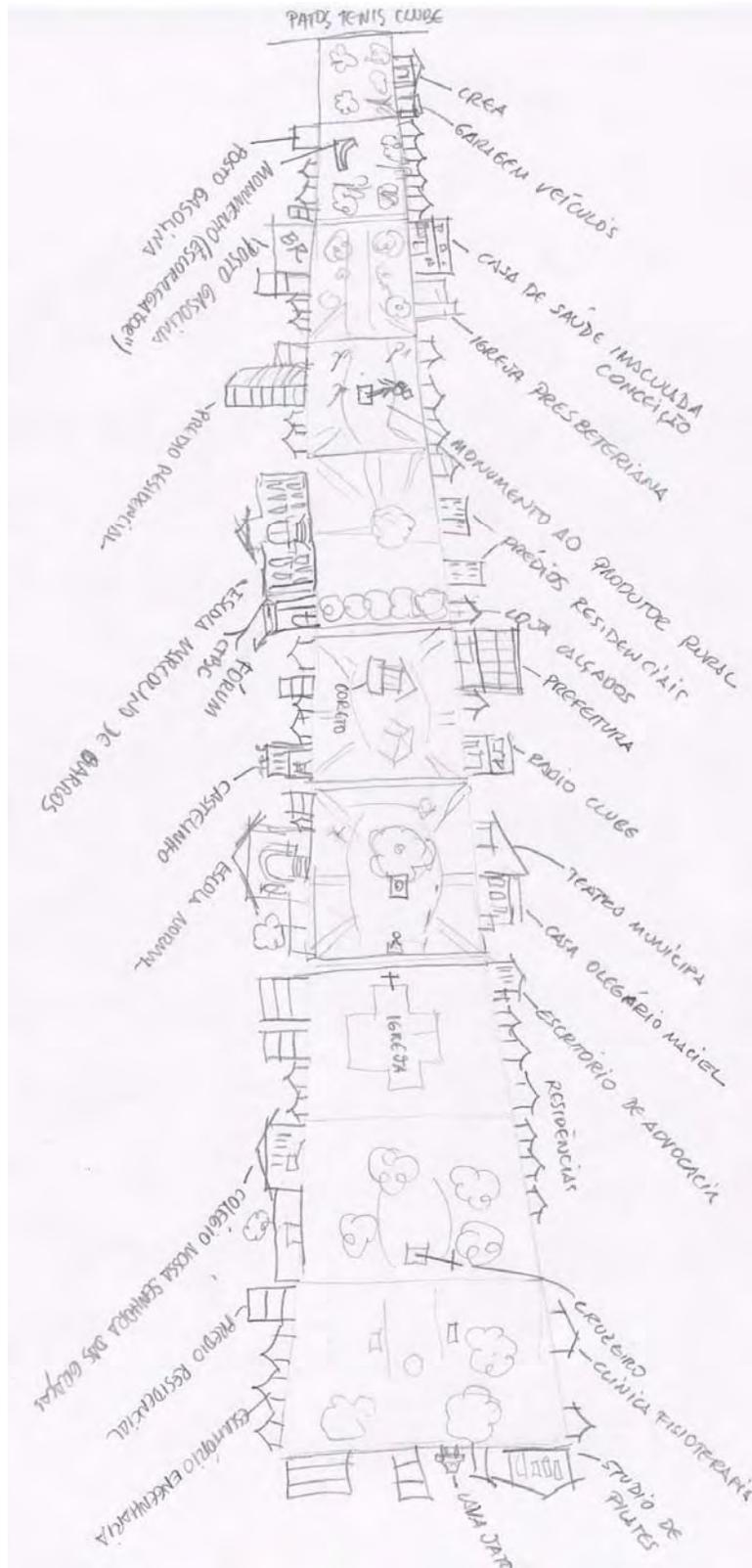


Figura 49 - Mapa Mental (desenho 3).  
 Fonte: Arquivo do autor, 2007.

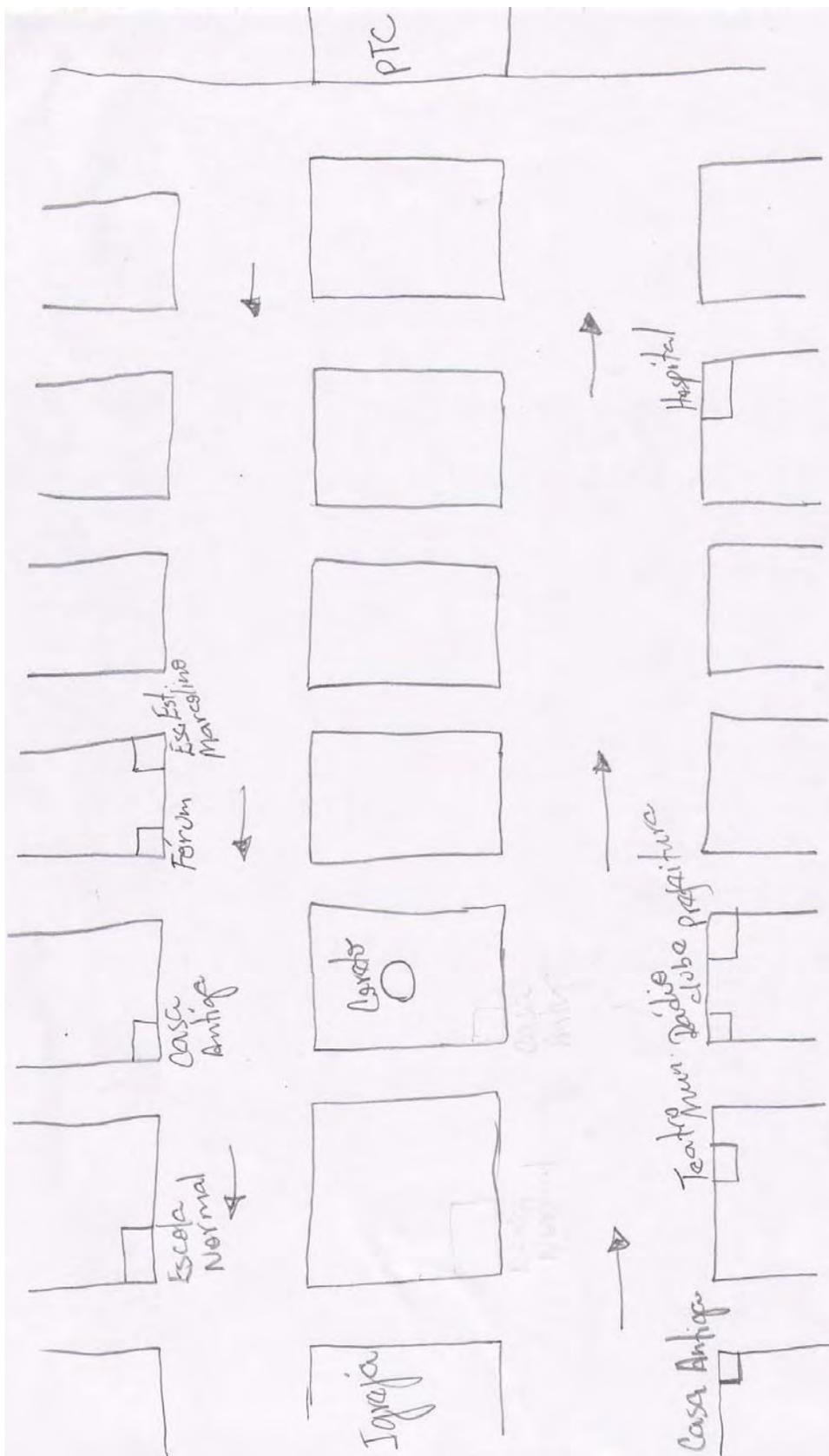


Figura 50 - Mapa Mental (desenho 4).  
 Fonte: Arquivo do autor, 2007.

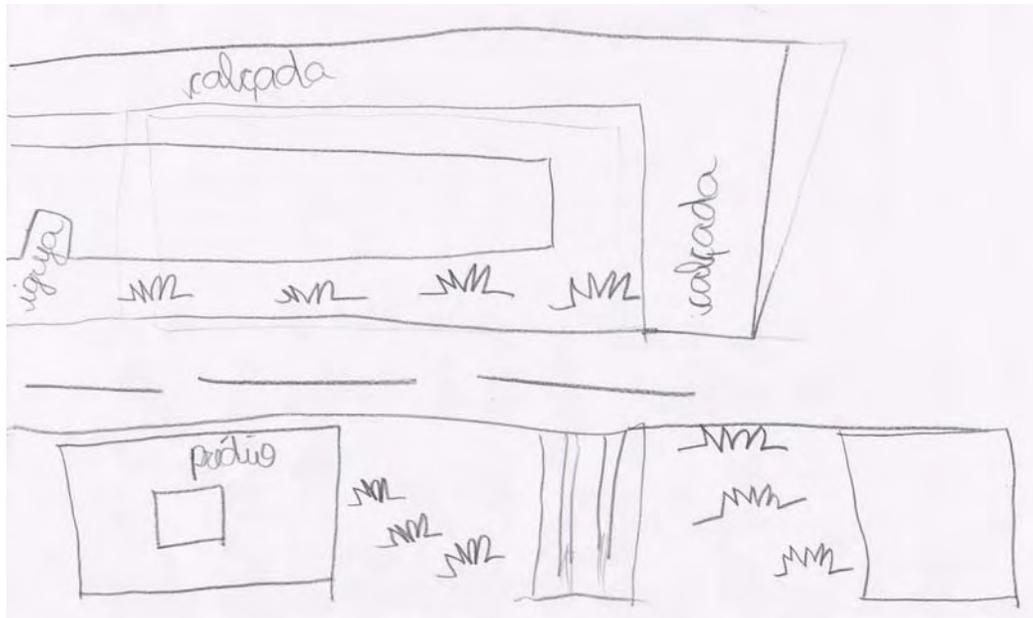


Figura 51 - Mapa Mental ((desenho 5 (idade: 7 anos)).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 52 - Mapa Mental ((desenho 6 (idade: 8 anos)).  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.

### **5.3. ANÁLISE PAISAGÍSTICA**

#### **5.3.1 INVENTÁRIO DAS ESPÉCIES**

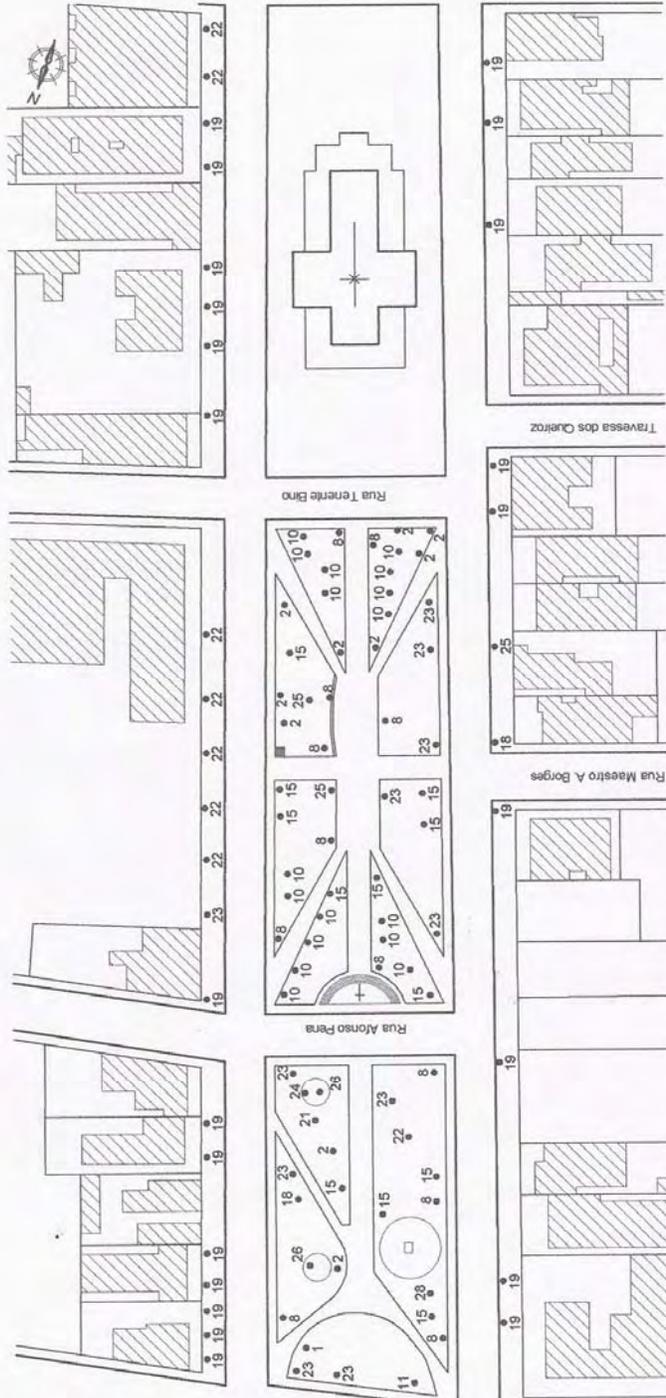
Para uma melhor compreensão do levantamento das espécies arbóreas na área de estudo, foram confeccionados mapas com a localização das amostras em cada trecho (ver Mapas 7 – Espécies Arbóreas (Trechos I, II e III)) e uma tabela das ocorrências das espécies encontradas com a respectiva identificação no mapa (ver Tabela 1).

Como foi dito na metodologia, o levantamento florístico foi baseado na coleta de material botânico, em estágio reprodutivo, de todas as plantas que apresentaram CAP  $\geq$  60 cm, sendo que cada planta levantada recebeu um número de campo, através da fixação de uma plaqueta de alumínio e, da identificação no mapa.

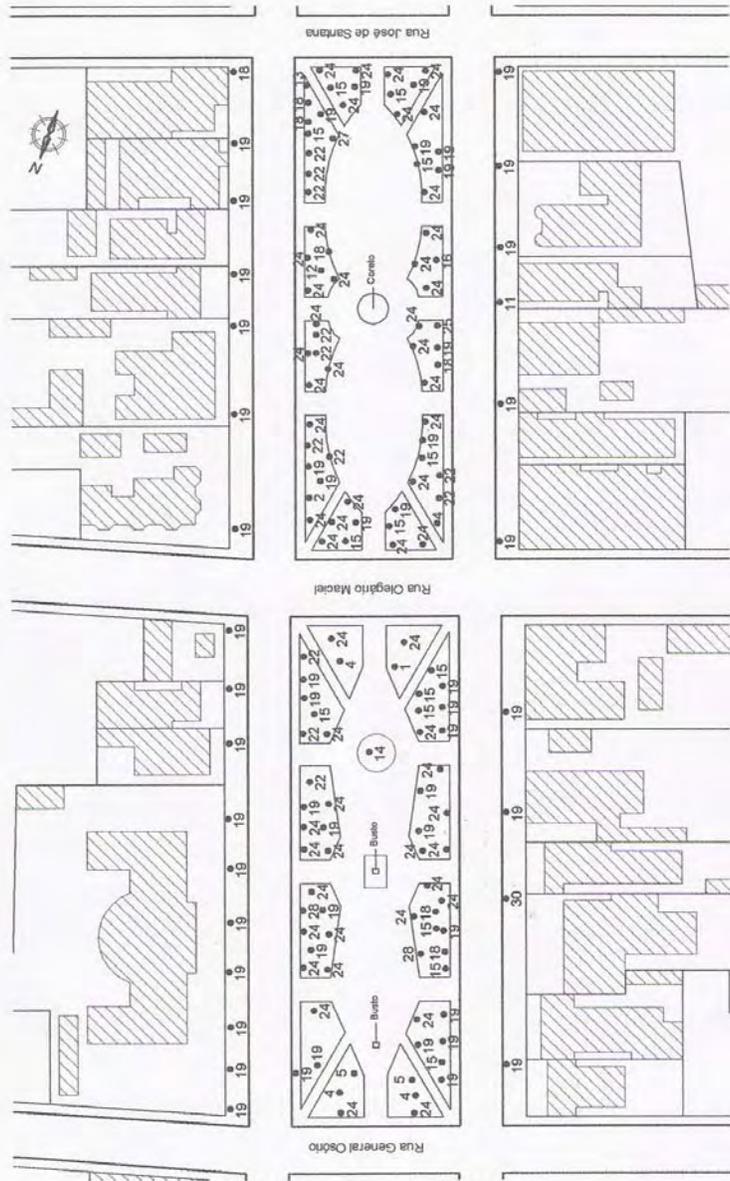
Na coleta de dados, foram encontrados 548 indivíduos e 30 espécies diferentes. Verificou-se que muitas espécies estão ainda jovens devido à substituição e reforma paisagística no ano 2000. Não há documentado nenhum projeto paisagístico específico para a Avenida Getúlio Vargas. A administração desse espaço público é de responsabilidade da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura e das empresas que possuem convênio para auxiliar na manutenção e conservação de algumas quadras específicas.

Identificou-se que toda alteração no paisagismo dos canteiros das quadras da Avenida é feita de forma aleatória e sem critérios específicos. Não há registros cadastrais do desenho das quadras da Avenida, não há inventário da vegetação anterior, nem existente.

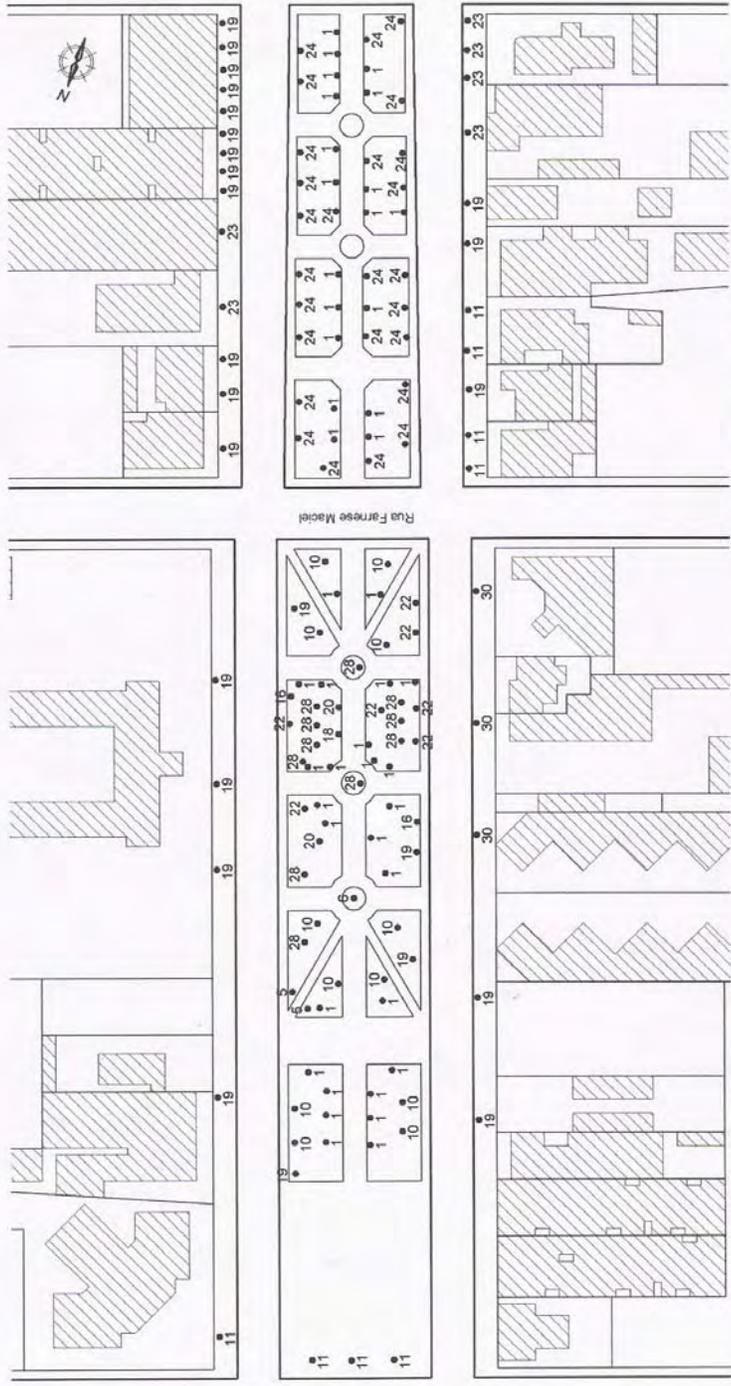
Desta forma, o inventário das espécies e a respectiva localização no mapa será um instrumento importante para auxiliar em projetos de paisagismo futuros para a Avenida Getúlio Vargas, além de documentar as espécies hoje existentes.



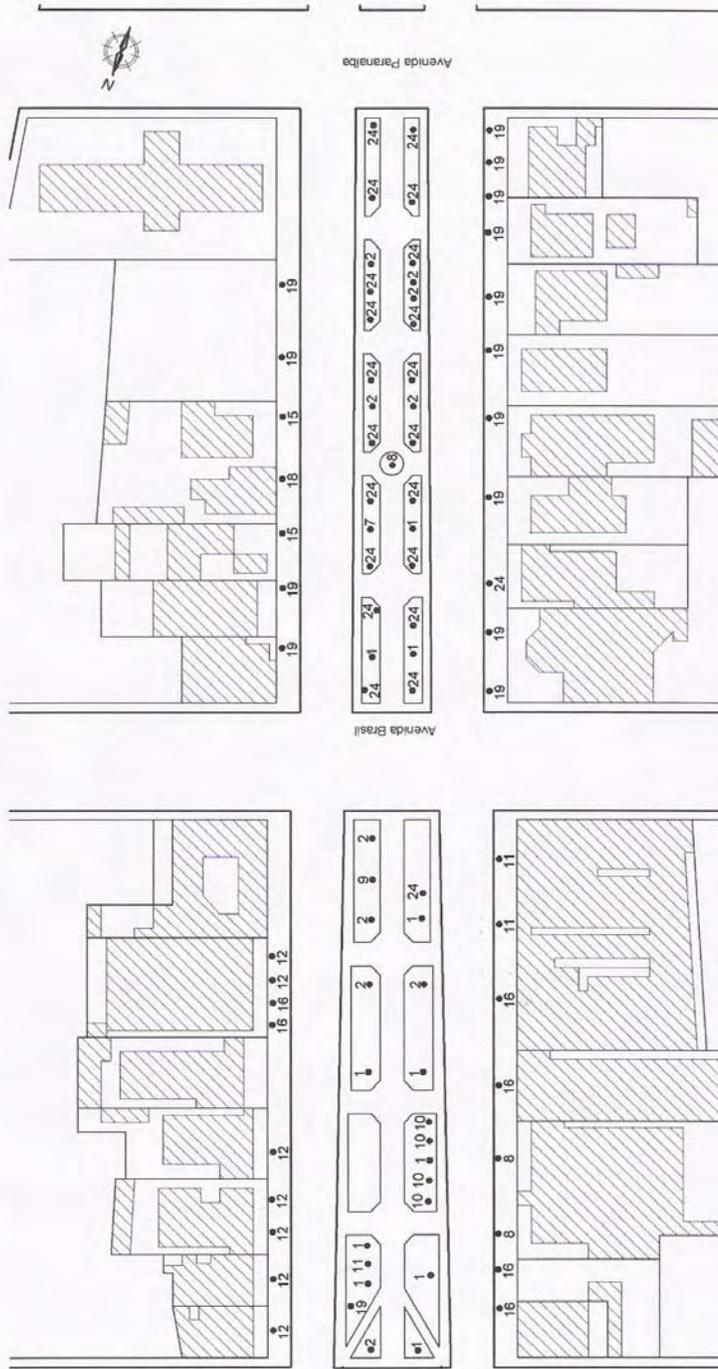
Mapa 7 - Espécies Arbóreas (Trecho I - Qs 1,2,3)



Mapa 7 - Espécies Arbóreas (Trecho II - Qs 4,5)



Mapa 7 - Espécies Arbóreas (Trecho II-Q 6 e III-Q 7)





**Tabela 1** – Ocorrência de espécies arbóreas amostradas na Avenida Getúlio Vargas/ Praça Dom Eduardo em Patos de Minas-MG.

Nº mapa	Nome Popular	Espécie	Ocorrência
1	Ipê	<i>Tabebuia</i> sp.	68
2	Sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	28
3	Bouganville	<i>Bouganvillea glabra</i>	15
4	Pau Brasil	<i>Caesalpinia echinata</i>	5
5	Calistemo	<i>Callistemon atrinus</i>	5
6	Paineira barriguda	<i>Chorisia speciosa</i>	1
7	Pau branco	<i>Colycophyllum multiflorum</i>	1
8	Palmeirinha chinesa	<i>Cyca revoluta</i>	22
9	Baru	<i>Dipteryx alata</i>	3
10	Palmeira areca bambu	<i>Dypsis lutescens</i>	41
11	Ficus	<i>Ficus benjamina</i>	22
12	Ficus	<i>Ficus benjamina variegata</i>	1
13	Hibisco variegata	<i>Hibiscus purpureus</i>	2
14	Cutieira	<i>Joanesia princeps</i>	1
15	Coeleutéria	<i>Koelreuteria bipinnata</i>	16
16	Resedá ou Estremosa	<i>Lagerstroemia indica</i>	3
17	Folhinha, Guaraperê	<i>Lamanonia speciosa</i>	7
18	Oiti	<i>Licania tomentosa</i>	17
19	Uvinha	<i>Ligustrum lucidum</i>	114
20	Hibisco	<i>Malvaviscus arboreus</i>	2
21	Sucupira-Branca	<i>Pterodon emarginatus</i> vog.	1
22	Falsa - Murta	<i>Murraya exotica</i>	26
23	Canafistula	<i>Peltophorum dubium</i>	8
24	Palmeira imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	110
25	Aroeira-salsa ou chorão mexicano	<i>Schinus molle</i>	5
26	Caninha de macaco	<i>Strelitzia nicolai</i>	2
27	Palmeira jerivá	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	1
28	Tuia oriental ou Pinheiro de jardim	<i>Thuja plicata</i>	11
29	Quaresmeira	<i>Tibouchina granulosa</i>	6
30	Murta Comum	<i>Myrtus communis</i>	4

Nº de espécies: 30

Total de árvores: 548

As espécies mais encontradas na área de estudo podem ser verificadas também na Tabela 2, e também nas figuras 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62.

**Tabela 2** – Espécies arbóreas de maior ocorrência na Avenida Getúlio Vargas/Praça Dom Eduardo em Patos de Minas-MG.

Ordem de classificação	Nº mapa	Nome Popular	Espécie	Ocorrência (%)
1º	19	Uvinha	<i>Ligustrum lucidum</i>	20,8
2º	24	Palmeira Imperial	<i>Roystonea oleracea</i>	20,07
3º	1	Ipê	<i>Tabebuia</i> sp.	12,41
4º	10	Areca-Bambu	<i>Dypsis lutescens</i>	7,50
5º	2	Sibipiruna	<i>Caesalpinia peltophoroides</i>	5,11
6º	22	Falsa-Murta	<i>Murraya exotica</i>	4,74
7º	11	Fícus	<i>Ficus benjamina</i>	4,01
8º	8	Palmeira Chinesa	<i>Cyca revoluta</i>	4,01
9º	18	Oiti	<i>Licania tomentosa</i>	3,10
10º	15	Coeleutéria	<i>Koelreuteria bipinnata</i>	2,92



Figura 53 – Uvinha.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 54 – Palmeira Imperial.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 55 – Ipê.  
Fonte: Arquivo do autor, 2007.



Figura 56 – Areca-Bambu  
Fonte: Arquivo do autor, 2007



Figura 57 – Sibipiruna  
Fonte: Arquivo do autor, 2007



Figura 58 – Falsa-Murta  
Fonte: Arquivo do autor, 2007



Figura 59 – Ficus  
Fonte: Arquivo do autor, 2007



Figura 60 – Palmeirinha Chinesa  
Fonte: Arquivo do autor, 2007



Figura 61 – Oiti  
Fonte: Arquivo do autor, 2007

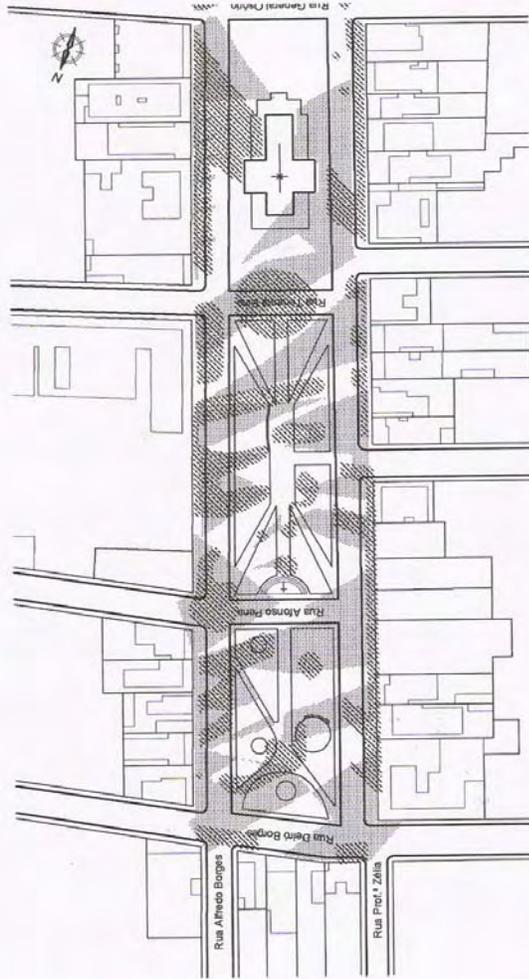


Figura 62 – Coeleutéria  
Fonte: Arquivo do autor, 2007

### 5.3.2 MAPA DE SOMBRA

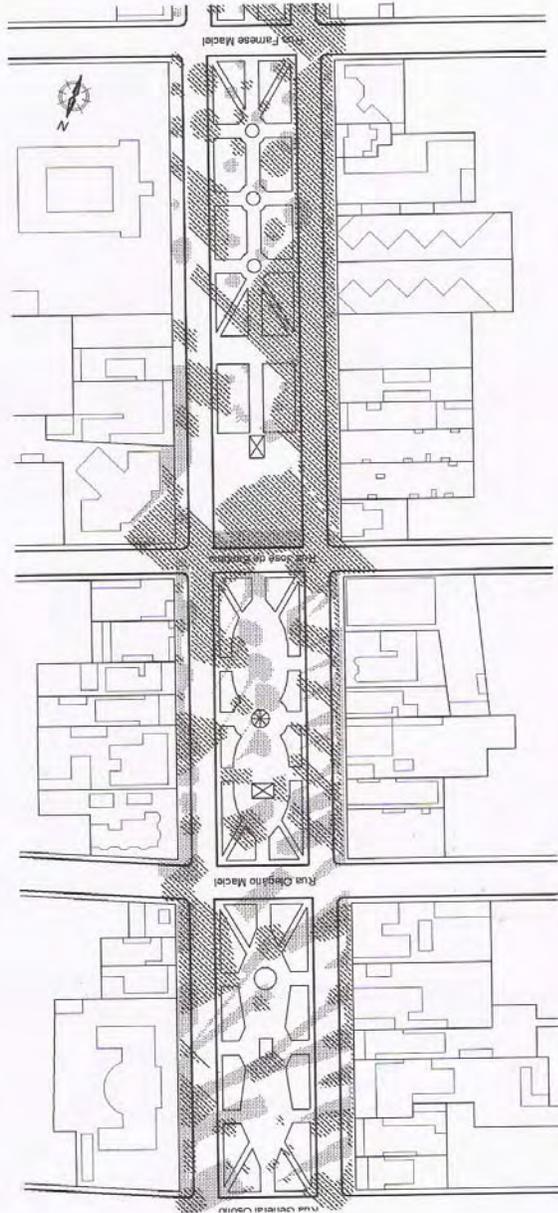
Para a análise da eficiência das árvores ao longo de todos os trechos da Avenida, assim como a influência dos prédios do entorno no sombreamento local, foram gerados os mapas de sombra de cada trecho (ver Mapas 8 – Mapa de Sombra (Trechos I, II e III)). Devido à época em que foram feitos os levantamentos (final de maio e início de junho), período de inverno, verificou-se que em grande parte de toda a área estudada há faixas consideráveis de sombra, principalmente à tarde. A sombra da manhã é verificada pela existência das árvores e a sombra da tarde, principalmente pela influência dos edifícios através, também, da posição do sol no início e final da tarde. Contudo, uma análise mais cuidadosa demonstra que nos limites dos canteiros das quadras, onde se posicionam os bancos, há incidência de sol praticamente o dia todo. Verifica-se, então, que o posicionamento dos bancos e/ou das espécies arbóreas não está adequado para dar condições de boa qualidade ambiental em virtude da insolação.

Como anteriormente verificado, não há registro de projetos paisagísticos para a área estudada. É importante ressaltar, que por ser um bem tombado pelo município, deveria haver um maior cuidado nas intervenções feitas na Avenida Getúlio Vargas. Assim, a identificação das espécies e o estudo do mapa de sombra são fundamentais para qualquer reformulação e intervenção no traçado e paisagismo das quadras da Avenida.



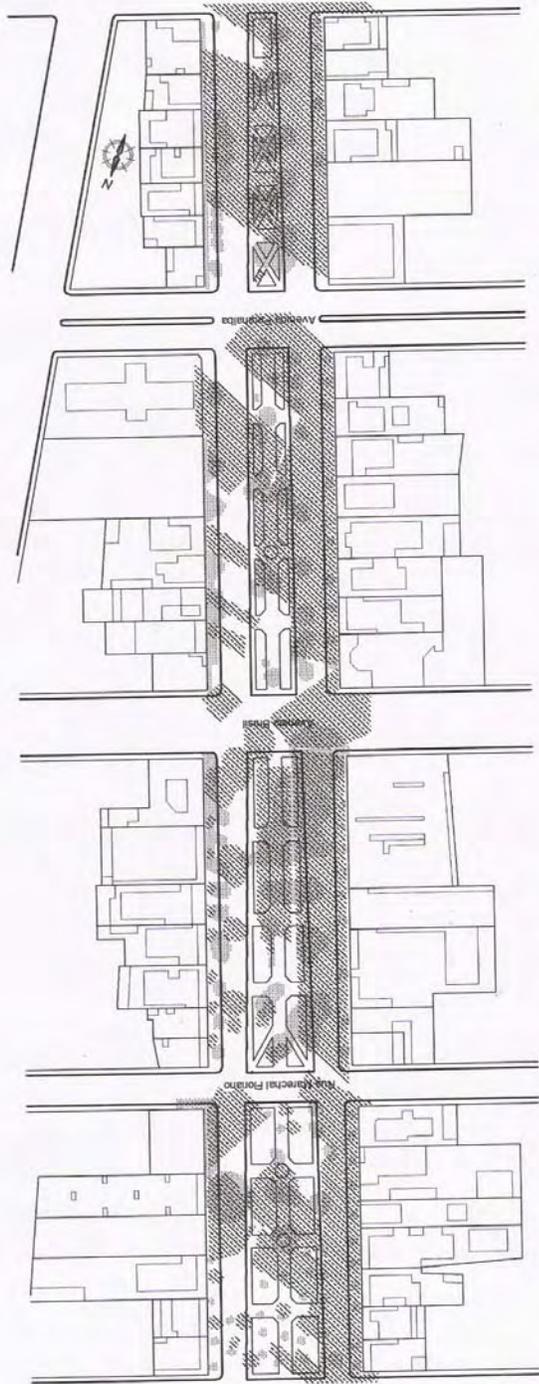
-  Sombra - manhã
-  Sombra - tarde
-  Sombra o dia todo
-  Sol o dia todo

Mapa 8 - Mapa de Sombra (Trecho I)  
 31-05-2007 / 8:00-10:00 e 14:00-17:00 hs



- Sombra - manhã
- Sombra - tarde
- Sombra o dia todo
- Sol o dia todo

Mapa 8 - Mapa de Sombra (Trecho II)  
31-05-2007 / 8:00-10:00 e 14:00-17:00 hs



- Sombra - manhã
- Sombra - tarde
- Sombra o dia todo
- Sol o dia todo

Mapa 8 - Mapa de Sombra (Trecho III)  
 31-05-2007 / 8:00-10:00 e 14:00-17:00 hs

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ressaltou a importância dos espaços públicos na história da cidade, relacionando-os com a paisagem e a com a realidade social. Apontou-se para as funções destes espaços na malha urbana e sua influência nas relações cotidianas entre as pessoas. Analisou-se a paisagem urbana a partir do exame dos elementos naturais, socioculturais e construídos, entendendo a cidade como um elemento que constitui parte da natureza.

O papel das áreas livres públicas na vida social cumpre a função de receber práticas cotidianas e cerimoniais que tanto reúnem grupos homogêneos, quanto indivíduos econômica e socialmente diferentes.

No caso de Patos de Minas, muito mais que uma função ecológica e social, a Avenida Getúlio Vargas exerce a função de testemunha histórica e cultural da cidade. Ela é o núcleo inicial da evolução urbana da cidade, refletindo as tendências do Urbanismo Moderno com que várias capitais brasileiras foram reformadas, como o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, influenciadas pela Paris de Haussmann.

Através da pesquisa, principalmente pela análise da morfologia urbana e de percepção ambiental, constatou-se que as transformações do espaço urbano, no que se refere à revelação da identidade cultural, foram conduzidas pelas unidades morfológicas e se caracterizaram tanto pela geometria, na sua percepção pelos usuários, quanto por seu desenho, expresso em representações gráficas. Além disso, verificou-se que a tipologia arquitetônica e os usos no entorno da Avenida interferem na utilização daquele espaço público. A semelhança entre determinadas quadras orientou a delimitação de três trechos que possuem características distintas em relação ao tratamento das quadras (pisos, canteiros, paisagismo), uso e prédios do entorno.

O Trecho I caracterizou um espaço com aspecto de praça de bairro. Apesar da baixa frequência de pessoas, notou-se uma maior incidência de jovens praticando esporte (*skates*) e casais sentados nos bancos. No Trecho II, marcado pelo uso institucional, verificou-se uma maior aglomeração de pessoas e uma imagem mais forte para os usuários da Avenida. A presença dos prédios públicos e dos edifícios tombados no seu entorno, assim como as diversas atividades que ali são desenvolvidas facilitam a legibilidade e a imageabilidade do lugar. O Trecho III mostrou-se mais restrito, talvez pela conformação estreita das quadras ou pela concentração maior de edifícios residenciais multifamiliares.

Outro aspecto interessante identificado a partir da análise foi a identidade cultural, entendida como a possibilidade de expressar costumes, tradições e valores, evocando certos grupos sociais. Essa associação pode ser observada a partir da capacidade simbólica dos lugares, mas também ser entendida a partir da potencialidade afetiva do espaço. Observar o desempenho dos lugares quanto à revelação de sua identidade cultural implica considerar sujeitos situados no interior do espaço, cujas condições de apreensão obedecem às leis da percepção: o movimento do observador, a seleção e a transformação de informações.

Desta forma, verificou-se que existe uma forte identidade da população com a Avenida Getúlio Vargas. Ela é utilizada como passagem, como contemplação, como lazer e, também, como um “museu aberto”. A identificação da Avenida como parte da história ficou clara nos questionários, principalmente quando os entrevistados propuseram um Centro Cultural na atual sede da Prefeitura, pelo fato de haver edifícios históricos importantes em seu entorno e ser a origem da ocupação urbana da cidade.

Verificou-se que a paisagem natural é o que mais agrada aos usuários, mas a paisagem construída (como os edifícios históricos) também foi significativamente mencionada. A questão da segurança foi a única considerada regular e ruim para os entrevistados, item que merece destaque para se buscar alternativas para a solução do problema.

Um aspecto que também chamou a atenção foi o fato de grande parte da população não estar consciente da transferência da atual sede da Prefeitura para o novo Centro Administrativo. As obras já foram iniciadas, houve divulgação na TV local (NTV) e nos jornais e rádios da cidade desde a execução do projeto, porém não houve um alcance significativo. Contudo, esta mudança não causou uma preocupação à população que acredita que as atividades desenvolvidas na Avenida Getúlio Vargas são suficientes para manter a vitalidade do seu espaço. Além disso, propõem atividades culturais na atual sede da Prefeitura, mantendo a vocação histórica do referido espaço público.

A população, assim como o poder público municipal, demonstrou uma preocupação em manter o caráter institucional, histórico e cultural da Avenida. O uso comercial (principalmente bares e restaurantes) não foi uma proposta aceita pelos entrevistados que temem a perda da tranqüilidade e a poluição da paisagem natural.

Outra questão relevante foi o importante papel social que as atividades desenvolvidas na Avenida Getúlio Vargas desempenham. Percebe-se que a população se sente incluída socialmente, principalmente durante as festividades da Festa do Milho.

A análise qualitativa de espaços públicos auxilia o planejador urbano a buscar uma visão clara sobre a condição física do espaço público no meio urbano, levando-o a

elaborar projetos de manutenção e/ou reestruturação em consonância com os anseios da comunidade. Dessa forma é possível dispor desses espaços na cidade não somente como um fragmento ou retalho do seu traçado urbano, mas também como um espaço onde o cidadão possa estar para vivenciar seu tempo com qualidade ambiental.

Os resultados alcançados na pesquisa revelaram a percepção e o uso dos freqüentadores da Avenida Getúlio Vargas, bem como seus anseios e expectativas, constituindo importante referência para direcionar futuras intervenções naquele lugar.

Com o estudo da percepção ambiental e dos aspectos paisagísticos e urbanísticos da área, poder-se-á propor reformulações, projetos, programas e intervenções que estejam de acordo com a necessidade e anseio da população.

## RECOMENDAÇÕES

- Executar um projeto urbanístico/paisagístico visando:
  - padronização do mobiliário urbano e do piso das quadras;
  - reposicionamento dos bancos em relação à arborização e ao estudo de sombreamento;
  - implantação de mais postes de iluminação de pedestres, principalmente na Praça Dom Eduardo (Trecho I);
  - implantação de uma pequena pista de *skates* na primeira quadra da Praça Dom Eduardo (Trecho I);
  - implantação de mesinhas contendo tabuleiro de damas nos Trechos I e II;
- Estabelecer convênio para a conservação e manutenção dos jardins dos canteiros das outras quadras da Avenida Getúlio Vargas;
- Implantar placas de identificação das espécies arbóreas mais relevantes a exemplo da Paineira Barriguda para incentivar o processo pedagógico e a consciência ambiental;
- Elaborar um plano de segurança juntamente com a Polícia Militar para o patrulhamento no período noturno em toda extensão da Avenida Getúlio Vargas;
- Direcionar atividades culturais e esportivas para crianças e adolescentes, principalmente na Praça Dom Eduardo (Trecho I);
- Promover feiras de artesanato semanais;
- Elaborar um projeto arquitetônico de reforma na atual sede da Prefeitura Municipal (Palácio dos Cristais) visando abrigar um Centro Cultural, com espaços destinados a exposições, museu, mini-anfiteatro, salas para oficinas e mini-cursos, etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGACHE, Alfred. **Cidade do Rio de Janeiro, remodelação, extensão e embelezamento (Plano Agache)**. Rio de Janeiro: Ed. Foyer Brésilien, 1930.

ALFREDO, Anselmo. O mundo moderno e o espaço: apreciações sobre a contribuição de Henri Lefebvre. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**. nº 19, pp, 53-79. São Paulo, 2006.

ARANTES, Otilia. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp,1998.

BITTENCOURT, Leonardo. **Uso das cartas solares. Diretrizes para arquitetos**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2000.

BONET CORREA, Antonio. **Las Claves del Urbanismo**. Barcelona: Ariel, 1989.

BURLE MARX, Roberto. **Arte e Paisagem – conferências escolhidas**. São Paulo: Nobel, 1987.

CHOAY, F. **O urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COELHO, M. C. N. Impactos ambientais em áreas urbanas – Teorias, conceitos e métodos de pesquisa. In: **Impactos ambientais urbanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap.1. p. 19-45, 2001.

COELHO NETO, J. Teixeira. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DEL RIO, Vicente. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da percepção ambiental**. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP-SP, 1992.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano**. São Paulo: Editora PINI, 1990.

FIDALGO, O.; BONONI, V. L. (Coord.). **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico** (Manual n. 4). São Paulo: Instituto de Botânica, 1984.

FONSECA, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins – História de Patos de Minas**. Belo Horizonte: Ed. Ingrabrás, 1974.

FRAMPTON, Keneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 17,18.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho ambiental - uma introdução à arquitetura da paisagem como paradigma ecológico**. São Paulo: Anna Blume,1997.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. São Paulo: Papyrus,1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/MG.pdf>. Acesso em 10/10/2007.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UNB, 1996.

LAMAS, José Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, 2004.

LEME, Maria Cristina da Silva. A formação do pensamento urbanístico no Brasil, 1895-1965. In: LEME, Maria Cristina da Silva (org.). **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. Salvador: EDUFBA, 2005.

LEMOS, Celina Borges. A cidade republicana – Belo Horizonte, 1897-1930. In: **Arquitetura da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo: elaboração de projetos de jardins**. Coordenadores: Haroldo Nogueira de Paiva e Wantuelfer Gonçalves. Viçosa: UFV, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 1990.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e lugar. In: Vicente Del Rio e Lívia de Oliveira (Orgs.). In: **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

OLGYAY, Victor. **Arquitectura y clima**. Manual de diseño bioclimatico para arquitectos y urbanistas. Barcelona: Ediciones G. Gilli, 1998.

PEREIRA, Wilson. **A pedra de Minas – Poemas Gerais**. Brasília: Editora LGE, 2002.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968.

REZENDE, Vera. Evolução da Produção Urbanística na cidade do Rio de Janeiro, 1900-1950-1965. In: LEME, Maria Cristina da Silva (org.). **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. Salvador: EDUFBA, 2005.

REZENDE, A. P. S. O programa de compatibilização da arborização urbana com redes de energia elétrica da CEMIG. In: ENCONTRO PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 1, p. 336 – 339. **Anais**. Viçosa, MG: CMCN/DEF/UFV. 1997.

ROSSINI, R. E. **Natureza e sociedade**. Belo Horizonte: SESU/UFMG, 1983.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Cidades capitais do século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2001.

SAMPAIO, Antônio Heliodório de Lima. **Cartas de Atenas: com textos originais.** Faculdade de Arquitetura da UFBA: Salvador, 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Absent Bodies. In: DAVIDSON, Cyntia (Ed.). **Anybody.** Cambridge: MIT Press, 1997.

SOMMER, Robert. **Conscientização do design.** São Paulo: Brasiliense, 1979.

SOUZA, Juliana Castro. **Análise da paisagem: instrumento de intervenção nos espaços livres da Lagoa da Conceição – Florianópolis.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC. Florianópolis, 2003.

TERRA, C. G. **Jardins públicos e sua importância no espaço urbano: Rio de Janeiro - século XIX.** In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ARTE, 5. 1995, São Paulo - SP. Anais... v. 1., p. 97-101, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Topofília.** São Paulo: Difel, 1980.

VIANNA, Nelson S.; GONÇALVES, Joana Carla S. **Iluminação e arquitetura.** São Paulo: Virtus s/c Ltda, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel/FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

ZMITROWICZ, W.; ANGELIS NETO, G. **Infra-estrutura urbana.** São Paulo: EDUSP, 1997 (Texto Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, TT/PCC/17).

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO

---

Nº:

DATA:

HORA:

1. **Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

2. **Idade:** ( ) Até 15 ( ) 15 – 25 ( ) 25 – 35 ( ) 35 – 60 ( ) Acima de 60

3. **Nasceu em Patos de Minas?** ( ) Sim ( ) Não Se não, onde?

4. **Se reside em Patos de Minas, há quanto tempo reside?**

5. **Local de Trabalho:** ( ) Na Avenida ( ) No centro – próximo à Avenida ( ) Outro :

6. **Local de Moradia:** ( ) Na Avenida ( ) No centro – próximo à Avenida ( ) Outro :

7. **Profissão:**

8. **Escolaridade:**

( ) Ensino fundamental incompleto

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino fundamental completo

( ) Ensino superior incompleto

( ) Ensino médio incompleto

( ) Ensino superior completo

9. **Qual é a sua renda familiar?**

( ) até 1 salário mínimo

( ) de 8 a 12 salários

( ) de 1 a 2 salários

( ) de 12 a 15 salários

( ) de 2 a 4 salários

( ) maior que 15 salários

( ) de 4 a 8 salários

( ) não sabe

10. **Diga a primeira coisa que vem à sua cabeça quando você pensa na Avenida Getúlio Vargas:**

11. **Se fosse(m) necessária(s) alguma(s) mudança(s) na Avenida Getúlio Vargas qual(is) deveria(m) ser feita(s)?**

12. **Com a implantação do novo centro administrativo que tipo de atividade deveria funcionar na atual sede da Prefeitura?**

13. **Qual a frequência que você vem e/ou passa na Avenida Getúlio Vargas?**

( ) Todos os dias

( ) Cinco vezes na semana

( ) De duas à três vezes na semana

( ) Uma vez na semana

( ) Raramente

14. **Por quanto tempo você permanece na Avenida?**

( ) O dia todo

( ) Durante a noite

( ) Durante a manhã

( ) Por poucas horas

( ) Durante a tarde

( ) Alguns minutos

15. **O que você vem fazer na Avenida?**

( ) Utilizo de passagem para outros bairros

( ) Venho trabalhar

( ) Faço caminhada

( ) Participar de eventos religiosos

- Venho descansar  
 Esperar (ônibus/escola/hospital)  
 Venho passear  
 Venho praticar esportes (skate/bicicleta/patins)
- Participar de eventos comemorativos  
 Venho estacionar (carro/moto)  
 Venho encontrar com outras pessoas  
 Outros:

**16. Do que você mais gosta na Avenida?**

- Da paisagem (paisagismo)  
 Do mobiliário (bancos/coreto/etc.)  
 Da localização central  
 Da sua importância histórica para a cidade
- Da arquitetura existente (antiga e recente)  
 Das atividades ocasionais que são realizadas  
 Da tranquilidade  
 Estacionamento (gratuito - não zona azul)

**17. Classifique os atributos da Avenida Getúlio Vargas:**

- |   |  |
|---|--|
| Paisagem natural (árvores/jardins/paisagismo)           | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Edificações antigas preservadas existentes              | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Arquitetura existente (Igreja/Fórum/Prefeitura/Escolas) | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Mobiliário Urbano (Coreto/Bancos/Monumentos)            | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Iluminação noturna                                      | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Conservação e Manutenção                                | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Segurança   | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |

**18. Você considera que há árvores suficientes na Avenida para proporcionar sombra durante o dia?**

- Sim  
 Não

**19. Você gostaria que tivesse estabelecimentos comerciais (tipo barzinhos/restaurantes) na Avenida Getúlio Vargas?**

- Sim  
 Não

**20. Você acredita que a Avenida Getúlio Vargas é um espaço público que possibilita encontro entre as pessoas e manifestações populares?**

- Sim  
 Não

**21. Dos eventos e atividades que são realizados na Avenida, classifique-os de acordo com a sua preferência:**

- |                                |  |
|--------------------------------|--|
| Comemorações da Festa do Milho | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Comemorações do Natal          | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Feirinha da Igreja             | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Ginástica da 3ª idade          | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |
| Apresentações na Praça         | <input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim |